



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARIA HELENA CLARINDO GABRIEL**

**REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS SOCIOCULTURALMENTE SITUADAS DE  
VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE JOVENS BRASILEIROS QUE VIVEM NA  
PERIFERIA DE FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2025**

MARIA HELENA CLARINDO GABRIEL

REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS SOCIOCULTURALMENTE SITUADAS DE  
VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE JOVENS BRASILEIROS QUE VIVEM NA  
PERIFERIA DE FORTALEZA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.  
Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

G117r Gabriel, Maria Helena Clarindo.

Representações cognitivas socioculturalmente situadas de violência no cotidiano de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza. / Maria Helena Clarindo Gabriel. – 2025.  
130 f. : il.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Ana Cristina Pelosi.

1. metáforas. 2. frames. 3. violência. 4. juventude. I. Título.

CDD 410

---

MARIA HELENA CLARINDO GABRIEL

REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS SOCIOCULTURALMENTE SITUADAS DE  
VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE JOVENS BRASILEIROS QUE VIVEM NA  
PERIFERIA DE FORTALEZA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.  
Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovada em: 01/07/2025

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Profa. Dra. Claudiana Nogueira Alencar  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Profa. Dra. Kaline Girão Antonini  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Eduardo Alves da Silva  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Para Beatriz e Bruna.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), por proporcionar um fazer científico e acadêmico de excelência, reverberando a importância da educação pública para a sociedade.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Ceará (FUNCAP) pela concessão de bolsas de financiamento desta pesquisa, fundamental para o desenvolvimento e para a concretização desta tese.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas de financiamento desta pesquisa no exterior, por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), fundamental para a realização e aprimoramento desta tese.

À Professora Dra. Ana Cristina Pelosi, pela valiosa orientação, partilha de conhecimento, condução primorosa e motivação para as investigações sobre cognição e metáfora. Pelo zelo, afeto, e compreensão com os quais conduz todo o meu percurso e de todos os seus orientandos.

Ao Professor David Ritchie, pelo caloroso acolhimento durante o Doutorado Sanduíche na Universidade Estadual de Portland. Pelos ensinamentos e contribuições.

Aos professores participantes da banca examinadora pela expertise científica, partilha de conhecimento, contribuições, e apontamentos que enriquecem a arte final.

Ao GELP COLIN e a cada um dos membros desse grupo, em especial ao amigo Vinícius, Márcia Ananda, Letícia, Kaline, e Antenor, pelas contribuições acadêmicas, e todos os momentos de muita aprendizagem.

Ao PRAGMACULT, ao Viva Palavra, e todos que fazem parte, em especial ao Ozielton, Edvar, Cecéu, Elaine, Vinícius, Márcia Ananda e Antenor, e todos que fortalecem esse EM constroem e colaboram.

À SEDUC, a minha escola, EEFM Professor Mario Schenberg, gestores, professores, colegas, e funcionários, e todos que inspiram uma educação pública de qualidade.

À Maria Zuila Clarindo Gabriel, minha mãe, mulher de força e coragem, exemplo de perseverança e fé, que sempre esteve à frente, cuidando e zelando das minhas filhas e de mim para que eu pudesse trilhar os meus caminhos.

Ao Sr. Benízio, meu pai, por seu apoio, pelo cuidado, por ser exemplo de leveza e simplicidade em todos os momentos.

As minhas filhas, Beatriz e Bruna, pelo amor que me impulsiona.

À minha maninha, Elaine, por estar sempre ao meu lado e acreditar em mim. As minhas irmãs, Elenice, Rosângela, meu irmão Eduardo, pelo companheirismo e apoio durante toda a minha trajetória.

Aos meus sobrinhos, Davi e Noah, às minhas sobrinhas Lívia, Eloá, Eduarda e Maite, cuja inocência e sorrisos me alimentaram e me encheram de esperança nos momentos mais difíceis.

À minha avó Nena, meu avô Toin, e ao meu tio Gerson (*in memoriam*), que certamente estariam celebrando comigo, felizes e orgulhosos por mais essa conquista.

À Jane, Leda, Zita, e todas as tias, que sempre estiveram ao meu lado, ajudando, cuidando, apoiando as minhas decisões, e principalmente, estendendo a mão nos momentos de dificuldades.

As minhas amigas, irmãs de coração, em especial a Marina Montenegro, Aline Lucas, Elisafran, Suelene, Letícia, e Ticiane, por acreditarem em mim, e serem fonte de inspiração e incentivo para a realização deste projeto e de tantos outros.

Ao Dr Hesley Landin, pelo cuidado primoroso, pela atenção, e escuta sensível.

A Deus, pela vida, à Nossa Senhora pelas graças e proteção.

“Todo conhecimento é mediado pela compreensão. Saber é compreender de uma certa maneira, uma maneira que pode ser compartilhada por outros que se juntam a você para formar uma comunidade de compreensão.” (Mark Johnson, 1990)



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as representações cognitivas socioculturalmente situadas, como metáforas sistemáticas e *frames* metafóricos no discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza ao expressarem ideias e atitudes sobre a violência com a qual convivem no seu dia a dia. Este estudo fundamenta-se em uma perspectiva discursivo-cognitiva baseada em pressupostos da Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980; 1999; Gibbs, 2006, 2008), teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos (Larsen-Freeman; Cameron, 2008) e a teoria de *frames* e *frames metafóricos* (Goffman, 1974; Lakoff, 2004; Ritchie, 2006). Nesse intuito, partimos da seguinte problemática: Qual o papel das representações cognitivas socioculturalmente situadas, como metáforas sistemáticas e *frames* metafóricos no discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza ao expressarem conceitos sobre a violência com a qual convivem no seu dia a dia? Temos ainda como objetivos específicos: 1. investigar como as conceptualizações de violência emergentes nas metáforas sistemáticas traduzem sentimentos e valores relativos ao fenômeno da violência nos discursos de jovens 2. Identificar os *frames* metafóricos sobre a violência e investigar como estes caracterizam o discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza e traduzem sentimentos e valores relativos ao fenômeno da violência; 3. Verificar, através das metáforas sistemáticas e de *frames* metafóricos, como os jovens brasileiros que vivem em periferias se representam discursivamente e socioculturalmente ao revelarem suas ideias e sentimentos sobre o fenômeno da violência. Para o alcance desses objetivos, adotamos uma análise do tipo qualitativa de caráter descritivo-exploratória, acoplados a abordagem discursivo-cognitiva denominada de Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM), (Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010), em um enlace que nos remete à tradição interdisciplinar e transdisciplinar da Linguística Aplicada (LA) e das Ciências Sociais. Em primeiro lugar, os resultados indicam que as metáforas sistemáticas podem revelar concepções sobre o fenômeno da violência na periferia, e ao mesmo tempo podem traduzir as emoções e os sentimentos de jovens que vivem na periferia, como: A VIOLÊNCIA É UM MOVIMENTO, UM GESTO, OU UM OLHAR MOTIVADO POR UM JULGAMENTO NEGATIVO OU POR PRECONCEITO. Em segundo lugar, os *frames* metafóricos, permitem uma compreensão sobre as questões da violência na periferia de Fortaleza, do ponto de vista dos participantes, fornecendo um entendimento além do sentido aparente, uma vez que ele se constrói a partir de aspectos cognitivos, discursivos, sociais e interacionais. Além disso, apontamos que a diferença entre uma metáfora sistemática e um *frame* metafórico pode estar no caráter temporário e interacional que rege a metáfora sistemática, em relação ao caráter cognitivo e social de um *frame* metafórico, e, portanto, mais estável. Verificamos, então, a existência de pelo menos três *frames* que constituem um *frame* metafórico: *frame* básico: a realidade descrita; *frame* conceptual: a realidade subjacente; *frame* interacional: a realidade construída. Desses elementos, resultou o que chamamos nesta tese de *frame* metafórico, uma realidade perceptível.

**Palavras-chave:** metáforas; *frames*; violência; juventude.

## ABSTRACT

The aim of this study is to investigate socioculturally situated cognitive representations, such as systematic metaphors and metaphorical frames, in the discourse of young Brazilians living in the outskirts of Fortaleza when expressing ideas and attitudes about the violence they experience in their daily lives. This study is based on a discursive-cognitive perspective based on assumptions of Cognitive Linguistics (Lakoff; Johnson, 1980; 1999; Gibbs, 2006, 2008), the theory of Complex Adaptive Dynamic Systems (Larsen-Freeman; Cameron, 2008) and the theory of frames and metaphorical frames (Goffman, 1974; Lakoff, 2004; Ritchie, 2006). To this end, we start from the following problem: What is the role of socioculturally situated cognitive representations, such as systematic metaphors and metaphorical frames, in the discourse of young Brazilians living in the outskirts of Fortaleza when expressing concepts about the violence they experience in their daily lives? We also have the following specific objectives: 1. to investigate how the conceptualizations of violence emerging in systematic metaphors translate feelings and values related to the phenomenon of violence in the discourses of young people; 2. to identify metaphorical frames about violence and investigate how these characterize the discourse of young Brazilians living in the outskirts of Fortaleza and translate feelings and values related to the phenomenon of violence; 3. to verify, through systematic metaphors and metaphorical frames, how young Brazilians living in the outskirts represent themselves discursively and socioculturally when revealing their ideas and feelings about the phenomenon of violence. To achieve these objectives, we adopted a qualitative analysis of a descriptive-exploratory nature, coupled with the discursive-cognitive approach called Discourse Analysis in the Light of Metaphor (ADM) (Cameron et al., 2009; Cameron; Maslen, 2010), in a link that refers us to the interdisciplinary and transdisciplinary tradition of Applied Linguistics (AL) and Social Sciences. Firstly, the results indicate that systematic metaphors can reveal conceptions about the phenomenon of violence in the periphery, and at the same time can translate the emotions and feelings of young people living in the periphery, such as: VIOLENCE IS A MOVEMENT, A GESTURE, OR A LOOK MOTIVATED BY A NEGATIVE JUDGMENT OR BY PREJUDICE. Secondly, metaphorical frames allow an understanding of the issues of violence in the outskirts of Fortaleza, from the participants' point of view, providing an understanding beyond the apparent meaning, since it is constructed from cognitive, discursive, social and interactional aspects. Furthermore, we point out that the difference between a systematic metaphor and a metaphorical frame may lie in the temporary and interactional character that governs the systematic metaphor, in relation to the cognitive and social character of a metaphorical frame, and, therefore, more stable. We then verified the existence of at least three frames that constitute a metaphorical frame: basic frame: the described reality; conceptual frame: the underlying reality; interactional frame: the constructed reality. From these elements resulted what we call in this thesis a metaphorical frame, a perceptible reality.

**Keywords:** metaphors; frames; violence; youth.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es investigar las representaciones cognitivas socioculturalmente situadas, como metáforas sistemáticas y marco metafóricos en el discurso de jóvenes brasileños que viven en la periferia de Fortaleza al expresaren ideas y actitudes sobre la violencia con la cual conviven en su cotidiano. Este estudio se fundamenta en una perspectiva discursivo cognitiva basada en presupuestos de la Lingüística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980; 1999; Gibbs, 2006, 2008), teoría de los Sistemas Dinámicos Complejos Adaptativos (Larsen-Freeman; Cameron, 2008) y la teoría de marcos y marcos metafóricos (Goffman, 1974; Lakoff, 2004; Ritchie, 2006). En ese intuïto, partimos de la siguiente problemática: ¿Cuál es el papel de las representaciones cognitivas socioculturalmente situadas, como metáforas sistemáticas y marcos metafóricos en el discurso de jóvenes brasileños que viven en al periferia de Fortaleza al expresaren conceptos sobre la violencia con la cual conviven en su cotidiano? Tenemos aún como objetivos específicos: 1. Identificar las metáforas sistemáticas en los discursos de jóvenes brasileños que viven en la periferia de Fortaleza y como esas traducen sentimientos y valores relativos al fenómeno de la violencia. 2. Identificar los marcos metafóricos sobre la violencia e investigar cómo estos caracterizan el discurso de jóvenes brasileños que viven en la periferia de Fortaleza y traducen sentimientos y valores relativos al fenómeno de la violencia; 3. Verificar, a través de las metáforas sistemáticas y de marcos metafóricos, cómo los jóvenes brasileños que viven en periferias se representan discursivamente y socioculturalmente al revelaren sus ideas y sentimientos sobre el fenómeno de la violencia. Para el alcance de esos objetivos, adoptamos una análisis del tipo cualitativa de carácter descriptivo exploratoria, junto al enfoque discursivo cognitivo denominado de Análisis del Discurso a la Luz de la Metáfora (ADM), (Cameron et al., 2009; Cameron; Maslen, 2010), en un enlace que nos remite a la tradición interdisciplinar y transdisciplinar de la Lingüística Aplicada (LA) y de las Ciencias Sociales. En primeir lugar, los resultados indican que las metáforas sistemáticas pueden revelar concepciones sobre el fenómeno de la violencia em la periferia, y a la vez pueden traducir las emociones y los sentimientos de jóvenes que viven en la periferia, como: LA VIOLENCIA ES UN MOVIMIENTO, UN GESTO, O UNA MIRADA MOTIVADA POR UN JUICIO NEGATIVO O POR PREJUICIO. En segundo lugar, Los marcos metafóricos, permiten una comprensión sobre las cuestiones de la violencia en la periferia de Fortaleza, del punto de vista de los participantes, ofrecendo una comprensión además del sentido aparente, una vez que él se construye a partir de aspectos cognitivos, discursivos, sociales e interacionales. Además de eso, apuntamos que la diferencia entre una metáfora sistemática y un marco metafórico puede estar en el carácter pasajero e interacional que rege la metáfora sistemática, en relación al carácter cognitivo y social de un marco metafórico, y, por lo tanto, más estable. Verificamos, entonces, la existencia de por lo menos tres marcos que constituyen un marco metafórico: marco básico: la realidad descripta; marco conceptual: la realidad subyacente; marco interaccional: la realidade construída. De esos elementos, resultan lo que llamamos en esta tesis de marco metafórico, una realidad perceptible.

**Palabras clave:** metáforas; marcos; violência; juventud.

## LISTA DE FIGURAS

|          |                                                           |    |
|----------|-----------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 | - Análise metafórica .....                                | 56 |
| Figura 2 | - As dinâmicas da metáfora na interação face-a-face ..... | 61 |
| Figura 3 | - Sistema Adaptativo Complexo .....                       | 62 |
| Figura 4 | - Evento discursivo .....                                 | 83 |
| Figura 5 | - Tópicos discursivos 1 .....                             | 84 |
| Figura 6 | - Tópicos discursivos 2 .....                             | 85 |

## LISTA DE QUADROS

|          |                                              |     |
|----------|----------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 | - Tópicos discursivos .....                  | 87  |
| Quadro 2 | - Grupos Metafóricos .....                   | 89  |
| Quadro 3 | - Veículos metafóricos e figuratividade..... | 91  |
| Quadro 4 | - MetSis 1.....                              | 96  |
| Quadro 5 | - MetSis 2.....                              | 106 |
| Quadro 6 | - MetSis 3 .....                             | 115 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|             |                                                                      |
|-------------|----------------------------------------------------------------------|
| ADM         | Análise do Discurso à Luz da Metáfora                                |
| Ev disc     | Evento discursivo                                                    |
| GELP -COLIN | Grupo de Estudos Sobre Linguagem e Pensamento/Cognição e Linguística |
| G-VMets     | Grupo ou família de veículos metafóricos                             |
| MCI         | Modelo Cognitivo Idealizado                                          |
| MetSis      | Metáfora sistemática                                                 |
| PRAGMACULT  | Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade               |
| SAC         | Sistemas Adaptativos Complexos                                       |
| TD          | Tópico Discursivo                                                    |
| TMC         | Teoria da Metáfora Conceptual                                        |
| VMet        | Veículos metafóricos                                                 |

## SUMÁRIO

|              |                                                                                                       |           |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                               | <b>16</b> |
| <b>1.1</b>   | <b>Representações cognitivas socioculturalmente situadas de violência .....</b>                       | <b>16</b> |
| <b>1.2</b>   | <b>Retratos da violência .....</b>                                                                    | <b>18</b> |
| <b>1.3</b>   | <b>Enfrentamentos da violência .....</b>                                                              | <b>21</b> |
| <b>1.3.1</b> | <b><i>Grupo de Estudos Sobre Linguagem e Pensamento/Cognição e Linguística (GELP-COLIN) .....</i></b> | <b>22</b> |
| <b>1.3.2</b> | <b><i>Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (PRAGMACULT).....</i></b>                | <b>23</b> |
| <b>2</b>     | <b>O ESTADO-DA-ARTE.....</b>                                                                          | <b>29</b> |
| <b>3</b>     | <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>                                                                     | <b>29</b> |
| <b>3.1</b>   | <b>Filosofia, Ciência e Cognição.....</b>                                                             | <b>35</b> |
| <b>3.2</b>   | <b>Ciência Cognitiva.....</b>                                                                         | <b>38</b> |
| <b>3.3</b>   | <b>Revolução Cognitiva .....</b>                                                                      | <b>41</b> |
| <b>3.4</b>   | <b>Linguística Cognitiva .....</b>                                                                    | <b>43</b> |
| <b>3.5</b>   | <b>Teoria da Metáfora Conceptual .....</b>                                                            | <b>48</b> |
| <b>3.6</b>   | <b>Metáforas Sistemáticas.....</b>                                                                    | <b>50</b> |
| <b>3.7</b>   | <b>Sistemas Adaptativos Complexos .....</b>                                                           | <b>56</b> |
| <b>3.8</b>   | <b>Frames e Frames Metafóricos .....</b>                                                              | <b>63</b> |
| <b>3.9</b>   | <b>Narrativas .....</b>                                                                               | <b>70</b> |
| <b>4</b>     | <b>METODOLOGIA.....</b>                                                                               | <b>74</b> |
| <b>4.1</b>   | <b>Caracterização da pesquisa .....</b>                                                               | <b>74</b> |
| <b>4.2</b>   | <b>O contexto da pesquisa .....</b>                                                                   | <b>75</b> |
| <b>4.3</b>   | <b>Os participantes .....</b>                                                                         | <b>75</b> |
| <b>4.4</b>   | <b>O universo da pesquisa .....</b>                                                                   | <b>76</b> |
| <b>4.5</b>   | <b>Geração dos dados .....</b>                                                                        | <b>76</b> |
| <b>4.6</b>   | <b>Procedimentos de Análise .....</b>                                                                 | <b>77</b> |
| <b>4.6.1</b> | <b><i>Transcrição do evento discursivo .....</i></b>                                                  | <b>78</b> |
| <b>4.6.2</b> | <b><i>Identificação dos veículos metafóricos e dos tópicos discursivos.....</i></b>                   | <b>80</b> |
| <b>4.6.3</b> | <b><i>Codificação e agrupamento de veículos metafóricos.....</i></b>                                  | <b>81</b> |
| <b>5</b>     | <b>ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>                                                           | <b>85</b> |
| <b>5.1</b>   | <b>Os Veículos Metafóricos, Tópicos Discursivos e Grupos Metafóricos .....</b>                        | <b>84</b> |

|     |                                                                                                                    |     |
|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 5.2 | A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CAUSADA PELA VULNERABILIDADE SOCIAL DOS JOVENS.....               | 90  |
| 5.3 | A VIOLÊNCIA É UM MOVIMENTO, UM GESTO, OU UM OLHAR MOTIVADO POR UM JULGAMENTO NEGATIVO OU POR PRECONCEITO.....      | 93  |
| 5.4 | A BRUTALIDADE POLICIAL DENTRO DA PERIFERIA É GRATUITA, INJUSTA E CRUEL.....                                        | 99  |
| 5.5 | <b>Violência econômica e gentrificação .....</b>                                                                   | 107 |
| 5.6 | A UNIVERSIDADE É UMA VIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA, UM CAMINHO PARA MUDANÇA NA VIDA DE JOVENS PERIFÉRICOS..... | 111 |
| 6   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                   | 119 |
|     | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                           | 126 |
|     | <b>ANEXOS.....</b>                                                                                                 | 135 |



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Representações cognitivas socioculturalmente situadas da violência

A violência, infelizmente, se torna parte da rotina nossa, de cada dia, presente, normalizada. Basta ver o seu retrato: um cenário de genocídio, atrocidades e terrorismo que sucumbe e assombra os espectadores. Ao mesmo tempo em que se noticiam os ataques e bombardeios em um dos cantos do mundo, em outro, um jornal local, por exemplo, adiciona mais uma manchete<sup>1</sup>: “Tentativa de chacina: um adolescente morto e outras três pessoas feridas em Areninha<sup>2</sup> de Fortaleza”. O cenário é o rascunho de nossa atual situação: guerras incessantes, violência, pobreza, degradação humana, conflitos. Partindo desse cenário, não nos cabe aqui determinar se há violência maior ou menor.

Dessa forma, sem a pretensão de mensurar o fenômeno da violência, é necessário questionar o caráter de violência que nos assola e bate à nossa porta sem convite. E, também, conhecer as regularidades estatísticas que descrevem a violência no Brasil, refletindo sobre os desafios para uma mudança. E ainda mais, investigar esse fenômeno, e como ele se reverbera no “cotidiano nosso de cada dia”, para que enfim, possamos efetivamente aproximar responsabilidade e práxis social.

Nessa perspectiva, cresceu ainda mais o meu interesse pelas questões relacionadas à problemática da juventude, principalmente, pobre e socialmente excluída. Além disso, a violência, a desigualdade, e a segregação socioespacial, fenômenos que afetam milhões de moradores das favelas, das periferias, e dos bairros mais pobres, me chamam a atenção por sua conjuntura alarmante. Nesse contexto, pude participar dos grupos de pesquisas GELP COLIN e PRAGMACULT que permitiram uma aproximação entre o fazer acadêmico, a responsabilidade social, e a narrativa pessoal. Durante essa trajetória, além de expandir o meu conhecimento sobre as pesquisas em Linguística, Linguística Aplicada (LA) e Linguística Cognitiva, investigando sobre linguagem, metáfora, e o fenômeno da violência, as circunstâncias experienciadas me levaram a pensar sobre a minha própria responsabilidade

---

<sup>1</sup> <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2023/10/23/tentativa-de-chacina-um-adolescente-morto-e-outras-tres-pessoas-feridas-em-areninha-de-fortaleza.html>.

<sup>2</sup> A primeira Areninha, inaugurada em 2014, resultou da luta dos moradores da comunidade do Campo do América, situada no bairro do Meireles, de classe média alta, que impediram a construção de edificações de luxo, em espaço de lazer da comunidade (campo de futebol), reivindicado pelo INSS. Fortaleza já conta com 74 campos de futebol, majoritariamente localizados em bairros com população de baixa renda desse tipo, com acesso à educação limitado ou interrompido, infraestrutura inadequada e com elevados índices de violência, portanto, vivendo em situação de vulnerabilidade social. Fonte: <https://oestadoce.com.br/geral/areninhas-revolucionam-cenario-socioesportivo-de-fortaleza>.

diante dos problemas do mundo, me conduzindo para esta pesquisa, que se justifica por seu caráter social, e aborda um fenômeno muito complexo e delicado.

Portanto, como pesquisadora, reconheço o quanto nos é pertinente indagarmos sobre a complexidade que rege a violência, assim, em 2019, comecei a desenvolver esta tese cuja temática nos coloca diante de uma análise que correlaciona metáfora e violência.

As pesquisas contemporâneas sobre metáfora e violência no âmbito da linguística<sup>3</sup>, têm se destacado por priorizar o discurso e a construção dos significados, adotando a linguagem como um produto vivo da interação social nas condições sociais e históricas de cada tempo (Bakhtin, 2009), o discurso em sua integridade concreta e viva (Bakhtin, 2015). Dessa forma, defendemos uma investigação que considere o fluxo da interação, a construção de significados, possibilitando um mergulho exploratório em áreas diversas, saindo de fronteiras disciplinares e teóricas. Uma investigação em harmonia com uma Linguística Aplicada que assume uma práxis transdisciplinar, numa reflexão e compreensão mais ampla acerca da palavra, que extrapola os limites do signo linguístico indo ao entendimento da palavra como ação e como forma de vida (Austin, 1990; Wittgenstein, 1975).

Nesse sentido, a Linguística Cognitiva se mostra promissora, buscando investigar tanto significado e o processo de significação, quanto explicar os fenômenos da língua em termos semânticos e funcionais e compreender as relações entre linguagem e mundo e entre mundo e conhecimento (Mussalin; Bentes, 2001). Acreditamos, portanto, que o conhecimento linguístico envolve não apenas a linguagem, mas conhecimento do mundo mediado pela linguagem” (Geeraerts, 2010). Dessa forma, ainda, podemos dizer que o conhecimento e o significado não acontecem isoladamente, sem o indivíduo e tudo que o cerca. Assim, seguindo esse raciocínio, a Linguística Cognitiva se aproxima da Linguística Aplicada, que compreende a linguagem como essencialmente social. Para ambas, o conhecimento dos aspectos sociais e o comportamento dos indivíduos se tornam imprescindíveis. É preciso aliar teorias e vidas, e nos convencer das implicações políticas e sociais de nosso próprio trabalho, como sugere Rajagopalan (2004).

Nessa perspectiva, as questões relacionadas à problemática da juventude, principalmente, pobre e excluída socialmente têm sido alvo de especial atenção nas últimas décadas, em várias instâncias, como governamentais, educacionais, sociais e acadêmicas, como observamos anteriormente. Apesar disso, a violência, a desigualdade, e a segregação socioespacial são fenômenos que afetam milhões de moradores das favelas, das periferias, e

---

3 Exploramos essas pesquisas no capítulo 2.

dos bairros mais pobres, numa dimensão alarmante. Essa conjuntura indica que as investigações e pesquisas em Linguística Aplicada precisam ser ampliadas para atender a necessidade de uma população que esmorece diante da impossibilidade de mudança. Portanto, nos faz pertinente indagarmos sobre a complexidade que rege a violência, e investigarmos sobre as formas de conceptualizações metafóricas desse fenômeno. Posto isso, este trabalho busca investigar as representações sociocognitivas da violência no cotidiano de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza. Isso porque, do ponto de vista da Linguística Cognitiva, pouco se sabe sobre como esses jovens experienciam, conceptualizam, reproduzem e lidam com a violência cotidianamente. Assim, para lidar com essa questão, partimos da ideia de linguagem como construção mental, estruturada através do processamento cognitivo por mapeamentos metafóricos entre domínios experienciais (Lakoff; Johnson, 1980).

Ademais, os estudos protagonizados no século XXI passaram a direcionar suas investigações para uma visão cognitiva, discursiva e interacional da linguagem. Na Linguística Cognitiva, pesquisas recentes apontam para investigações que considerem os aspectos cognitivo discursivo e interacional da metáfora. Além disso, a emergência da metáfora passa a ser investigada numa perspectiva dinâmica, em uma via de mão dupla, para a qual concorrem e se interconectam dinamicamente fatores linguísticos, afetivos, corpóreos, culturais e sociais. (Feltes; Pelosi; Ferreira, 2012).

A partir disso, entendemos a metáfora como parte de um processo complexo e dinâmico emergente tanto de fatores cognitivos quanto de fatores linguísticos situados socioculturalmente, capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções, atitudes e valores (Cameron, 2007; Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010; Pelosi; Cameron; Feltes, 2014). Nessa perspectiva, segundo Almeida Junior e Pelosi (2020), a metáfora não se restringe a apenas um *locus* para sua constituição, e emerge em meio a complexas interrelações na qual não há, necessariamente, predominância de um fenômeno sobre o outro, na emersão discursiva.

Esse posicionamento aponta para uma metáfora sistemática que faz parte do sistema dinâmico e complexo do discurso, e aparece repleta de instabilidades, decorrentes da negociação da situação (Cameron, 2007; Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010). Segundo Cameron e Maslen (2010), as metáforas sistemáticas são capazes de revelar significados que emergem dos processos sociais e cognitivos que operam simultaneamente à medida que ocorre a interação. Mais especificamente, podem revelar pensamentos, convenções culturais, emoções, atitudes e valores. Além disso, os autores acrescentam que uma metáfora sistemática emerge de um agrupamento emergente de metáforas intimamente conectadas, e

pode ser definida como um conjunto de metáforas linguísticas relacionadas que evoluem e alcançam uma espécie de estabilização temporária na dinâmica do discurso. Ademais, as metáforas sistemáticas são decorrentes da negociação de sentidos entre os interlocutores e existem apenas naquele momento e situação (Cameron, 2007; Cameron; Maslen, 2010).

Entretanto, ao considerarmos as metáforas somente como estabilizações temporárias ao longo do discurso, cabe indagarmos sobre como poderíamos explicar a emergência de sentidos e conceptualizações semelhantes que ecoam em outros discursos, outras interações, e em diversos contextos. Também é preciso repensá-la em uma dimensão tão complexa quanto a do próprio discurso, capaz de ser potencialmente estável à medida que diante do caos instaurado no sistema linguístico fluxo da interação, o equilíbrio possa se estabelecer no evento discursivo.

Assim, em primeiro lugar, justificamos a necessidade de investigar se as metáforas sistemáticas podem promover algum tipo de estabilização do significado no discurso. Em segundo lugar, justificamos a necessidade de adotar uma perspectiva transdisciplinar da Linguística Aplicada, investigando a emergência de metáforas em seu caráter cognitivo discursivo, interacional, social e ideológico do discurso, buscando rastros que possam evidenciar a complexidade da linguagem figurada, tanto para compreender os sentidos quanto para entender a estrutura complexa que a envolve.

A partir desses posicionamentos, apresentamos as questões que nortearam nossa pesquisa:

1. Qual o papel das representações cognitivas socioculturalmente situadas, como metáforas sistemáticas e *frames* metafóricos no discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza ao expressarem conceitos sobre o fenômeno da violência com o qual convivem no seu dia a dia?
2. Quais as metáforas sistemáticas identificadas nos discursos de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza traduzem sentimentos e valores relativos ao fenômeno da violência?
3. Quais os *frames* metafóricos caracterizam o discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza e traduzem sentimentos e valores relativos ao fenômeno da violência?
4. Como os jovens brasileiros que vivem em periferias se representam discursivamente e socioculturalmente ao revelarem suas ideias sobre o fenômeno da violência?

Para responder às questões propostas, apoiamo-nos na ideia de uma metáfora que emerge tanto na cognição quanto no discurso, e que não se dissocia do contexto social, nem do contexto cultural. Nesse cenário de complexidade da linguagem, buscamos entender a linguagem figurada, as metáforas, os processos de significação e de sentidos que emergem durante a interação. Mais especificamente, focamos em investigar a linguagem figurada, desde a identificação de veículos metafóricos, metáforas sistemáticas, *frames* e *frames* metafóricos, sem excluir outros elementos salientes no discurso como a presença de narrativas, ironias, piadas etc. (Ritchie, 2022). Pois, entendemos que os pensamentos são moldados pela linguagem, uma vez que o fluxo da linguagem é o fluxo do pensamento. Além disso, acreditamos que as investigações linguísticas devem compreender a linguagem não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceitual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (Silva, 2004).

Nesse enfoque, esta tese intitulada REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS SOCIOCULTURALMENTE SITUADAS DE VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE JOVENS BRASILEIROS QUE VIVEM NA PERIFERIA DE FORTALEZA se concentra na análise da interação verbal entre jovens moradores de uma periferia de Fortaleza que participaram voluntariamente do grupo focal sobre a temática da violência. Assim, temos como objetivo geral investigar as representações cognitivas socioculturalmente situadas, a saber, as metáforas sistemáticas e *frames* metafóricos relativos à conceptualização da violência. Em outras palavras, esta pesquisa investiga como as pessoas em comunidades propensas à violência pensam e falam sobre violência e qual é o papel das metáforas e da linguagem figurativa na revelação de seus pensamentos, ideias e sentimentos relacionados a ela.

Além disso, para alcançarmos o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos:

1. investigar como as conceptualizações de violência emergentes nas metáforas sistemáticas traduzem sentimentos e valores relativos ao fenômeno da violência nos discursos de jovens brasileiros;
2. Identificar os *frames* metafóricos sobre a violência e investigar como estes caracterizam o discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza e traduzem sentimentos e valores relativos ao fenômeno da violência;
3. Verificar, através das metáforas sistemáticas e de *frames* metafóricos, como os jovens brasileiros que vivem em periferias se representam discursivamente e socioculturalmente ao revelarem suas ideias e sentimentos sobre o fenômeno da violência.

Em conformidade com os objetivos elencados, este capítulo introdutório foi dividido em 03 outras seções. A primeira traz um retrato da violência no Brasil, e mais especificamente na cidade de Fortaleza. A segunda seção apresenta uma sucinta visão das políticas de enfrentamento à violência, e do trabalho realizado pelas instituições de ensino superior cearenses, como a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE), através do GELP COLIN e do PRAGMACULT. A terceira seção deste capítulo inicia uma discussão em torno das pesquisas e dos estudos da Linguística Aplicada (LA) e da Linguística Cognitiva (LC), abrindo espaço para o estado da arte abordado no capítulo dois desta tese.

## **1.2 Retratos da violência**

Todas as grandes invenções, descobertas e avanços tecnológicos dos últimos dois séculos, e principalmente aquelas que vivenciamos neste século XXI, como a inteligência artificial (IA), por mais significantes que sejam, lamentavelmente, parecem se atrofiar diante da guerra. Em uma era em que as tecnologias de informação se apresentam extraordinariamente avançadas, e que a IA se prepara para habitar o espaço cotidiano de bilhões de pessoas, o mundo esmorece diante de mais guerra. O retrocesso que se evidencia reflete a estagnação do homem diante de seu arsenal de evolução, a incapacidade de frear o fenômeno da violência que ameaça a humanidade em todo o mundo.

Segundo os registros do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), são 590.755 homicídios ocorridos no Brasil entre 2010 e 2020. De acordo com o Atlas da Violência, em 2019 foram registrados 45.503 homicídios no Brasil, o que corresponde a uma taxa de 21,7 mortes por 100.000 habitantes. Um índice alarmante, embora seja o menor desde 1995. Os dados oficializados apresentam uma redução histórica. Contudo, essa redução de homicídios pode, de certa forma, estar mascarada pela exclusão de marcadores, que se mostram importantes devido às mudanças sociais e políticas das últimas décadas, como aponta Cerqueira (2021). Primeiro, a mudança da situação demográfica pelo envelhecimento da população, já que os brasileiros estão envelhecendo, e o crescimento populacional está diminuindo (Cerqueira, 2021). Segundo, as políticas e ações que vêm sendo colocadas em prática em todo o país pelos governos estaduais e municipais desde 2000. Terceiro, o Estatuto do Desarmamento Brasileiro, Lei Federal n.º 10.826, que trouxe grandes mudanças à política de desarmamento anterior, prevendo regras mais restritivas para a compra e a posse de armas

no país, bem como penalidades mais severas para a posse ilegal e a posse de armas não registradas.

Embora esses fatores possam explicar a diminuição dos homicídios no Brasil, "isso deve ser visto com muita cautela, dada a deterioração da qualidade dos registros oficiais" e "o aumento do número de mortes violentas por causa indeterminada" (Cerqueira, 2021, p. 1). Pois, segundo Cerqueira, se considerássemos o número de mortes violentas por causa indeterminada em 2019, seria acrescido um número de 5.338 ao total de homicídios, o que certamente elevaria as taxas oficiais. Por outro lado, mesmo diante dessa incongruência, observa-se um resquício de otimismo:

Em 2019, houve uma queda de 24,3% nos números absolutos de homicídios de jovens em comparação a 2018. A taxa de homicídios a cada 100 mil jovens passou de 60,4 para 45,8, significando uma redução de 24,3% em um ano. Essa queda impactou fortemente na proporção de homicídios como causa mortis em relação a todas as causas possíveis. Se em 2018, 48,4% dos óbitos dos jovens entre 15 e 19 anos foram em decorrência da violência letal, em 2019 essa proporção passou para 39,1%. O mesmo aconteceu com os óbitos da faixa etária entre 20 e 24 anos que, em 2018, representavam 45,8% do total de mortes nessa faixa etária e caíram para 38% no ano seguinte (Cerqueira, 2021, p. 1).

Todavia, não podemos deixar de observar o alarmante panorama da violência contra a juventude revelado pelo Atlas da violência 2021:

1. Homens adolescentes e jovens entre 15 e 29 anos são os que mais apresentam risco de serem vítimas de homicídios.
2. Em 2019, a cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal.
3. Em 2019, a cada 100 jovens entre 20 e 24 anos que morreram no país por qualquer causa, 38 foram vítimas da violência letal.
4. Em 2019, dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos.
5. Entre os anos 2009 e 2019, foram 333.330 jovens de 15 a 29 anos, vítimas da violência letal no Brasil<sup>4</sup>.

Além desses dados, é importante pontuar que

---

<sup>4</sup>Segundo um dos participantes, o aumento dessa violência letal estaria vinculado ao processo acelerado de urbanização, relacionando essa violência “adensamento desordenado das cidades, o aumento da pobreza e da desigualdade social, com o incremento de espaços urbanos de moradia precária e irregular e fundamentalmente com o aprofundamento de processos de segmentação sócio territorial nas metrópoles” (Cerqueira, 2021, p. 1).

tragicamente, 64 jovens são assassinados por dia no país e têm suas vidas ceifadas prematuramente. “Centenas de milhares de indivíduos que não tiveram a chance de concluir sua vida escolar, de construir um caminho profissional, de formar sua própria família ou de serem reconhecidos pelas suas conquistas no contexto social em que vivem” [...] São vítimas de violência, de conflitos frutos da ação do crime organizado, e de mortes decorrentes do uso de armas de fogo (Cerqueira, 2021, p. 1).

Fortaleza, a quinta maior cidade brasileira em termos de população e a nona maior em termos de economia, se caracteriza pela desarmonia visível dos arranha-céus e das favelas<sup>5</sup> e do cotidiano paradoxal de seus jovens habitantes. Fortaleza tem ainda uma face marcada pela violência, pela desigualdade, e pela segregação socioespacial. Esses fenômenos se alastram principalmente nas periferias, favelas e bairros pobres da cidade, e agridem escancaradamente seus milhões de moradores, dizimando parte da juventude majoritariamente negra e periférica, por meio de extermínios e chacinas.

Pois, é justamente nas periferias, bairros mais pobres de Fortaleza e comunidades, que a juventude se encontra à mercê dos infortúnios desse fenômeno que reflete um modelo incipiente de segurança e de educação. Sobretudo neste século, o cenário parece ter se agravado, possivelmente decorrente de uma situação calamitosa gerada pela pandemia de COVID 2019, e por políticas de um governo que fez, inclusive, o Brasil retornar ao mapa da fome. Tudo isso tem contribuído para o aumento da desigualdade, da segregação socioespacial e da violência na periferia. Além disso, a condição social de jovens que moram em comunidades, favelas, ou periferias, pode exercer influência significativa na ocorrência de violência, concorrendo para a vulnerabilidade a agressões e a ocorrência de mortes por causas externas.

Com efeito, as circunstâncias reclamam uma grande força tarefa, exigindo um trabalho conjunto das várias esferas sociais. Nesta situação, exacerba-se a nossa preocupação diante da escalada de um flagelo homicida que atinge principalmente a juventude: são 29 chacinas registradas entre 2015 e 2022 no estado do Ceará. Dessas, somente um caso foi a julgamento na Justiça Estadual: a Chacina do Benfica, ocorrida em 2018. Um retrato inconcebível e deveras inquietante, tradução de fatos em dados e narrativas que não se findam, e, infelizmente diante da impunidade, se perspectivam em muitas outras.

Somos todas vítimas reais, ou sendo um pouco otimista, vítimas potenciais. Nasci e cresci na periferia<sup>6</sup>, conheço bem o cotidiano, e as dificuldades do acesso à educação. Contrariando as expectativas, cursei Letras na Universidade Estadual do Ceará (UECE), e hoje

---

<sup>5</sup>também chamadas de comunidades ou periferias.

<sup>6</sup>A periferia a qual me refiro aqui é o bairro Carlito Pamplona onde passei toda a minha infância e adolescência; um lugar que me trazia a sensação de liberdade e alegria das ruas, mas que subitamente se transformava em outro bem diferente provocando insegurança e medo.



sou professora da Secretaria Estadual do Ceará (SEDUC) há mais de vinte anos. Minhas narrativas, ao passo que vinculam a criança periférica, a mãe, a professora, e a pesquisadora, me fazem ser quem eu sou, e tentar a cada dia fazer um pouco para a mudança necessária.

Diante dessa necessidade, ter consciência da violência instaurada e do abandono social e político, assombram-me a realidade e a imaginação. E, como mãe das jovens Beatriz e Bruna, sinto-me impotente diante da insegurança instaurada em Fortaleza e de tanta violência que nos cerca, nos tornando vítimas potenciais.

Em suma, a conjuntura descrita nesta seção reforça a relevância de uma investigação sobre a violência na periferia, que busque compreender a relação entre os aspectos sociais, a cognição, a linguagem, e as atitudes dos indivíduos. Uma investigação que alie teorias e “vidas” e vislumbre contribuições para a sociedade. Acrescento que se faz necessário e urgente o desenvolvimento de um fazer científico que busque formas de contribuir com uma mudança nesse cenário. Assim, enfatizamos mais uma vez, o quanto nos é pertinente indagarmos sobre a complexidade que rege a violência e investigarmos sobre as formas de conceptualizações metafóricas desse fenômeno. Nessa direção, desenvolvemos esta tese intitulada: Representações cognitivas socioculturalmente situadas de violência no cotidiano de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza.

### **1.3 Enfrentamentos da violência**

Ao analisarmos as questões que envolvem a violência enfrentada pela população jovem do município de Fortaleza, especificamente na periferia, é pertinente observar quais são as práticas cotidianas que fazem parte da realidade desses jovens. Além disso, precisamos reconhecer as ações sociais e as políticas que possam estar inseridas em sua moradia e comunidade, observando se elas agem em seu favor, contemplam a segurança pública dos jovens, e resguardam o direito à cidadania.

Nessa tarefa concordamos que o cenário descrito na subseção anterior é sem dúvidas alarmante, dessa forma, cresce a nossa preocupação sobre o fenômeno da violência e suas consequências. Por outro lado, reconhecemos que, na segunda década do segundo milênio, há uma política de ação governamental que vislumbra a mudança do quadro instaurado. Isso acontece notoriamente no estado do Ceará e em seus centros urbanos. Nessa esteira, apresenta-

se o Programa Estadual de Proteção Territorial e Gestão de Riscos (Proteger) e o Programa Ceará Pacífico<sup>7</sup>.

Além das políticas governamentais que se destacam em nosso cenário atual, contamos com as instituições de ensino superior cearenses, como a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE). Ambas as instituições têm direcionado o seu olhar para as questões da Violência e feito o seu dever de casa por meio de pesquisas e projetos de extensão, numa tentativa de encurtar a distância entre a universidade e a comunidade e atravessar a rua<sup>8</sup>. Nesse intuito, a UFC e a UECE, por meio dos Programas de Pós-graduação em Linguística e em Linguística Aplicada, e de seus grupos de pesquisas, respectivamente, GELP-COLIN e PRAGMACULT, têm alcançado notoriedade em seu fazer científico e social.

### ***1.3.1. Grupo de estudos sobre linguagem e pensamento/cognição e linguística (GELP-COLIN)***

O Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento/Cognição e Linguística (GELP-COLIN), vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenado pela Professora Dra. Ana Cristina Pelosi, vem cumprindo o seu papel, realizando um trabalho acadêmico-científico de ponta, articulando pesquisa, práxis e responsabilidade social. Nesse intuito, aos propósitos de seus vários projetos, o GELP-COLIN congrega renomados pesquisadores do Brasil e de outros países com interesses diversos que se articulam em torno da Linguística Cognitiva e da Linguística Aplicada. Neste espaço, é nossa responsabilidade dar visibilidade ao trabalho incessante no contexto das novas pesquisas em Linguística Aplicada<sup>9</sup>.

O GELP-COLIN investiga o funcionamento da cognição humana, buscando compreender a relação entre linguagem, pensamento, sob o viés da linguística cognitiva, e a abordagem da análise do discurso à luz da metáfora, que compreende o discurso como um sistema adaptativo complexo. Para ilustrar a expressiva e contínua atuação do GELP-COLIN,

---

<sup>7</sup> Visa melhorar o cenário urbano por meio de ações contínuas para beneficiar as populações vulneráveis e enfrentar a violência.

<sup>8</sup> Segundo Sousa, (2021, p. 42) o Programa de Extensão Viva a Palavra constrói fluxos com a comunidade da Serrinha, ou seja, atravessa a rua, assim como em outros projetos, atravessar a rua é também chegar na comunidade de outra forma, com novas posturas e novos modos de ser, fazer e agir.

<sup>9</sup> A Linguística Aplicada, à luz de Moita Lopes (2006, p. 14) compreende que a linguagem é um elemento crucial, para pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos.

destacamos o *Projeto interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros*, subprojeto de *Living with uncertainty: metaphor and the dynamics of empathy in discourse*, coordenado pela Dra. Lynne Cameron, pesquisadora da Open University no Reino Unido. O projeto brasileiro teve como objetivo investigar o papel das representações sociocognitivas na emergência e na modelagem de ideias e crenças de indivíduos sobre conceitos vinculados à violência em áreas urbanas de três cidades brasileiras, que representam regiões com diferentes formações étnicas e socioculturais. Dada a sua abrangência, o referido projeto foi realizado em três etapas, executadas no período de 2009 a 2018.

Atualmente, o GELP-COLIN desenvolve o projeto intitulado *Representações cognitivas socioculturalmente situadas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros*. Esse projeto tem como objetivo investigar o papel de representações cognitivas socioculturalmente situadas que embasam ideias e atitudes de indivíduos, vítimas diretas ou indiretas de violência, com respeito a atitudes, crenças e sentimentos relativos à conceitualização do fenômeno de um modo geral, bem como a conceitos de (in)segurança, empatia, dispatia para com agressores frente ao prevalecente estado de violência urbana no Brasil. Além disso, as investigações partem da teoria da metáfora conceptual (Lakoff; Johnson, 1980, 1999) e da proposta teórico-metodológica abraçada por Cameron et al. (2009), Cameron e Maslen (2010); Larsen-Freeman e Cameron (2012) relativos ao discurso como sistema adaptativo complexo (SAC). A partir desse preâmbulo, ressaltamos que o desenvolvimento desta tese é parte desse projeto, e alinha-se aos seus principais objetivos, as suas aplicações futuras, e ao seu fazer científico, político e social.

### 1.3.2. *Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (PRAGMACULT)*

O Grupo de Pesquisa em Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (PRAGMACULT), coordenado pela Professora Dra. Claudiana Nogueira Alencar, que também é membro efetivo do grupo GELP-COLIN, tem realizado pesquisas no âmbito da Pragmática Cultural voltada para o cotidiano, para as vivências culturais, para os jogos de linguagens, porém, mais que isso: uma pragmática que radicalize a ideia de que linguagem é ação, em todas as suas implicações políticas (Alencar, 2014). Além disso, o PRAGMACULT desenvolve iniciativas de ensino, pesquisa e extensão para a produção de cartografias dos movimentos culturais juvenis dos bairros mais pobres de Fortaleza.

Desse modo, saliento que, antes de iniciar o doutorado, já fazia parte de ambos os grupos de pesquisa, e começava a compreender a dimensão dos trabalhos realizados nas universidades, e na possibilidade do inédito-viável<sup>10</sup>, refletindo sobre as questões inextricáveis entre indivíduos e sociedade, pois

Enquanto pobres e subalternizados por esse sistema, precisamos buscar inéditos viáveis para que nossa existência não tenha como finalidade única apenas servir ao sistema, que por meio do consumo e do divertimento nos faz querer ser escravos. Somos humanos e como tais precisamos buscar a humanidade em um mundo que cada vez mais desumaniza e desloca pessoas, construindo dicotomicamente, um centro e uma margem da sociedade (Sousa, 2021, p. 20).

Nessa perspectiva, entre as ações e os projetos do PRAGMACULT, destacamos o Programa Viva a Palavra<sup>11</sup>, do qual faço parte. Esse projeto busca combater a violência contra a juventude pobre, negra e periférica, desenvolvendo ações contínuas de mudança social (Alencar, 2014). Além de valorizar os letramentos críticos das juventudes das comunidades periféricas de Fortaleza em torno de uma cultura de paz, do fortalecimento dos movimentos sociais, das práticas de letramento da juventude existente na comunidade negra da periferia de Fortaleza. (Alencar, 2014; Souza, 2021; Lopes *et al*, 2018).

---

<sup>10</sup>Segundo Ana Maria Freire (2014), O inédito-viável não é, pois, uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma palavra na acepção freiriana mais rigorosa. É uma palavra-ação, portanto práxis, pois não há palavra verdadeira que não seja práxis, daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (Freire, 1975, p. 91).

<sup>11</sup>projeto de extensão que promove atividades no bairro Serrinha, situado no entorno da Universidade Estadual do Ceará, Campus do Itaperi. O Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza, que busca enfrentar violência, construir a inclusão social e combater a discriminação, o racismo e o preconceito geracional.

Como afirma Souza (2021), fica evidente, como acabamos de expor, que se trata de uma tentativa de fazer novas travessias e construir outras relações entre a UECE e a comunidade, a fim de superar os padrões positivistas presentes fortemente nas relações estabelecidas historicamente entre universidade e comunidade. Nessa direção, acreditamos que não há como segmentar a pesquisa, separando o ser cognitivo do mundo que ele também constrói.

Dessa forma, o envolvimento com o Viva a Palavra me trouxe a compreensão de que as iniciativas denominadas novos movimentos sociais vão além da luta por melhores condições de vida, configuram-se como verdadeiras produtoras de história e contribuem significativamente para a construção de uma nova forma de sociabilidade (Lopes *et al.*, 2018) que podem ser edificadas através das pesquisas que assumem uma perspectiva cognitiva, discursiva, crítica e transdisciplinar como as realizadas pelo grupo GELP-COLIN. Assim, é preciso lembrar de que por me inserir no Viva a Palavra, delimitamos como universo deste estudo os discursos de jovens que vivem na Serrinha. Como podemos observar, além de estar diretamente vinculada ao GELP-COLIN, esta tese também está relacionada ao PRAGMACULT, mais especificamente ao Viva a Palavra, projeto de extensão no qual estou inserida.

No que diz respeito à cognição, enfatiza-se a ideia de sistematizar alguns aspectos da linguagem figurada, das metáforas, *frames* semânticos e metafóricos, para uma melhor compreensão da linguagem em seu sentido mais amplo, iluminando a relação inextricável entre linguagem, cognição e meio social que emergem no discurso de jovens moradores da periferia. Quanto à justiça social, espera-se poder contribuir para um fazer crítico e humanizado, proporcionando a geração de conhecimentos estratégicos para o desenvolvimento de políticas públicas capazes de melhor gerenciar a escalada da violência e a fomentação de atitudes menos beligerantes. Além disso, esta pesquisa traz uma preocupação e um compromisso com a juventude, numa escuta sensível, valorizando as ideias, os pensamentos, os valores e sentimentos dos jovens moradores da periferia, possibilitando uma discussão em torno da linguagem como construto social no âmbito da Linguística Aplicada e da Linguística Cognitiva, propósito da próxima subseção.

Dito isso, tratamos, no próximo capítulo, dos estudos e investigações pertinentes para esta tese, configurando o estado da arte.

## 2 O ESTADO DA ARTE

Ao quebrar o silêncio a linguagem realiza o que o silêncio pretendia e não conseguiu obter (Merleau-Ponty, 1999).

Nessa célebre frase de Merleau-Ponty o literal e o metafórico se misturam, se confundem, e permitem ver um ponto historicamente conflitante: a linguagem concreta, o silêncio abstrato, a linguagem como realização concreta do pensamento. Compreendemos, à luz dessa citação, que há na linguagem a existência de infinitas possibilidades de significados, complexas, dinâmicas e inimagináveis. Portanto, não nos cabe imaginar que o pensamento seja simplesmente literal, ou proposicional. Dessa forma, cercearíamos o homem em fronteiras ideologicamente estabelecidas.

Nessa perspectiva, a Linguística Cognitiva tem alinhado seus pressupostos para responder satisfatoriamente às questões sobre a linguagem e o pensamento. Segundo Johnson (1987), para que os seres humanos possam compreender o conhecimento é necessário identificar estruturas e categorias de compreensão em termos de sua própria experiência, e que possam ser usadas para seus próprios propósitos. Nessa visão, Lakoff e Johnson (1980) postularam um entendimento da metáfora completamente diferente do entendimento clássico, como um processo cognitivo alimentado por bases experienciais, e estabeleceram a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), reconhecida como pedra angular da Linguística Cognitiva (LC), propulsora das ciências da linguagem e das ciências humanas e sociais contemporâneas.

Apesar do êxito, a Teoria da Metáfora Conceptual não teria se consolidado não fosse as indagações e posicionamentos da comunidade científica, consequência natural da evolução científica, que resultaram na valorização das suas bases epistemológicas. Das mais conhecidas críticas apontadas à Teoria da Metáfora Conceptual, destaca-se o caráter universal ao qual se propunha, o que de certa forma, excluiria seu caráter cultural (Kövecses, 2018).

Contudo, é imprescindível reconhecer a evolução da TMC a partir da incorporação da Hipótese da Metáfora Primária (Grady, 1997). Os avanços obtidos foram publicados na obra *Philosophy in the Flesh* de Lakoff e Johnson (1999). Segundo Lima (2003), essa obra propõe-se a explicar os principais pontos controversos da TMC, como a ausência de base experiencial entre alguns domínios fonte e alvo, inconsistência entre mapeamentos relacionados etc.

Além da Hipótese da Metáfora Primária, os estudos sobre metáfora se fortaleceram com os estudos sobre processamento neural (Narayanan, 1997; Gallese; Lakoff, 2005), metáforas complexas (Kövecses, 2002, 2010), a linguagem metafórica (Ritchie, 2022), e as

metáforas sistemáticas (Cameron, 2007; Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010; Pelosi; Cameron; Feltes, 2014). Destacamos também, a relevância dos conhecimentos e das teorias relativas aos *frames* e *framings*, que tiveram início nos estudos clássicos da sociologia (Goffman, 1967) e alicerçam várias pesquisas da Linguística Cognitiva.

Dito isso, esses estudos apontam para uma perspectiva transdisciplinar, muito defendida na Linguística Aplicada. Conduzidos por essa atmosfera, importantes pesquisas sobre metáfora têm buscado na teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos possibilidades de compreender a cognição humana. A metáfora passa a não apenas ser considerada uma questão apenas de palavras e de experiências, mas também um sistema complexo que ao interagir com outros sistemas pode ser capaz de revelar uma dimensão maior dos sentidos e das conceptualizações. Tal complexidade aqui passa a ser defendida a favor de uma perspectiva epistemológica que busque investigar a emergência de metáforas, mostrando o caráter interacional, social e ideológico do discurso e as suas relações com a linguagem e a cognição. À vista disso, a linguística cognitiva fornece teorias promissoras para a investigação dos questionamentos, e alcance dos objetivos propostos neste projeto. Além disso, os avanços alcançados possibilitaram o desenvolvimento de pesquisas em várias áreas do conhecimento, explorando temas diversos, e se preocupando com questões sociais como saúde e violência.

Para ilustrar, citamos os trabalhos de Semino *et al* (2016, 2018) que investigaram o uso de metáforas, metáforas de violência e jornada, por pacientes com câncer e por profissionais de saúde. A pesquisadora utilizou a noção de *frame* em diferentes níveis de generalidade na análise de metáforas (metáforas conceituais, cenários e metáforas linguísticas), apontando as vantagens teóricas e práticas de levar todos os três níveis em consideração ao considerar o uso da metáfora para comunicar sobre tópicos sensíveis, como o câncer. Esses pesquisadores desenvolveram suas pesquisas a partir da perspectiva da cognição, discurso e prática, defendendo uma abordagem integrada às metáforas para o câncer, analisando escolhas e padrões de expressões metafóricas em dados autênticos. Segundo Semino *et al* (2016, 2017, 2018), a metáfora pode ser vista como uma ferramenta linguística e cognitiva usada para falar e pensar sobre experiências sensíveis e subjetivas, como doença, emoções, morte e morrer, e que pode ajudar e dificultar a comunicação e o bem-estar, dependendo de como é usada.

Nas Ciências Sociais, Cameron e colegas investigaram o uso da metáfora como uma ferramenta para revelar ideias, atitudes e valores das pessoas por meio da análise do discurso, desenvolvendo o método denominado Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM) (Cameron, 2008; Cameron *et al.* 2009; Cameron; Maslen, 2010). Segundo Cameron e Maslen (2010), esse método é sustentado por uma perspectiva de dinâmica dialógica da metáfora, ou

seja, a metáfora ocorre no fluxo do discurso e da interação social, e compreender sua natureza e uso requer o seu entendimento como um fenômeno dinâmico e discursivo.

A Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM) vem sendo amplamente utilizada nas pesquisas que tratam das metáforas e da linguagem figurada, em contextos reais de interação. E consideram a metáfora como um fenômeno multifacetado, complexo, dinâmico, e situado socioculturalmente, capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções (Cameron, 2008; Cameron *et al.* 2009; Cameron; Maslen, 2010; Pelosi; Gabriel, 2016).

Cameron (2009), Cameron *et al.* (2009) e Pelosi e Gabriel (2016) investigaram a emergência de metáforas durante a interação, objetivando uma compreensão mais abrangente, mais refinada, e completa do discurso no momento da interação, analisando a cooperação entre os participantes.

Além desses trabalhos, em consonância com os pressupostos da metáfora sistemática, podemos citar os trabalhos de Ritchie (2009, 2010, 2011, 2012, 2013) que questionaram sobre a adequação da teoria da metáfora conceitual às investigações que priorizam além do conceito, mais especificamente, no uso da linguagem figurada e das metáforas no discurso, e na interação social. Segundo Ritchie (2022), as pessoas não raciocinam apenas em termos de metáforas conceituais, ou seja, os pensamentos emergem de combinações entre sentimentos, simulações, linguagem e representações neurais da linguagem.

Vale ressaltar, que além dos estudos com foco nas metáforas sistemáticas, Ritchie e Cameron (2014) direcionaram suas pesquisas para identificar *frames*, e *frames* metafóricos. Essas pesquisas apontaram para a ideia de que *frames* metafóricos podem esclarecer por que as interações às vezes falham. Além disso, apresentam evidências de que estratégias cognitivas baseadas em *frames* podem fornecer os insumos necessários para a construção de sentidos complexos e de diferentes visões de mundo. Para esse fim, Ritchie e Cameron (2014) investigaram *frames*, *frames* metafóricos, analisando vários aspectos que consideraram relevantes: cognitivo, linguístico, físico, social, e cultural, entre outros.

Os referidos pesquisadores examinaram as metáforas e *frames* metafóricos na interação, especificamente em uma reunião pública contenciosa entre policiais e membros da comunidade afro-americana, após um caso de assassinato de uma jovem afro-americana por policiais. Os pesquisadores apontaram que a emergência de *frames* contraditórios entre funcionários públicos e membros da comunidade pode ter contribuído para o “fracasso” da interação.

Além disso, Ritchie (2009, 2010, 2011, 2012, 2013) ao focar nas interações discursivas, ampliou o seu escopo de estudo, e identificou outros elementos metafóricos, como



narrativas, ironias e piadas. Dessa maneira, o pesquisador percebeu que, à medida que o discurso está se desenvolvendo, várias pessoas contribuem para a construção sentido.

No contexto das pesquisas brasileiras, Pelosi *et al* (2014) investigaram sobre o fenômeno da violência, contribuindo com as pesquisas de Cameron, fortalecendo a tese das Metáforas Sistemáticas (MetSis), e apontando para uma investigação em torno de metonímias, especificamente, metonímias sistemáticas, o que a priori não teria sido o foco das pesquisas de Cameron (2009), Cameron e Maslen (2010). Para Pelosi (2014), as percepções sobre violência são entendidas em termos das dinâmicas complexas da vida social, à medida que as pessoas tentam lidar com as incertezas que surgem com a escalada dos atos de violência em suas cidades. Essas pesquisas identificaram a metáfora sistemática - **VIOLÊNCIA É UM PRODUTO MANUFATURADO PELA MÍDIA** (Pelosi; Cameron; Feltes, 2014). Segundo as pesquisadoras, a sensacionalização da violência pela mídia é uma **FORÇA INCONTROLÁVEL**, já a trivialização da violência pode contribuir para atitudes negativas e sentimento de perda de controle, desconfiança e preconceito. Além dessas, apontamos a seguir outras pesquisas relevantes para os estudos sobre linguagem figurada, metáfora e metáfora sistemática.

A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana: uma análise cognitivo-discursiva (Lima, 2012) descreve como as metáforas presentes no discurso de vítimas diretas e indiretas de violência urbana são estruturadas na cognição e emergem no discurso. Nesse trabalho, Lima (2012) inferiu que os esquemas e metáforas primárias e os tópicos do discurso estão presentes no surgimento da linguagem figurativa.

A emergência de metáforas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva (Carneiro, 2014) traz uma investigação sobre como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica exprimem suas ideias e sentimentos sobre esse fenômeno. Em sua tese, Carneiro defende que as metáforas sistemáticas apresentam veículos metafóricos sujeitos a mudanças lexicais, como a relexicalização e a literalização.

Adversidade e resiliência em metáforas sistemáticas na fala dos índios Pitaguary Bezerra (2020) investiga a emergência de metáforas sistemáticas de adversidade e resiliência e os indícios empáticos no discurso de indígenas Pitaguary. Bezerra (2020) defende que as metáforas sistemáticas resultantes de seu estudo refletem ideias, valores, emoções e sentimentos relacionados aos temas “adversidade” e “resiliência”. Em seus resultados, o autor ressalta que a metáfora é uma ferramenta útil na compreensão do discurso do outro, marcada por polarização ideológica, retrocesso político e cultural e desrespeito à cultura dos povos originais.

Em suma, as pesquisas acima seguiram os pressupostos da abordagem discursivo-cognitiva denominada de Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM), articulando perspectivas cognitivas e discursivas, entre outras, e contribuindo para áreas diversas que incluem desde a Linguística Aplicada, as Ciências Sociais, e as Teorias da Comunicação. Ainda, os estudos sobre metáfora e linguagem figurada têm se expandido para além das áreas da linguagem e da comunicação, se mostrando relevantes para tratar de questões diversas, como saúde e política.

Por fim, concluímos este capítulo destacando que as pesquisas citadas tratam a linguagem como um processo cognitivo discursivo, e por isso, não restringem as suas investigações as metáforas conceptuais, defendendo um entendimento de metáfora ainda mais amplo. Tais pesquisas se inserem na Linguística Cognitiva e na Linguística Aplicada, pois se destacam por seu caráter discursivo e social.

Isso posto, apresentamos, na sequência, o capítulo de fundamentação teórica.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece "subjetivo", já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito (Merleau-Ponty, 1999, p. 576).

Há muito tempo, o homem tem procurado desvendar os mistérios da mente humana. A Filosofia e os seus alicerces trouxeram imensuráveis contribuições para o desenvolvimento do mundo, do homem moderno, impulsionando filósofos e cientistas a buscarem formas de esclarecer muitas das questões sobre pensamento e linguagem, que ainda hoje nos desconcertam. Pois, entendemos que, nem as proposições filosóficas, nem o cientificismo cartesiano foram suficientes para responder muitas dessas inquietações sobre tão incógnito aparato.

Nessa linha de raciocínio, a Filosofia Descartiana defendia a ideia de que apenas os humanos seriam dotados de inteligência, que a consciência não poderia existir fora da humanidade (Dunbar, 1996). Tal proposição tem sido rechaçada nos últimos séculos, motivando a descrença sobre o clássico conceito de mente. Para iluminar esse problema, Lakoff (1990) aponta que renomados pesquisadores, como, Austin, Brown, Ekman, Kay e McDaniel, Wittgenstein, e Rosch, mesmo diante do paradigma tradicional de razão, de símbolos abstratos e descorporificados fortemente enraizado, desafiaram a visão filosófica de mente e de linguagem, e passaram a defender a ideia de um modelo cognitivo, embora desenvolvendo pesquisas distintas.

#### 3.1 Filosofia, Ciência e Cognição

Elucidações sobre a cognição humana têm sido desde os primórdios do mundo um grande desafio; saber como pensamos, ou conhecer o aparato que nos torna capazes de produzir conhecimento, são questões remotas, que ainda requerem muita atenção e investimento científico. Segundo Damásio,

Nenhum aspecto da mente humana é fácil de investigar, e, para quem deseja compreender os alicerces biológicos da mente, a consciência é unanimemente considerada o problema supremo, ainda que a definição desse problema possa variar notavelmente entre os estudiosos. Se elucidar a mente é a última fronteira das ciências da vida, a consciência muitas vezes se afigura como o mistério final na elucidação da mente. Há quem o considere insolúvel (Damásio, 2015, p. 15).

Insolúvel ou não, as questões sobre a mente sempre existiram. Sabe-se que a Filosofia foi por muito tempo a ciência responsável por fornecer os esclarecimentos necessários para as questões da humanidade, postulando entendimentos sobre o mundo, a humanidade e a mente. Já na Antiguidade Clássica, Platão<sup>12</sup>, filósofo grego, influenciou historicamente o entendimento sobre cognição ao definir a mente como uma substância única, separada do corpo, livre das leis da física, da química e da biologia que regem o mundo material.

“Penso, logo existo”. Assim, para Descartes, filósofo e cientista criador do pensamento cartesiano, em primeiro lugar, existimos por meio da razão, capacidade humana exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade, livres da experiência sensível, da intervenção dos sentimentos e das emoções (Tonnetti, 2008; Gardner, 1996). Em segundo lugar, o homem seria formado por duas substâncias independentes, a alma e o corpo, logo o pensamento pertenceria à alma, ao intelecto, cuja natureza seria completamente distinta e dissociável da substância corpórea. Essa visão parecia ser conveniente, pois permite a compreensão do ser humano, como um ser único dentro da criação, único na natureza, e, dotado de mente, portanto, digno de alguns privilégios, justificando a hipótese de que a mente não estaria sujeita às leis físicas; e, portanto, poderia sobreviver à morte do corpo, validando a hipótese da imortalidade da alma. E assim, conciliando razão e fé (Tonnetti, 2008). Tais ideias, apreciadas historicamente, influenciaram a ciência, instaurando o cartesianismo que se propagava firmemente (Gardner, 1996; Johnson, 1996).

Segundo Johnson (1987), o famoso Método de Descartes seria como uma matemática universal que permite traçar conexões entre nossas ideias de forma ordenada e completa. Para o autor, essa visão do conhecimento levanta uma série de questionamentos,

se o que sabemos são nossas próprias ideias, então como podemos ter certeza de que elas realmente representam com precisão o que existe na realidade externa? A resposta de Descartes é de que Deus não é um enganador e, portanto, garante uma conexão entre nossas ideias e o mundo externo, mas para o pesquisador cognitivista essa resposta não satisfaz quase a ninguém (Johnson, 1987, p. xxvii).

---

<sup>12</sup>“A principal característica do pensamento de Platão é encontrar uma justificativa ontológica para as posições de Sócrates. Ou seja, responder a nossa primeira pergunta, no caso, o que é intelecto. No entanto, suas teorias trazem um dos primeiros esboços dos principais temas psicológicos, tais como, intelecto (via cognitiva) emoção (via afetiva), motivação e saúde mental (via ativa e grandes sínteses), e diferenças individuais” (Tonnetti, 2008, p. 4).

Ao nos colocarmos diante dessas questões, não nos desvencilhamos da ideia de que essa visão de ciência serviria em favor de certas ideologias impedindo o desenvolvimento mais humanizado do homem e da ciência.

Nesse cenário, nutriam-se as ciências modernas, valorizava-se a busca pelo conhecimento universal, pela neutralidade científica, pela soberania da matemática, e pela racionalização lógica. Para o fazer científico, o mais importante era estabelecer métricas precisas e defender teses simbolicamente comprovadas. Regra e rigor eram fundamentais; enquanto conhecimento e conceptualização, para muitos, continuavam sendo fenômenos exteriores às barreiras físicas de qualquer organismo.

Na contramão desse pensamento, Varela, Thompson e Rosch (2003) deixam claro a necessidade de olhar para a nossa própria experiência, pois segundo eles, a ciência precisava combinar subjetividade com objetividade, reconhecendo assim a experiência subjetiva, pois toda experiência é a experiência de alguém. Nesse sentido,

O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece "subjetivo", já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito (Merleau-Ponty, 1999, p. 576).

Assim, a ciência não poderia nos separar do mundo, da mesma forma que o conhecimento não seria uma substância isolada do homem que vive e pensa. Pois, o conhecimento consiste em entender claramente as ideias e como elas estão relacionadas umas às outras. Apesar disso, cumpre-nos lembrar que algumas ideias cartesianas ainda continuavam predominantes. Em primeiro lugar, percebemos a visão equivocada de que a racionalidade é essencialmente descorporificada (Johnson, 1994).

Em segundo lugar, a fragmentação e o isolamento das disciplinas que se dedicavam aos estudos da mente dificultavam a troca de conhecimento, impedindo o questionamento e o confronto das ideias tradicionais. Além disso, a ciência que chegava ao século XX estava fragmentada em partes visivelmente desproporcionais, como Racionalismo, Positivismo, e Behaviorismo, enquanto uma ciência cognitiva ainda era embrionária (Varela; Thompson; Rosch, 2003). Convém ressaltar, como aponta Johnson (1994), que nesse período, havia um ar de descontentamento em relação ao pensamento científico dominante, o que impulsionava outros cientistas para uma ruptura aos ideais instaurados, pondo-os em xeque, em favor de novas possibilidades e descobertas.

Nesse cenário, as preocupações em torno da mente humana mudaram de curso, abandonando o clássico conceito de mente e de linguagem. Apesar disso, ainda prevalecia uma ciência que separava o sujeito do seu mundo, que defendia pesos e medidas, exaltava o conhecimento universal, e defendia leis e teorias simbolicamente comprovadas. Contrariando essa involução, segundo Lakoff e Johnson (1980), a Fenomenologia de Merleau Ponty, a Autopoiese de Maturana e Varela, e o Experiencialismo de Lakoff e Johnson evidenciam como a linguagem subjaz ao pensamento, metafórico por natureza, havendo um significado anterior, ou a iminência dele, mesmo antes de se constituir na interação. Isso só seria possível porque a linguagem que faz sermos o que somos, distinguindo-nos de outros seres é o resultado de uma longa e ampla forma de interação. Não apenas da interação entre semelhantes, e de interações verbais, mas de interação com o universo, com o mundo, físico ou metafísico, com o conhecimento.

Nessa interação, o sistema conceptual humano engrena, determinando como percebemos o mundo, como pensamos e como agimos, e como definimos a realidade. Isso ocorre através de processos fisiológicos, das relações entre o cérebro, o corpo, e o ambiente. Pois, segundo Damásio (2015, 2018), a mente surge do corpo, e as emoções e os sentimentos estão enraizados no corpo, são fundamentais para a razão e para a consciência. O corpo é o alicerce da mente consciente, e que se constitui através das experiências e das percepções corpóreas que movimentam o ser humano, mas não são os únicos dominantes na interação (Damásio, 2015, 2018). Ou seja, o sistema cognitivo em questão não está encapsulado em um único cérebro em um único corpo nem tão somente na interação, ou no discurso. Segundo Damásio, para compreender a mente humana, se faz necessário adotar uma perspectiva mais abrangente que leve em conta todo o organismo, cérebro e corpo, em interação com o ambiente físico e social (Damásio, 2015, 2018).

### **3.2 Ciência Cognitiva**

A Ciência Cognitiva surgiu no século XX com o objetivo de investigar a mente humana, o funcionamento cerebral, e a produção de conhecimento. Esse empreendimento foi possível com o contínuo avanço das tecnologias de informação, ao passo que a ousadia de compreender a mente humana aproximou-se dos processos computacionais, através da linguagem lógico-matemática e de conceitos de computação (Sinigaglia, 2022; Gardner, 1996). Em 1948, o simpósio de Hixon, na Califórnia (EUA), reuniu cientistas de diferentes áreas que buscavam compartilhar ideias sobre como o sistema nervoso controla o comportamento

humano e participa na percepção do mundo. Esse encontro e as Conferências de Macy são marcos da cibernética, considerada precursora da ciência cognitiva (Sinigaglia, 2022).

Sobre isso, dois célebres eventos ficaram conhecidos na literatura científica: a publicação da obra *Cibernética* do cientista americano Norbert Wiener em 1948, e a publicação de *Teoria Matemática da Comunicação* no ano seguinte, em 1949, pelo matemático e engenheiro Claude Shannon. Norbert Wiener estabeleceu o princípio da retroação, um conceito aplicado principalmente no campo da teoria de sistemas e controle, que descreve a ideia de que em sistemas dinâmicos, o comportamento e a evolução de um sistema dependem de suas próprias ações e dos resultados dessas ações que retornam ao sistema como informações de *feedback*.

Segundo Winkin (1998), Norbert Wiener preconizou a ideia de que o processamento de informações ocorre em um movimento circular, e de que as informações sobre uma ação em curso se retroalimentam, princípio da retroação, consolidando a origem da Cibernética e propondo um modelo circular de comunicação que ajudou a explicar como as interações entre emissores e receptores se autorregulam, se ajustam e evoluem em diferentes contextos comunicacionais.

Ainda segundo Winkin (1998), o matemático Claude Shannon propôs um modelo linear de comunicação que ficou conhecido como a Teoria da Comunicação, opondo-se nitidamente ao modelo circular de Wiener (Wiener, 1948), e a noção de retroação. A teoria de Shannon (1948) ficou conhecida como a teoria matemática do telégrafo, pois possibilitou falar de um modelo telegráfico da comunicação: remetente (quem envia a informação), o destinatário (quem a recebe), a mensagem (que circula do transmissor ao receptor) e o código (que permite a tradução em signos das ideias transmitidas pela mensagem) (Shannon, 1948; Winkin, 1998; Vion, 2000; Ritchie, 2022).

O resultado desse trabalho, impulsionado pela atmosfera interdisciplinar do período, permitiu que a teoria do matemático alcançasse um amplo reconhecimento no meio científico, além das ciências exatas, influenciando uma concepção de linguagem e comunicação mecanicista, com caráter unilateral e linear: o modelo do telégrafo (Vion, 2000; Winkin, 1998). Entretanto, essa visão linear não foi unanimemente aceita por todos os estudiosos da comunicação. Em resposta a esse descontentamento, a cibernética proposta por Wiener influenciou diversos pesquisadores que apoiavam a ideia de um modelo circular de comunicação (Vion, 2000; Winkin, 1998).

Desse entendimento, a Escola de Palo Alto<sup>13</sup>, ao depreender que as investigações científicas poderiam se beneficiar se tratassem seus objetos de investigação em termos de sistemas em vez de elementos isolados apresentou uma perspectiva circular, sistêmica e dinâmica da interação, conduzindo-os a encontrar uma nova epistemologia da comunicação: a orquestra<sup>14</sup> (Winkin, 1998). Essa perspectiva influenciou novas concepções de linguagem e de interação, buscando explicações para o entendimento da realidade a partir da ideia da não-linearidade, explorando outras teorias, como a teoria dos sistemas adaptativos complexos, teoria dos sistemas dinâmicos, entre outras. Nessa visão, essas investigações, ao considerar tipos de sistemas complexos e circulares, passaram a incluir múltiplos contextos, indivíduos e sociedade, sem excluir os aspectos cognitivos.

Tais avanços influenciaram o surgimento de uma ciência cognitiva, pois

através dessa mudança, o conhecimento se tomou tangível e inextricavelmente ligado a uma tecnologia que transforma as próprias práticas sociais que possibilitam aquele verdadeiro conhecimento - sendo a inteligência artificial o exemplo mais visível disso. A tecnologia, dentre outras coisas, age como um amplificador. Não se pode separar as ciências cognitivas e a tecnologia cognitiva, sem roubar de uma ou de outra seu elemento complementar vital. Através da tecnologia, a exploração científica da mente oferece a sociedade como um todo um espelho de si mesma sem precedentes, bem mais amplo que o proporcionado pelo filósofo, pelo psicólogo, pelo terapeuta ou por qualquer indivíduo em busca de insights em sua própria experiência (Varela; Thompson; Rosch, 2003, p. 23).

Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico não pode ficar isento de reflexões e julgamentos minuciosos e aprofundados. Nesse intuito, Varela; Thompson; Rosch (2003) criticam a visão tradicional da mente como uma máquina de processamento simbólico e chamam a atenção para os perigos do processamento de informações de maneira algorítmica e desincorporada. Para eles não podemos considerar cognição como computação. E, a mente não seria simplesmente uma mera manipulação de símbolos. A máquina precisa entender a linguagem metafórica, no seu mais amplo sentido, pois, o conhecimento parece indissociável da experiência, do contexto, do tempo e da cultura.

Nesse sentido, de contextos múltiplos e circulares, a metáfora do telégrafo e a metáfora da orquestra refletem os avanços das comunicações e do processamento de

<sup>13</sup> Bateson se junta a outros cientistas, Ray Birdwhistell, Edward T. Hall, Erving Goffman, que possuíam formação antropológica, e Don Jackson, Paul Watzlawick e Albert Scheflen, e psiquiátrica, e fundaram o Colégio invisível ou Escola de Palo Alto.

<sup>14</sup> A metáfora da orquestra permite duas interpretações, como nos explica. A primeira, “uma interpretação sistêmica de que as regras dessa partição invisível são os elementos de um sistema que governa nossas atividades e que as ciências humanas devem descobrir. A segunda, uma interpretação com ênfase no trabalho conjunto pelo qual os sujeitos concordam uns com os outros. Ambas as visões parecem coadunar com uma postura mais dinâmica da ciência, da comunicação, e da linguagem; extrapolando o sentido de código linguístico, num entendimento de que era preciso reparar a concepção limitante de comunicação, linguagem, e interação estabelecida (Vion, 2000).



informações, sintetizando alguns elementos responsáveis pela revolução cognitiva. Destacamos, em particular, que a ideia de orquestra influenciou os linguistas a explorarem a linguagem não apenas como um sistema simbólico, mas também como um sistema de comunicação inserido em contextos mais amplos de interação humana e cognição. Essa concepção de linguagem foi bastante profícua para a Linguística interacionista, mas também para as pesquisas em Linguística Aplicada e Linguística Cognitiva, que se ancoram entre outras na teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos.

### 3.3. Revolução cognitiva

Certamente que as ciências cognitivas foram moldadas pelo avanço das tecnologias, mas, a revolução cognitiva ocorreu em oposição ao Behaviorismo<sup>15</sup> instaurado, que aparecia para responder, principalmente, às necessidades científicas da psicologia vigente no início do século XX. O Behaviorismo propunha um estudo focado em comportamentos observáveis, negligenciando processos internos como pensamentos e emoções. Pesquisadores behavioristas começaram a argumentar que era necessário estudar os mecanismos internos da mente. Para isso tomaram mente e comportamento como objetos equivalentes de pesquisa. E, por serem passíveis de observação preenchiam, ainda que aparentemente, as exigências do fazer científico positivista, seja na Psicologia ou na Linguística (Keller; Schoenfeld, 1970).

Esse cenário retardava o reconhecimento de uma ciência cognitiva propriamente dita, ao passo que se difundia a tese behaviorista de que o pensamento era o resultado de um elaborado aparato explicativo que determinava os princípios de condicionamento e reforço, observando as unidades básicas da descrição: estímulo e resposta. (Gardner, 1996). A partir disso, as correntes behavioristas se proliferaram, alcançando sua glória ao defender a desmetafisicação do mundo através da evolução da ciência empírico-formal (Watson, 1913). Embora tamanho êxito, segundo Gardner (1996), o pressuposto de que o comportamento era o resultado de cadeias associativas entre um estímulo e uma resposta não teriam sido suficientes para explicar os comportamentos socialmente ordenados, nem as atividades complexamente organizadas propostas.

Sobre isso, o autor acrescenta,

---

<sup>15</sup>O Behaviorismo se fortaleceu e se popularizou durante várias décadas à medida que buscava preencher as lacunas existentes para a questões da cognição e da linguagem., excluindo a possibilidade de representações mentais, construtos mentais hipotéticos como símbolos, ideias, esquemas, ou outras formas possíveis de representação mental (Gardner, 1996, p. 26).

essas ações se desenvolvem sequencialmente com tanta rapidez que não há nenhuma forma de o passo seguinte da cadeia poder se basear no anterior: quando alguém toca um arpejo, por exemplo, simplesmente não há tempo para feedback, não há tempo para que o próximo som dependa do curso do precedente, ou de alguma maneira o reflita (Gardner, 1996, p. 26).

Nessa esteira, os estudos que lidavam com a mente ainda se mostravam resquícios de um DNA cartesiano, pois permanecia a tese de mente enquanto substância imaterial. Essa ideia começava a se desestabilizar, e colocava as investigações sobre a mente em apuros, uma vez que parte da ciência ainda exigia um objeto observável, *in vitro*. O Behaviorismo, embora relevante para o seu desenvolvimento, não sustentaria a Ciência Cognitiva.

Chomsky apostou em uma ideia bem diferente de mente, e apontou com isso uma saída para o fortalecimento da ciência cognitiva. Para ele, o homem possuía uma capacidade gerativa do pensamento, distinta, inata e biológica. Assim, o comportamento verbal não poderia ser apenas o resultado de variáveis que figuravam exclusivamente no ambiente, excluindo o processo cognitivo do indivíduo. Chomsky indicava que, para entender a mente e seu processamento, era necessário um modelo explicativo da linguagem e dos fenômenos sintáticos específicos. Pois, segundo o pesquisador, a mente aparecia dissociada do meio social, e a linguagem seria apreendida por meio de uma faculdade inata, uma gramática universal (Chomsky, 1975). As teses de Chomsky foram imprescindíveis para o desenvolvimento da ciência cognitiva de primeira geração. Além disso, segundo Gallese e Lakoff (2005), a ciência cognitiva de primeira geração foi fortemente influenciada pela tradição analítica da filosofia da linguagem, da qual herdou a propensão a analisar conceitos com base em modelos formais abstratos, totalmente alheios à vida do corpo e das regiões cerebrais que governam o funcionamento do corpo no mundo.

A visão simbólica e dualista reproduzia a ideia de MENTE COMO COMPUTADOR, sendo possível representar o mundo internamente através de símbolos físicos semânticos e algoritmos. Em oposição à ideia modular de mente, a ciência cognitiva da segunda geração, ou cognitivismo se estabeleceu logo a seguir, na década de 1980, quando seus adeptos se afastaram das perspectivas gerativistas, passando a questionar se a visão computacional de mente seria completamente apropriada para explicar a cognição humana, uma vez que excluía desse processo elementos intrínsecos como emoções, e extrínsecos como o contexto social, e cultural, entre outros. Diante desse entrave, os cientistas cognitivos enveredavam pela hipótese da cognição corporificada, fundamentada na perspectiva orgânica e neurobiológica da cognição humana. Tal empreitada, inaugurou um novo paradigma de investigação filosófica, denominada

de experiencialismo, e celebrou-se a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson, provocando uma verdadeira guinada nos estudos cognitivos (Lakoff; Johnson, 1980).

Em suma, podemos afirmar que a ciência cognitiva se instaurou como consequência dos seguintes posicionamentos: a mente não poderia ser definida como substância imaterial; as investigações cognitivas não concordavam em ter o comportamento como único objeto de pesquisa; mudanças de pesquisas mono disciplinares para o posicionamento multidisciplinar, transdisciplinar da busca do conhecimento; o desenvolvimento da memória e do processamento do computador apontavam para importantes avanços tecnológicos e científicos, como a Inteligência Artificial (Boroditsky; Prinz, 2008; Ritchie, 2022).

### 3.4. Linguística Cognitiva

Como vimos no capítulo anterior, a ciência cognitiva se estabeleceu como um campo interdisciplinar, se beneficiando de áreas diversas que se conectaram pelo interesse mútuo em torno da mente, da inteligência, e do conhecimento. Nessa perspectiva, o experiencialismo, ou realismo corporificado (Johnson, 1987, Lakoff; Johnson, 1999) postula que conceitos e estruturas mentais justificam a sua existência devido às experiências básicas com o corpo no mundo, permitindo que o conhecimento sobre a realidade seja fruto da ação sensório-motora do homem. Em outras palavras, o experiencialismo interpreta o mundo como algo que pode ser especificado pelo ser humano, baseado nas interações deste com o mundo (Johnson, 1987, Lakoff; Johnson, 1999).

Desse entendimento, Lakoff (1987) defendeu a ideia de modelos cognitivos idealizados, ou MCIs, como representações mentais das formas com as quais organizamos o mundo. “Cada MCI é um todo estruturado, complexo, uma Gestalt, que usa quatro tipos de princípios estruturadores” (Lakoff, 1987, p. 68). Os princípios estruturadores constituem submodelos de estrutura proposicional (*frames*), de naturezas imagética (gramática cognitiva), metafórica e metonímica (metáforas conceptuais). Segundo Pelosi (2014), tais organizações resultam das interações do indivíduo com o ambiente físico, além de incluírem fatores sociais e culturais pertinentes a uma dada comunidade.

Segundo Lakoff (1987), os modelos cognitivos idealizados são formados ou estruturados através de conceitos de nível básico, protótipos e esquemas de imagens. Os conceitos de nível básico e os esquemas de imagens são estruturas diretamente significativas que têm a ver com características perceptuais do aparato cognitivo humano e características básicas de sua experiência. A partir deles, formam-se MCIs mais complexos.

Os esquemas de imagem são estruturas pré-conceituais fundamentais ao significado e à racionalidade. Segundo Johnson (1987), têm origem nas nossas experiências mais precoces com o nosso corpo e vão sendo reiterados por outras experiências ao longo de nossas vidas. São padrões dinâmicos abstraídos da relação entre padrões motores e interações perceptuais do nosso corpo, como por exemplo VERTICALIDADE. Isso quer dizer que “grande parte da estrutura, do valor e da positividade que tomamos como garantidos como inerentes ao nosso mundo consiste principalmente em esquemas entrelaçados e sobrepostos [...]” (Johnson, 1987, p. 126). Além disso, “esses esquemas de imagens são abrangentes, bem definidos e repletos de estrutura interna suficiente para restringir nossa compreensão e raciocínio” (Johnson, 1987, p. 126).

Segundo Johnson (1987), para que possamos compreender a extensão da estruturação imagética da nossa compreensão, como nosso modo de ser-no-mundo ou nossa maneira de ter-um-mundo, tomemos os seguintes exemplos: CONTÊINER, EQUILÍBRIO. BLOQUEIO, CONTRAFORÇA, ATRAÇÃO, CAMINHO, LIGAÇÃO, CICLO, PRÓXIMO-LONGE, PARTE-TODO, FUSÃO, CONTATO, SUPERFÍCIE, OBJETO, CENTRO-PERIFERIA, ESCALA, PROCESSO.

Podemos, então, concluir que temos a capacidade de formar estruturas simbólicas que se correlacionam com estruturas pré-conceituais, os esquemas de imagem e os conceitos de nível básico. Pois, segundo Lakoff (1987), o nosso poder de razão abstrata é dado pela nossa capacidade de conceptualização. Além disso, podemos projetar metaforicamente a partir das estruturas de domínio físico para as estruturas de domínio abstrato, limitadas por outras relações entre domínios físicos e abstratos. E, podemos formar conceitos complexos e categorias gerais usando esquemas de imagens como dispositivos estruturantes. A partir disso, o conhecimento passou a ser defendido como experimental e categórico. Essa visão desafiou a tese de representação simbólica do significado, e a ideia de linguagem como módulo da mente, confrontando a noção de linguagem como um sistema autônomo que descreve a realidade em termos de categorias discretas.

Assim, a Linguística Cognitiva revolucionou os estudos da linguagem, e se propôs tanto a investigar o significado e o processo de significação, quanto os fenômenos da língua em termos semânticos e funcionais, e compreender as relações entre linguagem e mundo e entre mundo e conhecimento (Mussalin; Bentes, 2001).

Nesse enfoque, as unidades e as estruturas da linguagem não são investigadas como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da

organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (Silva, 1997). Dessa forma,

A linguagem oferece uma janela para a função cognitiva, fornecendo *insights* sobre a natureza, estrutura e organização de pensamentos e ideias. A forma mais importante pela qual a linguística cognitiva difere de outras abordagens ao estudo da linguagem, então, é que se presume que a linguagem reflete certas propriedades fundamentais e características de *design* da mente humana (Evans; Green, 2006, p. 5).

Isso posto, podemos sintetizar que a Linguística Cognitiva se estabeleceu defendendo uma visão integrada entre a mente e a linguagem, considerando que a linguagem não é apenas um sistema de regras e estruturas isoladas, mas sim uma manifestação da atividade cognitiva do ser humano. Nessa abordagem, a linguagem passou a ser compreendida como um sistema para a expressão de significado e para a execução de suas funções simbólicas e interativas (Evans; Green, 2006).

A partir desse ponto, a mente que era entendida como dissociada do corpo, passa a ser considerada como corpórea, ou corporificada. A mente se molda às experiências do indivíduo com o seu meio, tendo na base da linguagem elementos metafóricos e metonímicos, pilares centrais para a construção de sentido (Lakoff; Johnson, 1980, 1990).

Assim, Lakoff e Johnson (1999, p. 266) afirmam que:

Nossa compreensão do que são os atos mentais é moldada metaforicamente em termos de atos físicos, como mover, ver, manipular objetos e comer, bem como outros tipos de atividades, como adicionar, falar ou escrever e criar objetos. Não podemos compreender ou raciocinar sobre a mente sem essas metáforas. Simplesmente não temos um entendimento rico e puramente literal da mente em si que nos permita fazer todo o raciocínio importante sobre a vida mental. No entanto, essas metáforas escondem o que talvez seja a propriedade mais central da mente, seu caráter corpóreo. O que chamamos de “mente” é realmente corporificado. Não existe uma verdadeira separação entre mente e corpo. Eles não são duas entidades independentes que, de alguma forma, se unem e se acoplam. A palavra “mental” seleciona as capacidades e desempenhos corporais que constituem nossa consciência e determinam nossas respostas criativas e construtivas às situações que encontramos. A mente não é uma entidade abstrata misteriosa que trazemos para a nossa experiência. Em vez disso, a mente faz parte da própria estrutura e do tecido de nossas interações com nosso mundo.

Seguindo essa reflexão, o significado é o resultado de experiências de natureza sensório-motora que o indivíduo mantém com o ambiente que o cerca ao longo de seu desenvolvimento. Portanto, a mente não pode ser uma entidade de natureza puramente metafísica, e o conhecimento é também fruto da ação sensório-motora sobre a realidade (Lakoff, 1987; Johnson, 1987; Lakoff; Johnson, 1999). Entretanto, segundo Lakoff e Johnson (1999), nem todos os cientistas cognitivos compartilhavam da mesma visão. Muitos desses

percebiam que, mesmo de maneira distinta ou camuflada, a visão tradicional de conceber o pensamento, permanecia presente. Assim, muitos não aceitavam a mente como uma máquina abstrata ou o pensamento como algo transcendental, e buscavam investigar a subjetividade latente da mente.

Era necessário, reconhecer a corporeidade do raciocínio humano, pois,

nossa vida mental subjetiva é enorme em escopo e riqueza. Fazemos julgamentos subjetivos sobre coisas abstratas como importância, similaridade, dificuldade e moralidade, e temos experiências subjetivas de desejo, afeto, intimidade e realização, raciocinar sobre eles e visualizá-los de outros domínios da experiência (Lakoff; Johnson, 1999, p. 50).

Para isso, a teoria da Metáfora Conceptual revolucionou a ciência cognitiva, originando a Linguística Cognitiva, defendendo a tese de que a linguagem metafórica é o mecanismo cognitivo que nos permite usar a lógica física do nosso próprio corpo para o raciocínio e compreensão das coisas. Para isso ampliamos nossa concepção de mente como sistema conceptual que é estruturado em termos de mapeamentos metafóricos entre domínios experienciais, implicando na possibilidade de uma análise de enunciados linguísticos para a identificação de uma linguagem conceptual metafórica (Lakoff; Johnson, 1980, 1999).

Além disso, para Silva (1997), na Linguística Cognitiva, a linguagem é vista como um sistema para a categorização do mundo, como um reflexo natural das capacidades cognitivas gerais e de experiências individuais, corpóreas, sociais e culturais. Dessa forma, a categorização é um objeto fundamental de análise linguística. E, a função categorizadora das unidades linguísticas é sistematicamente estudada tendo em conta ora a estrutura interna das categorias tomadas separadamente (como a teoria do protótipo), ora as estruturas conceptuais que integram várias categorias individuais em modelos mentais (como a teoria da metáfora generalizada e a teoria dos modelos cognitivos e culturais), ora ainda a relação entre forma e significado.

Assim, acrescentamos, em primeiro lugar, que a Linguística Cognitiva defende uma perspectiva não modular, em que princípios cognitivos são compartilhados pela linguagem, prevendo a interação de estruturas linguísticas e de conteúdo conceptual, fundamentando o realismo corporificado. Em segundo lugar, por tratar de uma perspectiva da cognição, a Linguística Cognitiva se interessa pelo sistema conceptual humano, pelo processo de categorização, por modelos cognitivos idealizados, metáforas e metonímias. (Lakoff; Johnson, 1980; Ferrari, 2018). Em terceiro lugar, a Linguística Cognitiva se interessa pela linguagem como fenômeno essencial para a interação. Pois, a interação com o mundo é mediada por meio de estruturas de informação na mente, organizadas, processadas e transmitidas por meio da linguagem, que assumem a função de um repositório de conhecimento do mundo, uma coleção

estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com novas experiências e armazenar experiências antigas (Ferrari, 2018).

Além disso, a Linguística Cognitiva é o estudo de maneiras pelas quais as características da linguagem refletem outros aspectos da cognição humana, portanto, as metáforas fornecem uma das ilustrações mais claras dessa relação. Com efeito, as metáforas devem ser compreendidas como um processo cognitivo, parte da comunicação humana, e presentes em nossa linguagem cotidiana. Mais especificamente, as metáforas são processos naturais e inconscientes que surgem em nossa mente durante as interações, e que a interação verbal humana revela um amplo sistema conceptual metafórico presente e difundido pela linguagem (Lakoff; Johnson, 1980, 1999).

Dessa forma, Lakoff e Johnson (1980, 1990) introduziram uma maneira radicalmente nova de compreender a linguagem metafórica ao estabelecer a Teoria da Metáfora Conceptual (CMT) que passou a ser reconhecida como a base epistemológica da Linguística Cognitiva, e pilar dessa ciência.

A partir da discussão iniciada nesta seção acerca da Linguística Cognitiva, passamos para uma compreensão mais minuciosa da Teoria da Metáfora Conceptual a fim de debatermos sobre a sua representatividade para o contexto pesquisado.

### **3.5 Teoria da Metáfora Conceptual**

Nesse quase meio século de Linguística Cognitiva, para os estudiosos da área, dizer que a metáfora não é tão somente um recurso poético ou estilístico parece ter se tornado algo mais do que evidente, o que gera o risco de ser banalizado. Contudo, ao considerarmos fato axiomático e principal, do ponto de vista de partida, a metáfora passa a representar um objeto continuamente relevante para as investigações linguísticas.

Para isso, em primeiro lugar, devemos compreender a metáfora como

evidência que não se encaixava em nenhuma teoria contemporânea anglo americana sobre o significado, quer dentro da linguística ou da filosofia. A metáfora tem sido tradicionalmente vista, em ambos os campos, como uma questão de interesse periférico. Compartilhamos a intuição de que é, em vez disso, uma questão central, talvez a chave para a explicação mais adequada do entendimento (Lakoff; Johnson, 1980, p. 7).

Em segundo lugar, devemos entender que o sistema conceptual humano determina como percebemos o mundo, como pensamos e como agimos, desempenhando papel fundamental na definição das realidades. Para Lakoff e Johnson (1980, 1999), o sistema

conceptual é estruturado em termos de mapeamentos metafóricos entre domínios experienciais, o que significa a possibilidade de uma análise de enunciados da linguagem cotidiana para identificar a linguagem conceptual metafórica, que rege o pensamento e as ações. Além disso, a metáfora tem como base as experiências cotidianas, construindo-se na percepção corpórea do mundo (Lakoff; Johnson, 1980, 1999) e nas interações (Cameron; Maslen, 2010). Portanto, como já visto, os trabalhos de Lakoff foram fundamentais para Linguística Cognitiva ao defender que o pensamento é metafórico, e desafiar a visão de MENTE COMO COMPUTADOR, que continua reproduzindo o modelo tradicional de linguagem.

Segundo a Teoria da Metáfora Conceptual, a forma linguística da maioria das metáforas é apenas uma expressão aberta de uma metáfora conceptual subjacente, uma relação cognitiva na qual um conceito (geralmente mais abstrato) é experienciado ou entendido em termos de outro conceito (geralmente menos abstrato) de um tipo diferente de experiência, ou seja, compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. (Lakoff; Johnson, 1980, Lakoff, 1993; Gibbs, 2008).

Para que possamos compreender essa relação, enfatizamos a ideia de que a compreensão não é meramente uma questão de conceitos e proposições compartilhados. Segundo Johnson (1990), trata-se, também, de uma questão de estruturas corporificadas de compreensão, como os esquemas de imagens que explicam grande parte do que entendemos a partir de nossa experiência. Mais precisamente, tais estruturas emergem de nosso funcionamento corporal, são padrões recorrentes em nossa experiência dinâmica à medida que nos movemos em nosso mundo.

Nessa direção, vale ressaltar que as metáforas conceptuais passaram a iluminar como as conceptualizações ocorrem, e como a relação entre os domínios experienciais são projetados. Cabe, ainda, dizer que os mapeamentos em metáforas conceptuais são entre dois domínios experienciais, de modo que um domínio alvo (de experiência) é entendido em termos de um domínio fonte (de experiência) (Lakoff, 1993). Portanto, uma metáfora conceptual consiste em dois domínios conceptuais, no qual um domínio é entendido nos termos do outro, ou seja, o domínio conceptual de A está no domínio conceptual de B (Lakoff; Johnson, 1980; Kövecses, 2005). Isto é, consideramos que um domínio é a estrutura de conhecimento de fundo contra a qual um conceito é entendido em uma dada linguagem (Evans; Green, 2006).

Para ilustrar a TMC, podemos citar: DISCUSSÃO É GUERRA, AMOR É UMA VIAGEM, COMPREENDER É VER, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES etc. Em DISCUSSÃO É GUERRA (Lakoff; Johnson, 1980), as discussões são compreendidas como ataques, as pessoas podem ganhar ou perder discussões ou debates. Assim, nesse entendimento,



proponho alguns exemplos<sup>16</sup>: “O candidato atacou cruelmente seus adversários”, “suas palavras não me atingem”, “o que você pode dizer em sua defesa?”, “o candidato da oposição perdeu visivelmente o debate”. Segundo os autores, “ao falarmos sobre argumentos, falamos em termos de guerra, mas não falamos somente, também vivenciamos”, (Lakoff, 1993, p. 4), pois “perdemos ou ganhamos debates”, ao “debater atacamos adversários”, “protegemos nosso território”, apesar de não haver uma guerra física, há uma guerra verbal que é construída ao observar as construções linguísticas. Portanto, na metáfora conceptual, DISCUSSÃO É GUERRA podemos apreender o DOMÍNIO-FONTE como atacar, e o DOMÍNIO-ALVO como discutir.

Outros exemplos como, TEMPO É DINHEIRO, AMOR É UMA VIAGEM COMPREENDER É VER podem facilitar o entendimento de como expressões metafóricas fornecem evidências de que nossas ações são estruturadas a partir do nosso sistema conceptual (Lakoff; Johnson, 1980). A metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO pode ser entendida nas expressões linguísticas como: “não tenho tempo a perder”, “gastei todo o meu dia nesse projeto”, “seu tempo está acabando”, “dediquei todo o meu tempo nesse projeto”; ao falarmos sobre tempo, falamos em termos de valor, como algo que se pode gastar, perder, investir.

Já para AMOR É UMA VIAGEM, não estranhemos ouvir frases como: “estamos indo de vento em popa”, “o melhor a fazer é partir pra outra”; “cada um deve seguir seu próprio caminho”; percebemos que pessoas em um relacionamento são viajantes, o relacionamento é um caminho a ser percorrido, ou a ser interrompido etc. Assim, inferimos que o conceito de amor é fornecido a partir do conceito de viagem. Ou seja, o amor é o domínio-alvo, aquele a que queremos atribuir um conceito e viagem é o domínio-fonte, a partir do qual o amor é conceptualizado. Sob o mesmo prisma das metáforas conceptuais, urge compreender que a VIDA É UMA VIAGEM (Gibbs, 2008). Ao falarmos sobre a vida, muitas vezes falamos em termos de jornadas, caminhos, considerando que a vida é uma jornada, um percurso natural, um caminho com começo, meio e fim. Como por exemplo: “me sinto desorientado, sem perspectivas”; “sua rotina lhe conduziu ao fracasso”, sua jornada foi interrompida pela doença”.

Segundo Gibbs (2008), podemos perceber que uma boa parte da maneira como falamos sobre a vida deriva da maneira como nós falamos sobre uma viagem, como forma de “iluminar o conceito de vida que é tão abstrato e ilusório”.

Os exemplos trazidos anteriormente mostram que a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um

---

<sup>16</sup>Os exemplos foram criados aleatoriamente com o intuito de ilustrar e facilitar o entendimento da metáfora conceptual.

domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa. Os mesmos exemplos mostram também que a metáfora tende a ser unidirecional, através da qual conceptualizamos domínios abstratos em termos de domínios concretos e familiares, o que quer dizer que a conceptualização de categorias abstratas se fundamenta, em grande parte, na nossa experiência concreta cotidiana (Kövecses, 2005).

Além disso, Kövecses (2020) acrescenta que Lakoff e Johnson estabeleceram uma definição padrão para metáforas conceptuais: as metáforas conceptuais como um processo e como um produto. Assim sendo, o processo cognitivo de compreensão de um domínio é o aspecto processual da metáfora, enquanto o padrão conceptual resultante é o aspecto do produto. Numa visão mais técnica, a metáfora seria um conjunto sistemático de correspondências entre dois domínios da experiência. Isto porque segundo o autor, certos elementos e as relações entre eles são mapeados de um domínio, o domínio fonte, para o outro domínio, o alvo (Kövecses, 2020).

No mundo das pesquisas da linguística, a TMC provocou grandes avanços através de notáveis pesquisas, conquistando o seu espaço nos estudos linguísticos e cognitivos, entre outros. Segundo Kövecses (2020), não há dúvidas sobre o seu sucesso e a sua eficácia para as pesquisas em diversas disciplinas, mesmo assim, muitos dos seus aspectos têm sido continuamente criticados. Desde que a TMC foi estabelecida, muitas dessas críticas foram importantes para que outras formas de ver a metáfora pudessem se mostrar profícuas para as pesquisas linguísticas. Nesse viés, foi preciso adotar posicionamentos mais abertos sobre a linguagem, sem estabelecer fronteiras, mas buscando ampliar as formas de investigação em espaços que defendam a linguagem como interação.

Nesse mister, consideramos importante adotar a linguagem como um produto vivo da interação social nas condições sociais e históricas de cada tempo (Bakhtin, 2003), defendendo as várias dimensões da metáfora, e a sua dinamicidade. A esse respeito, Cameron e Maslen (2010) propõem uma aproximação socioconstrutivista para os estudos da metáfora, adotando uma visão inovadora, que prioriza, em seus estudos as investigações sobre o uso da linguagem em vez de convenções estabelecidas. Ressaltamos, que a abordagem da pesquisadora possibilitou uma relação profícua entre as Ciências Humanas e as Ciências Sociais.

Em resumo, as metáforas passaram a abranger uma definição que se distancia completamente da tradição poética herdada pela visão aristotélica e passaram a ser compreendidas como um domínio conceptual em termos de outro domínio. Em outras palavras,

para a TMC, a metáfora é considerada como um processo cognitivo, associando dois domínios no sistema conceptual, o que resulta numa metáfora conceptual (Lakoff; Johnson, 1980).

Desse entendimento, iniciou-se um profícuo campo de investigações sobre o sistema conceptual humano, que por sua vez, proporcionou avanços para os estudos linguísticos. Nesse sentido, um dos grandes avanços se encontra em uma visão mais abrangente da metáfora, como fazendo parte de um sistema complexo e dinâmico que não se dissocia dos outros sistemas, como social, cultural, ecológico, mas que exerce uma função relevante para os avanços científicos da linguagem e da sociedade, pois é um organismo responsável por pensamentos, discursos, interações, atitudes e ações que constroem a sociedade e o mundo.

### **3.6 Metáforas Sistemáticas**

Mais recentemente, estudos como os de Cameron (2007, 2008) e Cameron e Maslen (2010) enfatizam que o significado emerge da dinâmica entre cognição, discurso e interação social, e propõem enxergar a metáfora em uso como parte de sistemas complexos adaptativos. Nessa visão, a metáfora não é apenas uma figura de linguagem estática, mas um fenômeno multifacetado e socioculturalmente situado, capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções e valores dos falantes. Sobre isso, Cameron e colegas introduziram o conceito de metáfora sistemática, definida como um conjunto de metáforas linguísticas relacionadas que alcançam uma estabilização temporária no discurso. Em outras palavras, durante uma interação, vários enunciados metafóricos semanticamente próximos podem convergir para expressar uma mesma ideia subjacente, configurando uma metáfora de nível mais abstrato, compartilhada pelos interlocutores naquele contexto.

A nosso ver, embora os estudos da metáfora sejam numerosos, muitos dos quais enveredaram pelos rastros da Teoria da Metáfora Conceptual, precisamos compreender os conceitos e as teorias que possibilitaram avanços como a metáfora sistemática proposta por Cameron (2007, 2008), Cameron e Maslen (2010), entre outros que se interessam por metáforas em uso. Segundo Cameron e Maslen (2010), assim como a linguagem, as metáforas devem ser investigadas em uso, contudo devemos partir de definições canônicas, para que, então, possamos entender e corroborar as novas propostas. Dito isso, os próprios autores sugerem a necessidade de reconhecermos o conceito de metáfora linguística, para que então, outros conceitos possam ser aprofundados.

A metáfora linguística se refere às metáforas encontradas no uso da linguagem, que podem ser usadas para significar a emergência da metáfora conceptual na linguagem. Além

disso, uma metáfora linguística é sinalizada pelo acréscimo de um significado que se difere do sentido literal, pode ser uma palavra ou uma frase que contrasta com o significado do discurso naquele ponto (Cameron; Maslen, 2010). Para Cameron e Maslen (2010), esse elemento não é em si uma metáfora linguística, mas é o veículo da metáfora, pois são potencialmente metafóricos e incluem desde as metáforas mais tradicionais até as mais convencionalizadas (Lakoff; Johnson, 1980; Cameron; Maslen, 2010). Ademais, é relevante observar que da perspectiva corpórea, a metáfora linguística representa apenas uma parte da metáfora, a parte mais visível em análise (Gibbs, 2006). Contudo, são elas que dão o pontapé inicial para que possamos ver mais sobre os significados e sentidos na interação.

Partindo desse pensamento, ressaltamos que

À medida que o texto e a conversa prosseguem, as metáforas linguísticas são selecionadas, adaptadas e construídas com as metáforas subsequentes. A dinâmica da metáfora pode resultar do processo de interação, como desenvolvimento de ideias, à medida que um orador ou escritor constrói um argumento, esclarece uma posição ou constrói uma descrição. Os objetos de preocupação não são as metáforas linguísticas isoladas, mas cadeias de metáforas conectadas e os padrões de significado que elas produzem (Cameron; Maslen, 2010, p. 6).

Nesse sentido, consideramos a metáfora como produto da interação social e, portanto, precisamos compreender que a metáfora não é apenas um recurso linguístico, mas, principalmente, um elemento dinâmico e sistemático que se evidencia num processo fluido e contínuo do pensamento e da linguagem como ato de fala, que emerge na interação social em diferentes escalas de tempo (Cameron; Maslen, 2010). Pois assim, apoiando-nos em Bakhtin (2002) corroboramos a ideia de que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A metáfora, também, é um fenômeno sociocultural (Cameron; Maslen, 2010), pois o dialógico é tomado como norma (Bakhtin, 1988, 2002) e não o uso da linguagem individual, que dificilmente ocorre, independentemente da interação social ou da interação social imaginada.

A esse respeito, Bakhtin (1988, p. 88) reforça que,

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

Nessa interação dialógica, as metáforas emergem da interação social em diferentes escalas de tempo, na qual grupos de pessoas que passam um tempo no mesmo lugar falando sobre o mesmo assunto, compartilhando as mesmas ideias, também passarão a compartilhar metáforas (Gibbs, 2008; Gibbs; Cameron, 2008; Cameron *et al.*, 2009, Cameron; Maslen, 2010).

Assim, ao compreendermos a linguagem como um produto vivo da interação social nas condições sociais e históricas de cada tempo (Bakhtin, 2002), compreendemos a relevância de considerarmos o uso da linguagem em vez de convenções. Segundo Cameron e Maslen (2010), isso implica em considerarmos a dinamicidade da metáfora, pois à medida que o discurso ocorre, os veículos metafóricos são selecionados, adaptados e construídos, formando metáforas subsequentes, e se tornando um sistema complexo de conhecimento, de experiências e de atitudes e sentimentos. Além disso, as metáforas moldam e organizam o significado das palavras e das construções utilizadas em diferentes contextos (Cameron; Maslen, 2010).

Vemos, portanto, que as metáforas linguísticas podem nos dizer muito sobre o afeto, quando olhamos para as metáforas durante a interação social, podemos encontrar padrões que revelam as atitudes ou emoções dos falantes (Cameron; Maslen, 2010). Para fins de pesquisa, o aspecto afetivo da metáfora é muito promissor, uma vez que oferece acesso às emoções e atitudes por meio de metáforas linguísticas. Seguindo essa perspectiva, as metáforas linguísticas são itens lexicais que emergem e passam a se tornar parte do discurso, se tornam instrumento básico para a construção das metáforas sistemáticas, pois são parte de um sistema complexo de conhecimento, de experiências e de atitudes e sentimentos, estas que moldam e organizam o significado das palavras e das construções utilizadas em diferentes contextos (Cameron; Maslen, 2010).

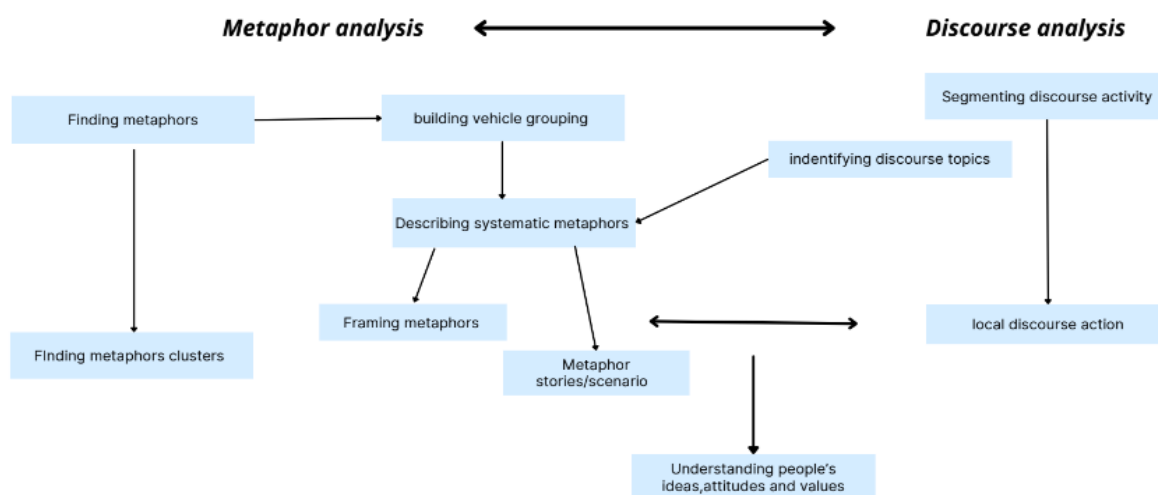
Isso posto, para Cameron e Maslen (2010), a metáfora sistemática se distingue de um nível de análise teórica, em que ocorre a subcategorização da metáfora e sua identificação, e um nível de análise de processamento, que lida com o processamento em tempo real por parte das pessoas ocupadas em suas tarefas de produção e interpretação dos dados linguísticos. É esse segundo nível de análise que os autores abordam, com foco na interação social e no processamento sendo efetuado. Em suma, uma metáfora sistemática é também uma forma de agrupamento, uma coleção de metáforas produzidas durante o curso da interação.

Dessa forma, as análises podem identificar metáforas sistemáticas, importantes tanto para a identificação e compreensão de *frames* e cenários metafóricos que podem ser interpretados considerando tanto um nível mais individual da interação, quanto no nível do discurso, como podemos observar na figura 1. Assim, as investigações podem priorizar o uso

das metáforas durante uma interação, um diálogo, uma conversa, e ou uma discussão em grupo. Esse tipo de abordagem visa a identificação de metáforas pelo agrupamento de veículos, sendo responsáveis pela identificação das metáforas sistemáticas, *frames* metafóricos, narrativas e cenários.

Sendo assim, Cameron e Maslen (2010) nos ensinam que ao analisar as metáforas não se pode isolá-las, nem desconsiderar seu contexto, pois é importante examinar a função discursiva da metáfora em várias escalas e em vários tipos de discursos. Esses tipos de investigações, ao serem viabilizados pelas metáforas sistemáticas, possibilitam a compreensão das ideias, atitudes e valores das pessoas. Também, os pesquisadores enfatizam que além das investigações no nível da interação, esse processo pode ser expandido para a análise do discurso.

Figura 1 – Análise metafórica



Fonte: Cameron e Maslen (2010, p. 147).

Cameron apresenta um processo de análise da metáfora baseado em modelo “top-down”, ou seja, de cima para baixo. Nesse modelo, segue-se o agrupamento de veículos, depois a identificação das metáforas sistemáticas, metáforas de enquadramento, narrativas metafóricas, e cenários. Disso decorre uma visão abrangente da metáfora, considerando-a um “fenômeno multifacetado, capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções,

atitudes e valores” (Cameron, Maslen, 2010, p. 7), deixando de ser meramente uma “instanciação linguística de mapeamentos prontos” para ser considerada como “um processo dinâmico em constante mudança que emerge tanto de fatores cognitivos socioculturalmente situados como de fatores linguísticos [...]” (Pelosi; Lima; Sousa, 2019, p. 58).

Vale ressaltar que,

parece-nos razoável supor que a linguagem figurada, em especial a metafórica e a metonímica, presente em gêneros textuais resulte, entre outros fatores, de um processo que consideramos uma via de mão dupla (cognição-discurso-cognição). Dessa forma, cremos que não somente processos de natureza descendente (cognição-discurso), mas também de natureza ascendente (discurso-cognição) operem na emergência da linguagem instanciada nos diversos gêneros textuais (discursivos) (Pelosi; Gabriel, 2016, p. 36).

Nessa perspectiva, as pesquisas embasadas na abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM) revelaram mudanças e adaptações metafóricas à medida que o discurso prossegue. Esse processo de episódios sucessivos e instâncias de desenvolvimento de veículos metafóricos carregam um sentido incongruente com o seu sentido mais básico ou experiencial em torno de tópicos intimamente relacionados revela a sistematicidade da metáfora e fazem emergir as metáforas sistemáticas (Cameron; Maslen, 2010, Feltes, Pelosi, Cameron, 2012). Assim, Cameron e Maslen (2010) apontam que uma metáfora sistemática é um fenômeno de discurso emergente, produzido ao longo de um evento de discurso através de um conjunto particular de veículos metafóricos ao falar sobre um tópico particular. E, acrescentam que uma metáfora sistemática não é uma metáfora única, mas um agrupamento emergente de metáforas intimamente conectadas, e que congregam fatores corpóreos e socioculturais.

Fundamentando-se nesse conceito de metáfora, é necessário olhar para os veículos metafóricos e agrupá-los em domínios maiores semanticamente conectados. Isso fornece elementos para reconhecer o surgimento de metáforas sistemáticas e revelar padrões de uso de metáforas no discurso (Cameron; Maslen, 2010).

Em outros termos, segundo Macedo (2020, p.84),

“O agrupamento dos veículos é dado considerando as semelhanças semânticas, assim, demonstra um momento de estabilização dos conceitos, opiniões, valores, interligando o nível do uso da metáfora ao evento discursivo. Daí há flexibilidade na interpretação, o que caracteriza a ideia de metáfora sistemática enquanto livre combinação no discurso.

Dentro dessa abordagem, os veículos metafóricos se relacionam e evoluem e se adaptam conforme o discurso avança. Nesse viés, uma metáfora sistemática é mais do que uma agregação de metáforas linguísticas reunidas por um analista, é uma espécie de estabilização temporária na dinâmica do discurso, que provoca uma visão integradora da metáfora., que tem a possibilidade de evoluir conforme o discurso continua. Como uma formulação emergente, a metáfora sistemática pode vir a restringir e influenciar como os participantes do discurso pensam e falam sobre os tópicos. Essas conexões são fundamentais para a forma como as pessoas percebem, e interagem com o mundo (Cameron; Maslen, 2010).

Portanto, as metáforas devem ser pensadas como um sistema complexo cuja emergência decorre de uma série de fatores, agentes internos e agentes externos que compõem o contexto de interação (Pelosi; Feltes; Cameron, 2013). Durante essa dinâmica interacional, outros aspectos biopsicossociais e cognitivos se acoplam: crenças, valores, atitudes, narrativas compartilhadas, estados afetivos, aspectos corpóreos, linguagem verbal e não verbal. ajudando a formar as metáforas sistemáticas. Colocados esses posicionamentos, sublinhamos que as pesquisas realizadas têm sustentado que o surgimento da linguagem figurativa, como as metáforas sistemáticas, sugere uma forte conexão entre cognição e discurso (Cameron; Maslen, 2010; Carneiro, 2014; Lima, 2012).

Nessa relação, como já acenamos anteriormente, a metáfora geralmente assumida como um fenômeno linguístico e conceptual, tem se mostrado um fenômeno indissociável do indivíduo e do social. Tais mecanismos constituem-se como sistemas complexos em constante retroalimentação, não prescindindo um do outro, mas mutuamente se interconectando e se complementando na dinâmica discursiva (Pelosi; Gabriel, 2016).

Essa visão da metáfora como um sistema dinâmico complexo permite a compreensão, o raciocínio e a construção de significados durante a interação, conectando sistemas maiores e menores construídos por sujeitos que interagem de maneiras diferentes (Larsen-Freeman; Cameron, 2008). Ressaltamos que nessa interação dinâmica, a metáfora é “um fenômeno inacabado que emergirá *ad hoc* a partir do entrelaçamento de inúmeros agentes situados de forma ecológica, histórica e socioculturalmente” (Pelosi, Feltes, Cameron, 2013).

Desse modo, ao corroborar a ideia de que a metáfora é capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções, atitudes e valores (Cameron, 2007; Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010), defendemos, como já mencionamos anteriormente, que é preciso repensá-la em uma dimensão tão complexa quanto a do próprio discurso, capaz de ser potencialmente estável à medida que diante do caos instaurado no sistema linguístico durante o fluxo da interação, o equilíbrio possa se estabelecer no evento discursivo.



Em suma, as Metáforas Sistemáticas são compreendidas como uma abordagem alicerçada na Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos que será explorada na próxima seção.

### 3.7 Sistemas Adaptativos Complexos

Para compreender melhor a concepção das metáforas sistemáticas, consideramos retomar a definição de linguagem, considerando-a como processo de interação humana e de cognição, que molda a estrutura e o conhecimento da linguagem (Cameron; Maslen, 2010), pelos padrões de uso (Gibbs, 2008). Trata-se, sobretudo, de um "processo dinâmico e instável, em constante fluxo e movimento, e não como um objeto pronto" (Almeida Júnior; Pelosi, 2024, p. 26). Desse entendimento, Almeida Júnior e Pelosi (2024), citam a relevância da teoria dos Sistemas Adaptativos Complexo (SAC) para diversas pesquisas na área da Linguística, como de Leitura como um subsistema Adaptativos (Almeida Júnior; Pelosi, 2018), e, para a análise do discurso baseada em metáforas (Met-Led Discourse Analysis) (Cameron, 2007; Cameron et al., 2009; Cameron; Maslen, 2010). Essa relevância, segundo Almeida Júnior e Pelosi (2024), parte da definição de linguagem como um sistema adaptativo complexo, mas principalmente por incluir uma visão dinâmica em consonância com as metáforas sistemáticas e a trajetória de atratores (Almeida Júnior; Pelosi, 2024).

Segundo Gibbs (2008), uma abordagem dinâmica da linguagem pode descrever como as interações acontecem no mundo, defendendo a ideia de que comportamentos simples e complexos são processos de auto-organização que emergem tanto de processos cognitivos, quanto ambientais e de interações interpessoais. Para Gibbs (2008), a linguagem é um Sistema Adaptativo Complexo (SAC), de uso dinâmico, cuja experiência envolve as seguintes características:

- (a) O sistema consiste em múltiplos agentes (os falantes na comunidade de fala) interagindo uns com os outros.
- (b) O sistema é adaptativo; isto é, o comportamento dos falantes é baseado em suas interações passadas, e as interações atuais e passadas juntas alimentam o comportamento futuro.
- (c) O comportamento de um falante é consequência de fatores concorrentes que vão desde a mecânica perceptiva até motivações sociais.
- (d) As estruturas da linguagem emergem de padrões inter-relacionados de experiência, interação social e processos cognitivos.

Ademais, no continuum da cognição e do discurso, a teoria do sistema adaptativo complexo é bastante útil. Pois, como afirma Cameron e Maslen (2010), em primeiro lugar, oferece mecanismos explicativos de “auto-organização” e “emergência” para teorizar a relação entre o que acontece no momento de um evento de discurso com padrões mais amplos de uso de metáforas. Em segundo lugar, enfatiza a dimensão temporal, a dimensão dos processos sociais e cognitivos e as formas nas quais as atitudes de um indivíduo emergem da interação do cérebro, corpo e ambiente, incluindo interações com outras pessoas. Os autores acrescentam ainda que comportamentos simples e complexos, incluindo desempenho de metáfora no discurso, são produtos emergentes de ordem superior de processos de auto-organização.

Assim, um discurso pode ser visto como uma coleção interconectada de sistemas e subsistemas complexos, operando em diferentes escalas de tempo e níveis de organização social. Esses níveis e escalas tornam-se parte da estrutura explicativa e descritiva da dinâmica e permitem traçar conexões entre as metáforas produzidas durante a interação. Quando uma metáfora é usada, existem influências de conexão com vidas individuais e grupos sociais, bem como, através do evento de discurso emergente. Durante o evento de discurso, os indivíduos podem trazer *frames* existentes, adaptar e alterar seus *frames* à medida que o discurso prossegue; portanto, um exame atento do discurso pode revelar quadros relevantes e enquadramentos metafóricos que estruturam as ideias, atitudes e valores dos participantes do discurso (Cameron; Maslen, 2010).

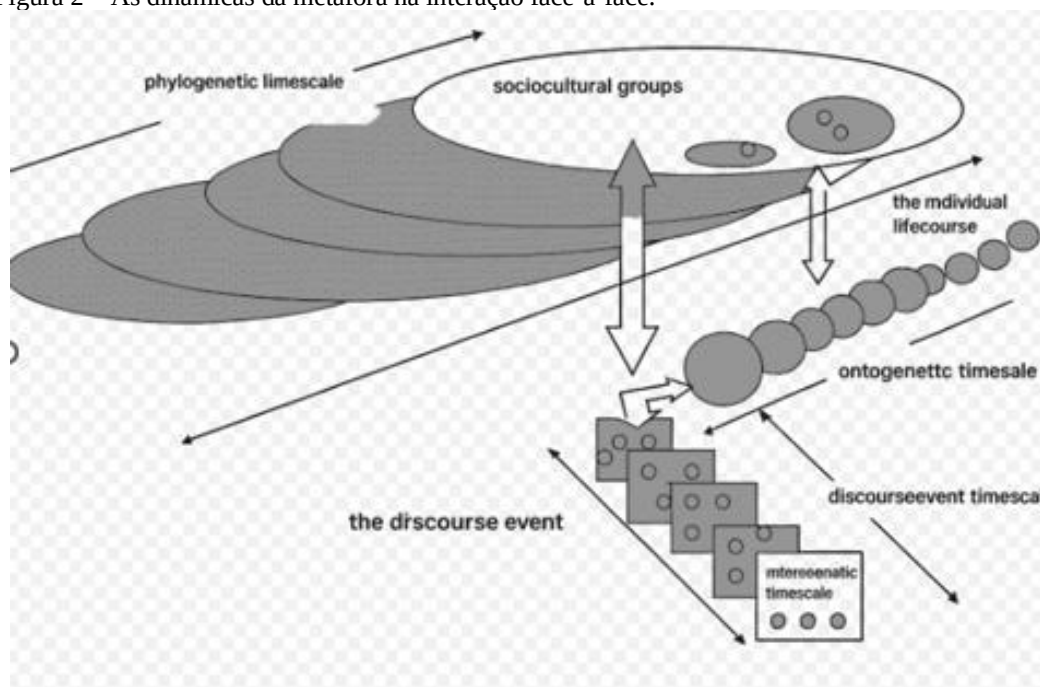
Desse modo, o comportamento intencional surge da interação geralmente não linear dos componentes de um sistema, em vez de mecanismos cognitivos ou neurológicos especializados (Gibbs, 2008). Assim, de maneira semelhante, muitos aspectos das ações humanas inteligentes adaptativas, incluindo o desempenho de metáforas, podem surgir como produtos da auto-organização sem necessariamente haver representações mentais internas especializadas. Em outras palavras, o evento de discurso é entendido como o desdobramento do complexo sistema dinâmico do grupo de pessoas engajadas em interação.

O sistema dinâmico de discurso se desenvolve, se adapta e flui à medida que as contribuições dos falantes se baseiam umas nas outras e à medida que as pessoas desenvolvem suas próprias ideias ou as de outros. Também podemos entender a atividade do discurso de cada participante como emergindo de vários subsistemas de interação dentro de cada indivíduo: sistemas de linguagem dinâmicos complexos, sistemas cognitivos dinâmicos complexos, sistemas físicos dinâmicos complexos. A atividade de discurso local se conecta externamente a redes mais amplas de aspectos ambientais, sociais e culturais (Cameron; Maslen, 2010).

Conforme essa perspectiva, cabe dizer que é possível lançar um olhar diferente para a metáfora, abraçando uma abordagem de sistemas dinâmicos que melhor se adequa a ecologia total do comportamento humano e, mais especificamente, o desempenho da metáfora no discurso. Para isso, é importante reconhecer que o desempenho da metáfora é moldado por processos de discurso que operam em uma dinâmica de contínua interação entre cognição individual e social e ambiente físico (Gibbs; Cameron, 2008; Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010), que exclui comportamentos estáticos e previsíveis.

Assim, qualquer sistema pode estar conectado em sistemas maiores e menores. Quando olhamos para escalas de tempo maiores do que o evento de discurso, reconhecemos que o que as pessoas dizem no momento de um evento de discurso pode ser influenciado pelo que aconteceu a eles recentemente ou muito antes em suas vidas. Podem também estar relacionados ao mais ínfimo sistema biológico do indivíduo e à organização social, o que inclui desde grupos de amigos, família e outros grupos sociais como comunidades e nações. Dessa forma, a interação verbal pode ser pensada em termos de sistemas dinâmicos complexos com diferentes tipos de subsistemas ativados em vários níveis de organização social e escalas de tempo, conforme a interação ocorre (Cameron; Maslen, 2010). Segundo Cameron e Maslen (2010), o discurso é visto em termos de múltiplos sistemas interconectados de sistemas e de subsistemas dinâmicos complexos. Com o intuito de facilitar a compreensão desses sistemas, Cameron e Maslen (2010, p. 84) propõem a seguinte ilustração:

Figura 2 – As dinâmicas da metáfora na interação face-a-face.



Fonte: Cameron e Maslen (2010, p. 84).

A figura representa diferentes tipos de sistemas que podem contribuir para o evento do discurso em várias escalas de tempo e níveis de organização social. Os eventos contínuos são representados como uma sequência de quadros discretos e sobrepostos. A mudança social aparece como quadros circulares sobrepostos na parte superior do diagrama; as mudanças no curso de vida individual são mostradas como pequenos círculos sobrepostos no meio do diagrama. O evento de discurso (conversa, discussão de grupo focal etc.) é representado como uma série de quadros em sequência. Os pontos dentro dos quadrados representam as contribuições individuais para a interação. As grandes setas duplas indicam influências e conexões: entre o evento do discurso e a vida individual, entre o evento do discurso e a participação dos indivíduos em vários grupos sociais, entre a vida individual e a participação em grupos sociais, permitindo-nos traçar conexões através das metáforas e para fora das metáforas (Cameron; Maslen, 2010).

Além disso, Segundo Cameron e Maslen, quando uma metáfora é falada no evento de discurso, existem influências de conexão entre a vida do indivíduo e dos grupos sociais, bem como através do evento de discurso emergente. Segundo os pesquisadores, as metáforas emergem ao longo dessas várias escalas de tempo como formas de falar e pensar podendo ser instantâneas, em eventos isolados, ou tornando-se convencionalizadas através do uso contínuo por determinados grupos. Assim, as metáforas têm também o potencial de marcar identidades.

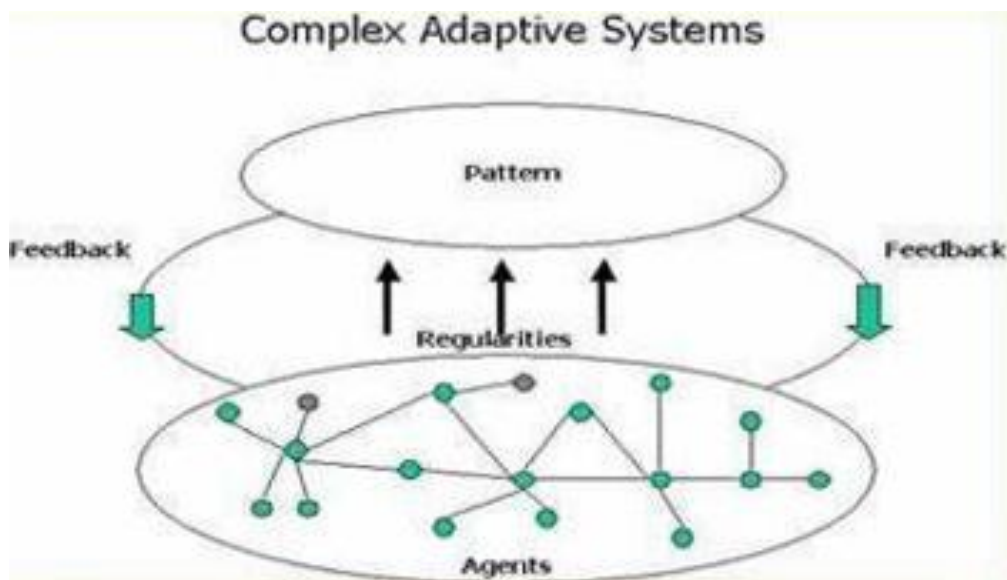
Nessa visão, compreendemos que esses aspectos podem ser compreendidos por uma visão epistemológica do sistema complexo, que pode ser definido como:

[...] composto por um conjunto de elementos distintos (que normalmente são chamados de agentes) que se organizam em agrupamentos estruturáveis”. Esses agentes se estruturam e parecem influenciar de forma determinante a dinâmica do próprio sistema. Os agentes interagem, se adaptam e passam por mudanças por meio de *feedbacks* do ambiente. Assim, eles saem de um estado de quase equilíbrio e se adaptam em redes conectadas até a próxima situação de alteração no interior do sistema. (Duque, 2016, p. 153).

A teoria dos sistemas dinâmicos complexos oferece mecanismos explicativos de auto-organização e emergência para teorizar a relação entre o que acontece no momento de um evento discursivo com padrões mais amplos de uso de metáforas. Nessa trajetória de evolução dos estudos cognitivos, pesquisas recentes têm se fortalecido numa visão mais abrangente da metáfora, que deixa de ser meramente uma “instanciação linguística de mapeamentos prontos” para ser considerada como “um processo dinâmico em constante mudança que emerge tanto de fatores cognitivos socioculturalmente situados como de fatores linguísticos [...]” (Pelosi; Lima; Sousa, 2019, p. 58).

Isso posto, mostra que os sistemas complexos não são sistemas fechados, autocontidos, mas estão abertos a novas energias e interagem com elementos externos e internos a eles próprios, estando altamente propensos a mudanças. Assim, se apresentando, portanto, como dinâmicos e não lineares. (Larsen-Freeman; Cameron, 2008) como podemos ver na figura 3.

Figura 3 – Sistema Adaptativo Complexo.



Fonte: Larsen-Freeman; Cameron (2008).

É, portanto, dentro dessa visão de SAC que Almeida Júnior e Pelosi (2024, p. 26) corroboram e ampliam a noção de linguagem:

Adotando uma perspectiva de complexidade, a linguagem é um sistema dinâmico, aberto, heterogêneo e não linear, que resulta da interação consciente interação consciente dos agentes com o ambiente social, histórico, cultural e comportamental que possibilita o surgimento, a negociação e a construção de significado a partir do fluxo discursivo de percepção, ação e reflexão no/sobre o ecossistema de seres sociais e recursos linguístico.

Na visão do discurso como SAC, segundo Pelosi e Almeida Júnior (2020), em primeiro lugar, devemos considerar que a interação discursiva não ocorre de forma linear, previsível ou predeterminada, e que sobre o discurso incide a ação de agentes internos (i.e. disposições psicofísicas, cognitivas e emocionais dos falantes) e externos (i. e. ambiente onde se dá a interação, ruídos e perturbações adjacentes, constrangimentos sociais e culturais etc.) capazes de influenciar o fluxo do discurso desestabilizando-o ou estabilizando-o de forma dinâmica e imprevisível (não-equilíbrio e não-linearidade).

Nesse sentido, durante a interação verbal, um número indeterminado de fatores (ou agentes) internos e externos ao sistema, exercerão influência quanto ao que se diz, como é dito, e por quê (Pelosi; Almeida Júnior, 2020). Desse modo, fica claro que a complexidade de um discurso é o resultado da natureza não linear das interações entre os componentes do sistema, de elementos dinâmicos que emergem e exercem controle sobre o curso da interação.

Em segundo lugar, devemos considerar que durante o evento discursivo, ocorrem os períodos de desestabilização do sistema. Como os desacordos que surgem durante o fluxo discursivo, que podem ser em maior ou menor escala. Esses estados podem levar ao caos, impossibilitando a progressão do discurso, e resultando na “morte” do sistema. Nesse momento, à beira do caos, o sistema poderia se adequar, e se estabilizar ou dar origem a novas possibilidades de acordos (Pelosi; Almeida Júnior, 2020).

Em terceiro lugar, como emergências de um sistema dinâmico, as falas ali engendradas passarão por momentos de estabilidade, quando os participantes entram em acordo, o que ensejaria a emergência de acionadores (veículos-metafóricos) que desencadeariam atratores que conduziram o fluxo discursivo em direção a espaços-fase cuja estabilização temporária poderia levar à emergência de metáforas sistemáticas (Pelosi; Almeida Júnior, 2020). Assim, os atratores podem ser concebidos como motivações intra/intersubjetivas pautadas por fatores biopsicossociais situados, os quais podem levar a estados-fase (i. e. estados de preferência do sistema) em decorrência de acionadores (veículos-metafóricos) (Pelosi; Almeida Júnior, 2020).

A respeito disso, os Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) oferecem mecanismos explicativos de auto-organização e emergência para teorizar a relação entre o que acontece no momento de um evento de discurso com padrões mais amplos de uso de metáforas. Assim, um discurso pode ser visto como uma coleção interconectada de sistemas e subsistemas complexos, operando em diferentes escalas de tempo e níveis de organização social. Esses níveis e escalas tornam-se parte da estrutura explicativa e descritiva da dinâmica e permitem traçar conexões entre as metáforas produzidas durante a interação. Quando uma metáfora é usada, há influências de conexão com vidas individuais e grupos sociais, bem como, através do evento de discurso emergente.

Nesse percurso, durante um evento discursivo, os indivíduos podem trazer à tona os seus *frames*, adaptar, e alterar esses *frames* à medida que o discurso prossegue. Outros frames podem permanecer subjacentes, por não serem relevantes ao discurso, ou por opção dos participantes. Portanto, um exame atento do discurso pode revelar *frames* e *frames* metafóricos que estruturam as ideias, atitudes e valores dos participantes do discurso (Cameron; Maslen,

2010). Portanto, sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC), os estudos linguísticos se ampliam como uma forma de investigação mais profunda sobre a linguagem, a linguagem figurada, metáforas, e metáforas sistemáticas.

### 3.8 Frames e Frames Metafóricos

Originalmente, a noção de *frame* refere-se a esquemas interpretativos que moldam a compreensão da realidade. No contexto deste trabalho, investigam-se os *frames*, mas especificamente *frames* metafóricos presentes no discurso dos jovens – ou seja, padrões metafóricos recorrentes que sugerem determinados *frames* de interpretação sobre a violência (por exemplo, violência concebida como “guerra”, “doença”, “jogo”, “economia”, etc.). Acreditamos que identificar esses *frames* metafóricos permitem compreender não apenas as metáforas isoladamente, mas a visão de mundo que sustenta as falas dos participantes.

Essa abordagem integrada, alinha-se a metáforas, metáforas conceptuais, metáforas sistemáticas, sistemas complexos e *frames* discursivos, oferecendo uma base sólida de teorias necessárias da qual precisamos para analisar como os jovens da periferia significam e ressignificam a violência em suas vidas.

Sobre a teoria de *frames*, há na literatura diversas definições de *frames* que se diferenciam em algum aspecto, mas que incidem sobre uma mesma origem, convergindo para um mesmo sentido básico, enquanto outras parecem assumir um caráter mais específico, se evidenciando no limite de determinadas ciências e ou disciplinas. Essa variedade indica a necessidade de entendimento sobre o seu significado, evitando noções contraditórias ou mal compreendidas, uma vez que tal conhecimento tem sido relevantemente empregado por pesquisadores em diversas áreas, principalmente, pela Linguística Aplicada e Linguística Cognitiva.

Tradicionalmente o conceito de *frames* está associado a dois renomados cientistas da Escola de Palo Alto<sup>17</sup>, o sociólogo Erwing Goffman, como já mencionamos, e o antropólogo Gregory Bateson. Ambos tinham grande interesse pelos estudos das ciências humanas e

---

<sup>17</sup> Bateson e outros cientistas, Ray Birdwhistell, Edward T. Hall, Erwing Goffman, Paul Watzlawick, juntos, inauguram a escola de Palo Alto cujo propósito era de compreender a comunicação a partir de um modelo teórico próprio, rejeitando os pressupostos teóricos vigentes. Gregory Bateson foi um antropólogo, cientista social, linguista e semiólogo inglês, cujo trabalho abarcou diversos campos do saber. Na década de 1940, ele ajudou a estender a teoria de sistemas e a cibernética para as ciências sociais e comportamentais. Gregory Bateson defende que as investigações científicas poderiam ser mais profícuas se tratassem seus objetos de investigação em termos de sistemas de elementos do que em termos de elementos isolados. (Kerbrat-Orecchioni, 1990; Winkler; VION, 2000).

direcionaram seus estudos para o campo da psicologia e da comunicação, à medida que focalizaram suas investigações nas interações. As investigações de Bateson na psicologia e a busca pelo entendimento do fenômeno da esquizofrenia e das interações no processo psicoterápico levaram o pesquisador a propor um conceito de *frame* apresentado no encontro da Associação Americana de Psiquiatria, em 1954. Suas ideias resultaram no artigo “*A theory of play and fantasy*” publicado no ano seguinte nos Relatórios de pesquisa da Associação Psiquiátrica Americana. Nesse artigo, o autor busca explicar como as interações ancoram-se em *frames* que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos (Mendonça; Simões, 2012).

Nessa mesma esteira, Erving Goffman, ao enveredar-se pelos estudos da interação verbal e da comunicação verbal por via etnográfica, realizou uma investigação primorosa do processo comunicacional permitindo a compreensão dos fenômenos “secretos e complicados, nunca escritos, desconhecidos de todos, entendidos por todos” (Winkin, 1998, p. 33). Assim, o sociólogo desenvolveu o que hoje conhecemos como a teoria dos *frames*, ou de quadros ou enquadramentos, como alguns preferem denominar. Os pressupostos de Goffman têm sido utilizados em muitas áreas do conhecimento, se mostrando profícuos em particular no campo da linguagem e da cognição (Winkin, 1998).

Goffman (1986) assume uma perspectiva situacional, e propõe que a noção de *frame* poderia ter como ponto de partida uma indagação sobre o que está acontecendo com um indivíduo em um determinado momento, em um determinado lugar. A resposta poderia ser facilmente presumida a partir da simples observação dos envolvidos. Contudo, Goffman considera que tal simplificação seria muito problemática, pois uma resposta imediata não corresponderia à complexidade de elementos que movem essa questão. Isso porque apenas uma resposta poderia não ser suficiente para traduzir as expectativas de todos os envolvidos diante de uma determinada situação.

No entanto, precisamos levar em conta se determinada situação poderia ser definida como real, independentemente de fatores envolvidos e de diferentes pontos de vistas. Trata-se de compreender as condições que permitem atribuir o *status* de realidade (Goffman, 1986). Sobre isso, para entendermos qual o *frame* que predomina e rege a interação, não basta uma análise da situação propriamente dita, mas, principalmente, dos processos cognitivos, linguísticos e discursivos envolvidos. Dessa forma, seria preciso determinar sobre a consciência individual de cada um durante o momento da interação (Goffman, 1986).

Para além da perspectiva situacional, Goffman (1986) enfatiza a importância de investigar a situação e os elementos presentes, determinando quais desses são salientes, e essenciais, para os envolvidos, e o que eles provocam. Nesse sentido, a investigação está dentro



de uma perspectiva situacional, mas o foco está na emergência dos sentidos como consciência do momento. Seguindo esse posicionamento, é possível identificar os *frames* que viabilizam diferentes definições da realidade (Goffman, 1986). Conforme essa perspectiva, *frames* são pilares conceituais que orientam a nossa compreensão, pois geralmente se mostram persistentes, duradouros, e recorrentes, responsáveis por desenvolver padrões de história ao longo do tempo.

*Frames* funcionam como abstrações que organizam e estruturam o significado da mensagem, são ativados durante a interação para classificar, gerenciar e interpretar experiências perceptivas e motoras, influenciando as escolhas das pessoas de como processar essas informações, e ajudando na compreensão e na comunicação. Assim, quando um indivíduo reconhece um evento particular, ele tende, seja o que for que faça, a empregar uma ou mais estruturas ou esquemas de interpretação de um *frame*. Nesse processo, quando um *frame* está bem definido durante uma situação, na maioria das vezes, não é necessário acionar outros *frames* para compreendê-la. (Goffman, 1974). Em síntese, Goffman define *frames* como estruturas cognitivas que usamos para interpretar e dar sentido às experiências do dia a dia, e nos ajudam a entender uma situação social. O Sociólogo não apresenta uma tipologia rígida para *frames*, mas parte de dois tipos principais. Os *frames* primários são os mais fundamentais, e emergem automaticamente para situar o mundo. São estruturas instantâneas e imediatas responsáveis por permitir que sejamos capazes de “situar, perceber, identificar e rotular um número quase infinito de ocorrências concretas” (Goffman, 1974, p. 21). Podem ser de ordem natural e social.

*Frames* primários naturais identificam ocorrências vistas como não direcionadas, não orientadas, não animadas, não guiadas, puramente físicas. Em outras palavras, referem-se a eventos ou situações que não exigem uma intervenção humana direta, como um fenômeno da natureza. Já os *frames* primários sociais fornecem compreensão de fundo para eventos que incorporam à vontade, o objetivo e a compreensão dos indivíduos, provocando atitudes. Ou seja, provocam ações humanas intencionais e conscientes, até certo ponto. Nesse sentido, o reconhecimento dessas estruturas ou sua ativação permitem a definição do evento pelos indivíduos, implicando em seus posicionamentos.

Entretanto, baseados na definição acima, poderíamos dizer que apesar dessa simplificação, não podemos deixar de refletir sobre como é difícil afirmar com absoluta certeza se essa compreensão é equivalente para todos os indivíduos envolvidos em um mesmo momento de interação. O simples fato de haver dúvidas levanta a hipótese de que os eventos e

posicionamentos podem ser distintos sutilmente, mesmo se tratando de um *frame* primário social, quicá interações complexas acontecendo simultaneamente com vários indivíduos.

Dito isso, em relação às diferenças sobre ativações de *frames*, constatamos, a partir de nossas leituras, que a ativação de um *frame* não acontece de forma completamente isolada, e que os eventos e situações não excluem um determinado *frame* em detrimento de outro, embora possam salientá-los, indicando a sobreposição de *frames*. Diante dessa informação, segundo Mendonça e Simões (2012) seria possível isolar alguns dos *frames* básicos disponibilizados pela cultura com o objetivo de que esses possam atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos físicos e abstratos que o cercam, como acontece ao falar de um ponto de vista particular que delimita as atividades, situando-as no espaço e no tempo enquanto se extrai algum sentido plausível que possa ser incorporado à experiência.

Tais considerações implicam na possibilidade de identificar e descrever os acontecimentos aos quais os *frames* se aplicam, bem como as formas de engajamento dos sujeitos diante deles. Ainda que não sejam absolutamente estáticos diante da mente criativa dos indivíduos, os *frames* representam um elemento central da existência intersubjetiva de uma coletividade, construídos e modificados social e contextualmente (Hangai, 2012).

Ampliando essa compreensão, consideramos *frames* como estruturas cognitivas que funcionam como circuitos neurais inconscientes, são sistemáticos e conectam muitos outros circuitos, interligando conhecimento, ideologias (Lakoff, 2004, Lakoff; Wehling, 2012). Esses acionamentos levam ao entendimento dos *frames* como algo construído numa estreita relação entre cognição, afeto, sociedade, cultura e ambiente, funcionando como uma rede de neurônios que liga muitos circuitos cerebrais. Em síntese, um *frame* é uma “cascata” de circuitos neurais acionada por palavras.

Todos os circuitos devem ser ativados ao mesmo tempo para produzir uma determinada compreensão. Simplificando, o cérebro não processa ideias simples como entidades separadas: um contexto maior, uma construção lógica dentro da qual a ideia é definida, é evocada a fim de capturar o seu significado (Lakoff; Wehling, 2012, p.29).

Nesse processo, para produzir uma determinada compreensão, vários circuitos são ativados ao mesmo tempo, evidenciando a inextricável relação entre as dimensões socioculturais e cognitivas que se evidenciam. Assim os *frames* estão entre as estruturas cognitivas que orientam a maneira como compreendemos o mundo (Lakoff, 2004; Vereza, 2000; Duque, 2015).

Quando tratamos de *frames*, devemos conceber um *frame* pelo menos de três maneiras: como recipientes metafóricos, como estruturas de expectativas e como formadores de opinião ou manipuladores de pensamento. A ideia de *frame* como recipiente metafórico se refere a uma unidade delimitada no espaço e no tempo (física ou imaginada) que contém diferentes elementos que se relacionam, e se justa posicionam a partir de perspectivas físicas ou psicológicas. *Frames* como estruturas de expectativas resultam de outros frames que se relacionam, parecem coesos, e podem ser responsáveis pela construção coletiva de significados. Durante uma interação, *frames* podem se alternar, ou se servirem de base para mudanças, se reformulam ou se alteram, podendo afetar relações sociais e cognitivas (Goffman, 1974, Lakoff, 2004).

Além disso, os *frames* sociais e culturais incorporados podem nos ajudar a interpretar situações, fornecendo recursos estruturais e cognitivos para interpretar informações. Também, podem ser relevantes para compreendermos a sua relação com os acontecimentos, pois são eles responsáveis por ditar as ações que podem transformar o mundo.

Portanto, adotamos a seguinte definição:

*frames* são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo. Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso. À medida em que a estruturação e o acionamento desses padrões cognitivos ocorrem inconscientemente, cabe às ciências da cognição explicitarem-nos” (Duque, 2015, p. 26).

Duque (2015, 2017) apresenta a seguinte tipologia de *frames*:

- a) *frames* conceptuais, que estão diretamente associados a itens ou expressões, como a palavra “aluno” que está vinculada ao conceito ESCOLA;
- b) *frames* interacionais que incluem o conhecimento das intenções do falante;
- c) *frames* sociais que orientam nosso comportamento e expectativas;
- d) *frames* culturais que são específicos de uma dada cultura.

Além dessa tipologia, a propósito dos estudos da linguagem, Duque (2017) reverbera a noção de *frames* como processos linguísticos, que não apenas refletem padrões cognitivos de distribuição social de material linguístico, mas permitem que as pessoas desenvolvam uma conceptualização específica ou também uma compreensão sobre um problema, uma construção do sentido e uma estruturação do discurso. Segundo Duque (2017), o discurso pode estar ancorado em *frames*, nesse caso o acesso à informação ocorre através de *frames* que foram acionados e, por isso, acaba não sendo necessária a explicitação de muitas

informações. O autor acrescenta que esse mecanismo é ativado de forma semelhante aos *frames* conceptuais (Duque, 2017).

Sintetizando, *frames* podem ser compreendidos como uma forma particular de pensar sobre um tópico, podem ser ancorados no discurso e podem ser acionados por meio do léxico e por meio de projeções metafóricas. Dessa forma,

Alguns psicólogos usam a palavra *frame* como sinônimo de *schema*, mas os pesquisadores de comunicação geralmente a usam para se referir a uma forma de entender uma situação e o tipo de resposta e comportamento que ela exige. Metaforicamente, “*frame*” pode se referir a uma estrutura ou aos limites de uma imagem, como em “*moldura*”. No jornalismo e na análise do discurso, o *frame* de uma notícia ou conversa pode se referir à forma como ela é organizada (“*estruturada*”) ou como certas características se tornam mais salientes e outras são excluídas ou minimizadas (Ritchie, 2022, p.109).

Além das definições trazidas, precisamos compreender as suas variações e significados, como os termos “*to frame*”, “*framing*”, *framing* metafóricos. Segundo Entman (1993), a essência de *frame* envolve essencialmente dois fatores: seleção e saliência. O autor acrescenta:

Parte-se da escolha de alguns aspectos de uma realidade percebida, para torná-lo ainda mais salientes em um texto comunicativo, de modo a promover uma definição de um problema particular, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o problema descrito (Entman, 1993, p.52).

Outra importante contribuição desse autor, diz respeito à ideia de identificar *frames* em vários elementos presentes na interação. Para Entman (1993), em termos gerais, os *frames* podem estar no comunicador, no texto, no receptor e na cultura. Embora, não sem nos apropriarmos dessa visão linear da mensagem, discordando do entendimento de comunicação como algo linear, compartilhamos a ideia de que *frames* estão presentes em textos, discursos, todos os tipos de interação, e em vários constituintes do discurso. Portanto, podem ser investigados por diversos prismas. Contudo, não se trata de uma tarefa simples definir o significado de *frame*.

Mas, para que possamos nos aprofundar na ideia de *frames*, e sua compreendermos essa dinamicidade, vamos partir da ideia de conceito como uma unidade básica de representação mental, que não ocorrem como unidades atômicas isoladas, mas como base pressuposta de estrutura de conhecimento de fundo (Croft; Cruse, 2004). Da mesma forma, os *frames* de Fillmore influenciaram a noção de domínios conceptuais de Lakoff e Johnson, que passaram a ter grande influência na linguística cognitiva (Croft; Cruse, 2004).

Segundo Croft e Cruse (2004), o termo *frame* realça a função de suporte semântico dos domínios para os conceitos, e realça a hipótese de que os domínios têm uma estrutura que é mais do que uma lista de conceitos associados à experiência. No entanto, na versão original da Teoria da Metáfora Conceptual (CMT). Lakoff e Johnson (1980) usam o termo "domínio" de forma bastante ampla para se referir às estruturas conceptuais relacionadas aos mapeamentos metafóricos, como vimos anteriormente ao tratarmos de metáforas conceptuais.

Semino *et al* (2016) adotaram o termo *frame* para se referir a estruturas conceptuais mais específicas, envolvendo situações particulares. Nesse caso, um frame poderia ser usado em contraste com um domínio, sendo usado para capturar uma estrutura de subdomínio, de modo que um domínio pode incluir vários frames. Nesse sentido, Semino *et al* (2016) defende um modelo multinível de análise capaz de explicar adequadamente a linguagem figurativa. Partindo desse raciocínio, a pesquisadora adota a noção de framing como uma função da metáfora, considerando abordagens cognitivas, baseadas no discurso, e baseadas no uso (Ritchie 2022; Ritchie e Cameron, 2014). Tais pesquisas devem incluir tanto as estruturas conceptuais, quanto os padrões linguísticos, incluindo as metáforas e outros elementos capazes de exercer diferentes efeitos no discurso (Ritchie 2013; Ritchie, Cameron, 2014).

Para Semino (2008), o estudo da metáfora na interação, em seu uso real em contexto, conduz a uma série de conhecimentos e avanços importantes, como: na identificação de elementos que constituem um tipo de frame, e seus efeitos; na identificação da estrutura conceptual em relação às metáforas e aos *frames* e *frames* metafóricos; e na identificação do papel das escolhas e padrões linguísticos.

Além disso, *frames metafóricos* podem revelar aspectos importantes das avaliações, emoções e simulações perceptivas (Semino, 2008; Semino *et al*, 2016, 2017; Ritchie, 2013; Ritchie e Cameron, 2014). Nesse sentido, *framing* é visto como uma metáfora capaz de afetar a comunicação, por ser o processo de usar palavras e frases para estabelecer uma maneira particular de pensar sobre um tópico ou uma interação social. É uma coleção de metáforas conectadas, usadas para enfatizar sobre a ideia central de um discurso, ou eventos discursivos (Ritchie, 2006, 2013, 2022).

Em suma, frames se referem a um padrão de esquema cognitivo usado para entender uma situação e o tipo de resposta e comportamento que ela exige (Ritchie, 2022). Além disso, em áreas como comunicação e análise do discurso, *framing* pode incluir narrativas, as maneiras como uma história aborda uma notícia, como uma conversa é estruturada e organizada, tornando certas características mais salientes, enquanto outras podem ser minimizadas, até excluídas (Ritchie, 2022). Outro aspecto importante para a construção de um frame, está nos

valores que se dá a notícia e nas expectativas do público. Segundo Ritchie (2022), essa construção pode ser usada pela mídia para enfatizar algum episódio, elaborando frames episódicos em vez de explorar frames temáticos. Ainda mais, os frames jornalísticos ou discursivos, podem distorcer certas notícias, construindo maneiras divergentes ou contraditórias para uma determinada narrativa ou história.

Nesse viés, *frames* metafóricos podem ter efeitos poderosos e persuasivos em diferentes contextos sociais e culturais de comunicação, influenciando o raciocínio e a compreensão. Embora o termo *framing* tenha se evidenciado em significados bastante ambíguos; e usado por vários autores de várias maneiras, uma grande maioria o tem encaixado no tópico geral de como a mídia representa questões políticas, como o crime e a aplicação da lei (Ritchie, Cameron, 2014), enquanto outros têm usado esse termo para investigar questões relativas à saúde (Semino, 2008). Os resultados dessas pesquisas sustentam que o uso de metáforas pode exacerbar os efeitos produzidos por determinados frames influenciando os julgamentos das pessoas sobre a natureza de uma interação comunicativa e quais questões ou valores são mais relevantes. Nesse sentido, frames envolvem essencialmente seleção e relevância, como na definição de Entman (1993) trazida anteriormente.

Relacionando as considerações acima expostas, percebemos que *frames* podem enfatizar determinadas informações, tornando uma informação mais perceptível e significativa do que outra, discernindo significados e processando-os na memória, embora não se possa assegurar completamente que isso influenciará o pensamento e a atitude de um indivíduo, provocando reações positivas ou negativas. Porém, parece ser indubitável que uma linguagem metafórica é um instrumento de persuasão, com mecanismos capazes de desenvolver certa saliência durante a interação, impulsionando movimentos numa relação intrínseca com outros *frames* existentes.

Em suma, os *frames* moldam a maneira de como vemos o mundo, traçamos nossos objetivos, e nossas ações. Também, moldam as políticas sociais e as instituições que formamos para implementar nossas decisões, implicando na possibilidade de mudança social. Trata-se da capacidade cognitiva chamada de *reframing* (Lakoff, 2004).

Desse modo, acreditamos que é preciso refletir sobre determinados conceitos da Linguística Cognitiva, como os de metáfora e o de *frame*, verificando a relevância deles para a construção dos sentidos metafóricos. Assim, enfatizamos que os frames têm recebido atenção a partir de perspectivas e ângulos diferentes, como o sociocultural da formação das instituições sociais e das visões de mundo constituídas por metáforas morais (Lakoff, 2004), implicando

em uma classificação extensa e diversificada trazida pelos principais nomes da linguística cognitiva.

### 3.9 Narrativas

Definições nem sempre são construções fáceis e simples. Muitas vezes, podem ser ambíguas e complexas. São assim, deveras desafiadoras. Tal complexidade ocorre porque um mesmo objeto pode ser investigado por vários prismas. E tratando-se de narrativas não poderia ser diferente, pois são diversas as áreas do conhecimento, como a Linguística, a Literatura, a Psicologia, a Sociologia, a Comunicação, entre outras, que encontraram nas narrativas uma grande aliada para as suas pesquisas, seja através de uma investigação aprofundada do seu estado da arte, seja por meio do seu potencial metodológico. Assim, sem qualquer *parti pris*, começaremos por uma definição mais abrangente com o intuito de esclarecer as suas múltiplas faces epistemológicas.

Em primeiro lugar, compreendemos que as narrativas estão presentes nos discursos humanos; fazem parte da construção do conhecimento; e possibilitam a compreensão do mundo, do outro e de si mesmo. Segundo Abbott (2008), o próprio entendimento do que somos e de quem somos só é possível quando começamos a desenvolver nossa capacidade narrativa e armazenar na memória as nossas primeiras histórias. Pois, “não temos nenhum registro mental de quem somos até que a narrativa esteja presente como uma espécie de armadura, dando forma a esse registro” (Abbott, 2002, p. 3).

Em segundo lugar, as narrativas são constituintes da memória, do conhecimento, e da comunicação social (Schank; Abelson, 1995). Nessa intrínseca relação, construímos nosso repertório “de vida”, a partir das histórias que vivemos, que ouvimos, e que inventamos. Para Abbott (2002), as narrativas são recursos universais; estão presentes em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades. Podemos, então, dizer que essa universalidade está no caráter de vida que ela carrega: um fenômeno constante na história, que transborda de sentidos e significados o percurso próprio de quem as cria. Assim, a narrativa é criação do homem ou a materialização de sua própria existência.

Em terceiro lugar, a narrativa pode ser definida simplesmente como a representação de um evento ou uma sequência de eventos. Uma história representada discursivamente (Abbott, 2002). Nesse sentido, uma história, seria condição *sine qua non* para uma narrativa existir. Tal existência é o principal recurso pelo qual o homem expressa a sua

consciência sobre a dinâmica do tempo. Constrói uma organização cronológica que cria e recria uma ordem temporal através de eventos (Abbott, 2002; Ritchie, 2017).

Podemos dizer que percebemos o *continuum* da vida e da história por meio de narrativas, pois nosso esquema mental é feito de experiências que armazenamos. Logo, as histórias que contamos são intrínsecas à nossa capacidade cognitiva de transitar mentalmente num espaço-tempo marcado por um encadeamento de eventos que constituem a nossa memória episódica.

Em conformidade com o exposto, observamos que a narrativa se apresenta multifacetada, seus conceitos e características se acoplam a diversas áreas de investigação de maneira a fornecer um embasamento teórico e metodológico que melhor se adeque às necessidades de cada pesquisa e pesquisador.

As narrativas são estruturas armazenadas na memória. São elementos cognitivos, e podem ser definidos como tipos especiais de *frames*. Se constroem de diferentes formas, e se combinam formando narrativas maiores, mais complexas, à medida que o cérebro permite a emergência ou ativação de narrativas gerais.

Contudo, as narrativas foram aprofundadas e ganharam visibilidade através de estudos linguísticos, cujo foco principal se manteve na descrição das estruturas, e em seus elementos linguísticos. Por esse prisma, se destacaram as investigações das narrativas literárias, postulando o que se denominou de narratologia<sup>18</sup>.

Por outro lado, nos interessam o caráter cognitivo e interacional das narrativas. Pois seus elementos da narrativa exercem um papel importante na construção e reconstrução de uma história que pode ser gradualmente refinada e remodelada ao se adequar ao contexto interacional. Dessa forma, esses elementos podem encorajar as pessoas a entrarem no mundo da história, envolvendo-as, aumentando a aceitação da mensagem e reduzindo uma contra-argumentação (Ritchie, 2022). Muitas histórias despontam com o objetivo de preencher a oportunidade de interação, ou uma lacuna deixada permitindo que o participante a molde sem necessariamente perder sua própria face, mas, demonstrar seu pertencimento ao grupo. Como inferimos, outros aspectos importantes da narrativa se situam além da informação, e desempenham papéis importantes na interação: impulsionam a empatia, reafirmam o pertencimento coletivo, e enfatizam os valores de grupo (Ritchie, 2022).

Mais precisamente, nos interessa as narrativas que fazem parte do cotidiano, pois compartilhar histórias é algo “quase natural”, tal qual uma necessidade fisiológica, precisamos

---

<sup>18</sup> Aqui não nos cabe um aprofundamento sobre a narratologia visto que o nosso foco está em compreender algumas definições de narrativa e sua relação com os estudos da metáfora.



socializar. Segundo Dunbar (1996, p. 9), “O que caracteriza a vida social humana é o intenso interesse que temos na vida dos outros”, somos uma espécie que conta histórias (Schank; Berman, 2002), raciocinamos, compreendemos e explicamos as coisas através de narrativas. Dessa forma, é comum ao homem narrar sobre a própria vida, falar dos acontecimentos, das dificuldades, das vitórias. Essas narrativas estão presentes em diversos contextos, depoimentos, opiniões, rodas de conversa, debates, discussões entre amigos, família e diversos grupos. Essas atividades parecem ser as mais simples definições de narrativas conversacionais, que em língua inglesa também são chamadas de *storytellings*.

Assim, a narrativa (o contar de uma história),

[...] estruturamos nossas vidas por narrativas e entendemos eventos do mundo em termos de narrativas - eventos de todos os tipos, na ciência, na política, em todas as facetas da vida. Alguns destes são conscientes, outros são muito inconscientes. Dentro das narrativas de vida, cada um de nós é o protagonista, vivendo a narrativa da melhor maneira possível (Lakoff; Narayanan, 2010, p. 21).

Ademais, muitas vezes, as narrativas emergem para que possamos alcançar um objetivo, que pode ser desde transmitir um conhecimento, aproximar as pessoas, entreter, até chamar atenção etc. (Dessales, 2014; Ritchie, 2017, 2022).

Além do aspecto interacional da narrativa, nos interessa particularmente o seu aspecto cognitivo, o que acontece no cérebro, a emergência dos componentes, dos elementos linguísticos e conceituais, durante a interação. Segundo Schank e Berman, (2002), uma narrativa também pode ser definida como um esquema cognitivo, combina o conhecimento da estrutura narratológica com a habilidade de lidar com todo o repertório linguístico armazenado na mente. As aptidões retóricas individuais e as habilidades expressivas se integram numa produção narrativa bem construída, envolvendo dimensões linguísticas, conceituais e comunicativas. A dimensão linguística inclui a forma e a estrutura em busca da função. A dimensão conceptual trata do evento, de como ocorre e porque ocorre; e a dimensão comunicativa trata da interpretação da tarefa, e o que está envolvido.

Dado isso, nos apropriamos da narrativa em seu sentido *lato*, como território fértil do conhecimento, seja através do repertório adquirido ao longo da existência; do potencial teórico-metodológico que lhe foi incumbido nas ciências, na psicologia e áreas afins; do caráter cotidiano nas conversas, ou do potencial que as narrativas representam para os estudos da linguagem, da cognição e do discurso.

## **4 METODOLOGIA**

A Metodologia de um trabalho científico ancora a construção do trabalho desenvolvido, sendo o pilar que sustenta todo o processo da pesquisa. Portanto, o porvir de um trabalho acadêmico começa a ser delineado quando o pesquisador define a metodologia a ser utilizada. A relevância metodológica está para além das decisões sobre quais são as técnicas, os métodos e os procedimentos necessários para atingir o fim, mas sobretudo na construção de uma atitude responsável e assertiva capaz de delinear o êxito da pesquisa e do pesquisador.

### **4.1 Caracterização da Pesquisa**

Para fins de uma melhor compreensão das circunstâncias metodológicas que cercam o presente estudo, esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa e de caráter descritivo-exploratório, pois busca a descrição de um fenômeno que envolveu uma sequência de atividades e tratamento dos dados que se adequaram de forma eficaz aos objetivos estabelecidos. A definição do percurso metodológico proporcionou uma investigação marcada pelo uso de técnicas e de procedimentos padronizados (Gil, 2002) que se acoplaram a abordagem discursivo-cognitiva denominada de Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM) (Cameron et al., 2009; Cameron; Maslen, 2010), em um enlace que nos remete à tradição interdisciplinar e transdisciplinar da Linguística Aplicada e das Ciências Sociais. Isso posto, pois tais ciências não se encaixam em molduras metodológicas rígidas e inférteis de investigação, mas criativas e prolíferas, como muitas que tem caracterizado as pesquisas do século XXI.

Ainda, podemos dizer que esta pesquisa é do tipo qualitativa, pois busca na descrição do fenômeno a riqueza e a complexidade das informações que emergem dos dados gerados, envolvendo uma sequência de atividades e de tratamento dos dados, como a identificação de seus elementos, a categorização e a interpretação (Gil, 2002).

## 4.2 O contexto da pesquisa

Esta tese põe em foco os jovens moradores da Serrinha, sujeitos periféricos<sup>19</sup>, e o seu discurso produzido sobre violência durante a realização do grupo focal. Além disso, tratamos dos múltiplos contextos ao qual estão inseridos, incluindo, principalmente, o programa Viva Palavra.

A Serrinha, bairro estigmatizado pela miséria, pelo tráfico de drogas e pela violência, é também conhecido por suas lutas sociais, por seus coletivos culturais e por seus movimentos sociais (Silva, 2018). A esse respeito, sabemos, que por muito tempo, os jovens moradores desse bairro, apesar de conviverem ao lado de uma das maiores universidades do nordeste, não reconheciam nenhum tipo de pertencimento a essa instituição. Ao contrário, viam com certa ironia a localização desse campus:

“essa Universidade aí quer mudar o mundo e não consegue nem atravessar a rua”, referindo-se à maneira como alguns(mas) pesquisadores(as) conduziam suas pesquisas na comunidade e a relação que (não) construíam com ela. Há outras expressões dos(as) moradores(as) sobre os(as) pesquisadores(as) ao relatar que “muitos vêm aqui, fazem as entrevistas, e depois não voltam nem para mostrar os books” – referindo-se à postura de alguns pesquisadores que fazem suas pesquisas. (Sousa, 2021, p. 36)

Em resposta, o Viva Palavra tem buscado promover oportunidades para que a comunidade possa participar de diversas atividades de letramento, como os círculos de leitura, oficinas, cursinho popular, dentre outras, havendo assim uma integração entre universidade e comunidade na busca pela construção dos saberes. Nesse fazer a pesquisadora Claudiana Alencar tem trabalhado para consolidar fluxos de uma proposta teórico-metodológica, através “[...] de pesquisa linguística interventora que busca ‘atravessar a rua’ que separa a academia das práticas e saberes culturais e populares” (Alencar, 2019, p. 157), possibilitando novos fluxos em uma Pragmática Cultural construída em torno dos fazeres moventes e coletivos (Sousa, 2022).

Nesse sentido, o Viva Palavra tem colaborado para o fortalecimento da comunidade e o desenvolvimento humano, possibilitando ações para o desenvolvimento das potencialidades locais, troca de experiências, formação de redes colaborativas e promoção de ações programadas a partir da realidade local (Sousa, 2021). Nesse espaço, os jovens que bem

---

<sup>19</sup> Segundo Sousa (2021), os sujeitos periféricos são jovens da periferia, militantes da comunidade. “os sujeitos periféricos, os(as) moradores(as) das periferias estão lá, na luta cotidiana, lendo a vida e muitas vezes defendendo-se ou atacando para continuar existindo de outras maneiras e em outras posições no mundo (Sousa, 2021, p. 105)

conhecem essas realidades antagônicas, traçam uma trajetória de enfrentamento às desigualdades sociais e se apresentam como vozes potenciais para a emergência de representações cognitivas socioculturalmente situadas relativas à concepção da violência.

### **4.3 Os participantes**

Para a realização desta tese optamos por realizar um estudo que nos aproximasse, mesmo que indiretamente, das ações e do compromisso do Viva Palavra, enquanto programa de extensão que dialoga com as classes populares e as comunidades das periferias como já explicitamos.

Assim, trazemos como principais protagonistas deste estudo, seis jovens moradores da comunidade da Serrinha. Especificamente, os participantes têm a periferia como denominador comum. São jovens que moram ou moraram na periferia, conhecem os problemas relacionados ao fenômeno da violência, sabem das condições sociais adversas impostas nas periferias, e, principalmente, se caracterizam por serem sujeitos representativos da juventude periférica da Serrinha, comunidade em que residem e que atuam de alguma forma.

Todos os jovens, maiores de dezoito anos e responsáveis por seus atos e decisões, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa, e concordaram em participar voluntariamente de pelo menos um dos encontros realizados para a geração dos dados. Salientamos, que consideramos o número de participantes ideal para a pesquisa, dentro das orientações estabelecidas pela técnica do grupo focal, de não ultrapassar o máximo de dez jovens. Esse número facilitou a discussão guiada e o aprofundamento do tema, bem como a oportunidade de que todos pudessem interagir e expandir os seus pensamentos, compartilhando suas histórias, crenças e opiniões.

### **4.4 O universo da pesquisa**

O universo desta pesquisa é constituído pelas interações verbais dos participantes durante os encontros realizados ao longo da investigação, e constituem o corpus analisado. As amostras que constituem esse universo foram analisadas permitindo a busca por evidências linguísticas no discurso dos jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza, que indicassem em seus discursos formas de representações situadas, como metáforas sistemáticas e frames metafóricos relativos à conceptualização da violência.

#### 4.5 Geração dos dados

Com relação aos procedimentos e às técnicas de geração de dados para constituição do *corpus* de estudo, adotamos a técnica de grupo focal e de interrogação útil tanto para diagnóstico e tratamento de problemas quanto para a obtenção de dados a partir do ponto de vista do pesquisador permitindo uma condução coerente e guiada para o alcance dos objetivos propostos (Gil, 2002). A técnica do grupo focal permite a gravação de um discurso espontâneo, possibilitando a construção de um *corpus* que provavelmente não seria igualmente construído através de outros instrumentos (Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010).

Já a técnica de interrogação deve acontecer em harmonia com a técnica de grupo focal, muito usada em pesquisas exploratórias para coletar dados por meio da interação entre os participantes, e às vezes entre o pesquisador. É, também, uma técnica reconhecidamente valiosa para a discussão coletiva sobre assuntos como as questões de violência urbana, a partir da experiência pessoal dos participantes, além de proporcionar a obtenção de dados confiáveis e válidos, que envolvam valores, crenças, sentimentos, atitudes, opiniões, e percepções dos participantes em relação ao tema da pesquisa.

As discussões sobre o fenômeno da violência foram norteadas por meio de questões pré-estabelecidas em torno da temática e conduzidas por mim como pesquisadora. Antes da geração dos dados, o roteiro de mediação e perguntas e o questionário, elaborados com base no modelo proposto por Cameron (2008), Cameron *et al.* (2009) e Cameron e Maslen (2010), foram cuidadosamente revisados e adaptados conforme a necessidade da pesquisa, e constituíram instrumentos para obtenção dos dados.

Durante a geração dos dados, desempenhei o papel de moderadora, criando uma atmosfera descontraída e propícia para a manifestação de ideias, opiniões e sentimentos sobre a violência. A condução possibilitou a oportunidade de participação de todos, motivando-os a interagir sem obrigação ou qualquer tipo de pressão. Como os participantes foram voluntários coube ao pesquisador-moderador ser fonte adequada e constante de motivação, como sugere (Gil, 2002). Em síntese, com base nessas considerações, os encontros foram gravados para o registro das interações verbais e compõem o *corpus* desta pesquisa.

A seguir, apresento os métodos e os procedimentos que orientam a análise dos dados gerados.

## 4.6 Procedimentos de análise

Seguindo as orientações metodológicas de Análise do Discurso à luz da Metáfora (ADM), o *corpus* obteve o seguinte tratamento: transcrição do evento discursivo, identificação dos veículos metafóricos e dos tópicos discursivos, e codificação e agrupamento dos veículos metafóricos.

### 4.6.1 Transcrição do evento discursivo

A transcrição do evento discursivo: foi realizada usando as unidades de entonação, pois são representações da fala que se adequam às teorias de metáfora na interação, e podem representar padrões cognitivamente realísticos (Cameron, 2009, p. 124). Os finais das unidades de entonação serão marcados por quatro tipos de pontuação:

- o ponto final [.] indicando a conclusão de uma unidade de entonação;
- a vírgula [,] indicando queda e continuidade da entonação;
- a interrogação [?] para indicar uma entonação ascendente;
- travessões [ – xxx –] para entonação incompleta;
- para indicar a duração de pausas são usados dois pontos seguidos [..];
- para as pausas curtas usamos reticências [...];
- para pausas mais longas e para as aquelas que ultrapassem um segundo, indica-se o número aproximado de segundos entre parênteses, por exemplo, [(2.0)].
- além das pontuações, são usados parênteses [( )] quando uma fala for sobreposta a outra. identificação de metáforas, envolvendo a identificação de palavras utilizadas metaforicamente, por meio da análise de seu significado (contextual ou básico);

Ressaltamos que com a transcrição realizada, salvamos o evento discursivo em dois formatos: word e pdf. Usamos uma planilha do Excel para as identificações dos veículos metafóricos e dos tópicos discursivos. Em um segundo momento usamos o *Atlas.ti* 23, para *double check*, ou seja, confirmar ou refutar os elementos identificados como veículos metafóricos, e então, podermos prosseguir com as análises.

#### **4.6.2 Identificação de veículos metafóricos e dos tópicos discursivos:**

Segundo Cameron (2007), a identificação de veículos metafóricos (VMets) é feita através da busca de palavras que apresentem um significado mais básico, que pode ser contrastado com o seu significado no contexto discursivo, apresentando incongruências ou contrastes entre esses significados. Além disso, esses veículos apresentam um potencial para um significado extra a ser produzido como resultado da combinação com outros veículos. Já os tópicos discursivos e dos tópicos discursivos (TD) podem aparecer de forma explícita ou implícita no discurso, o que às vezes pode ser uma tarefa fácil, mas em outros momentos exige certo rigor e criatividade (Cameron *et al.*, 2009).

Assim, os VMets foram sublinhados no arquivo editável, e depois foram etiquetados no *Atlas.ti* 23. Para a realização dessa tarefa buscamos identificar a figuratividade do léxico ao contrastar com o significado do discurso durante a interação. Nesse propósito, os VMets podem aparecer tanto em uma unidade linguística, quanto em mais de uma. Assim, consideramos como veículos metafóricos os itens lexicais que apresentavam um significado ou uma ideia que de alguma forma destoava no evento discursivo do seu significado básico, convencional ou literal.

Sobre isso, as metáforas linguísticas constituem as palavras usadas metaforicamente, carregam um sentido incongruente com o seu sentido mais básico, literal, ou experiencial em torno dos tópicos. Essas metáforas incluem, também, os veículos metafóricos considerados pela Teoria da Metáfora Conceptual, como as realizações linguísticas de metáforas conceptuais subjacentes. Para esclarecimento, as metáforas linguísticas também são conhecidas como veículos de metáforas porque elas carregam o significado metafórico de um domínio semântico para outro. Ademais, ressaltamos que os veículos metafóricos emergem a partir da dinâmica do discurso, e, portanto, se apresentam numa progressão discursiva, podendo emergir de vários fatores, sociais, culturais e cognitivos (Cameron, 2007, 2008), Cameron e Maslen (2010).

#### **4.6.3 codificação e agrupamento de veículos metafóricos**

Para a codificação e o agrupamento dos veículos metafóricos: os veículos metafóricos foram etiquetados e agrupados de acordo com o seu tópico para *upload* no

programa de análise linguística – *Atlas.ti* 23.<sup>20</sup> Com a ajuda do *software*, identificamos e visualizamos a ocorrência desses veículos por tópicos, que foram tratados como um sistema, possibilitando a emergência de metáforas sistemáticas e a identificação de *frames* metafóricos.

Além disso, as etapas de identificação e etiquetagem nem sempre seguiram uma sequência exata, ou uma ordem linear; pois à medida que as análises avançavam, diferentes elementos se destacavam no *corpus*. Enquanto vários elementos metafóricos saltavam aos nossos olhos, outros apareciam discretamente e ou camuflados. Isso exigia uma relação “aberta” do analista com o corpus em estudo, sem excluir as possibilidades oferecidas em cada momento particular de análise. Além disso, a análise foi realizada várias vezes em momentos distintos da pesquisa.

Após a identificação dos veículos metafóricos, foi realizado o agrupamento destes sob as nomenclaturas mais básicas possíveis, ou seja, que pudessem agrupar os veículos que estivessem relacionados a essa experiência. Para ilustrar, tomemos como exemplo o grupo metafórico (GM) VISÃO que foi formado por VMets como: “a primeira visão”, “ideia”, “acho”, “pra mim”, “a primeira que vem a minha cabeça”, “olharam”, etc. Outro GM foi categorizado como SUFOCAMENTO, incluiu os seguintes VMets: “opressão”, “sofro”, “sofrimento”, “agredir”, “medo”, “sentir”, “sofrendo” etc.

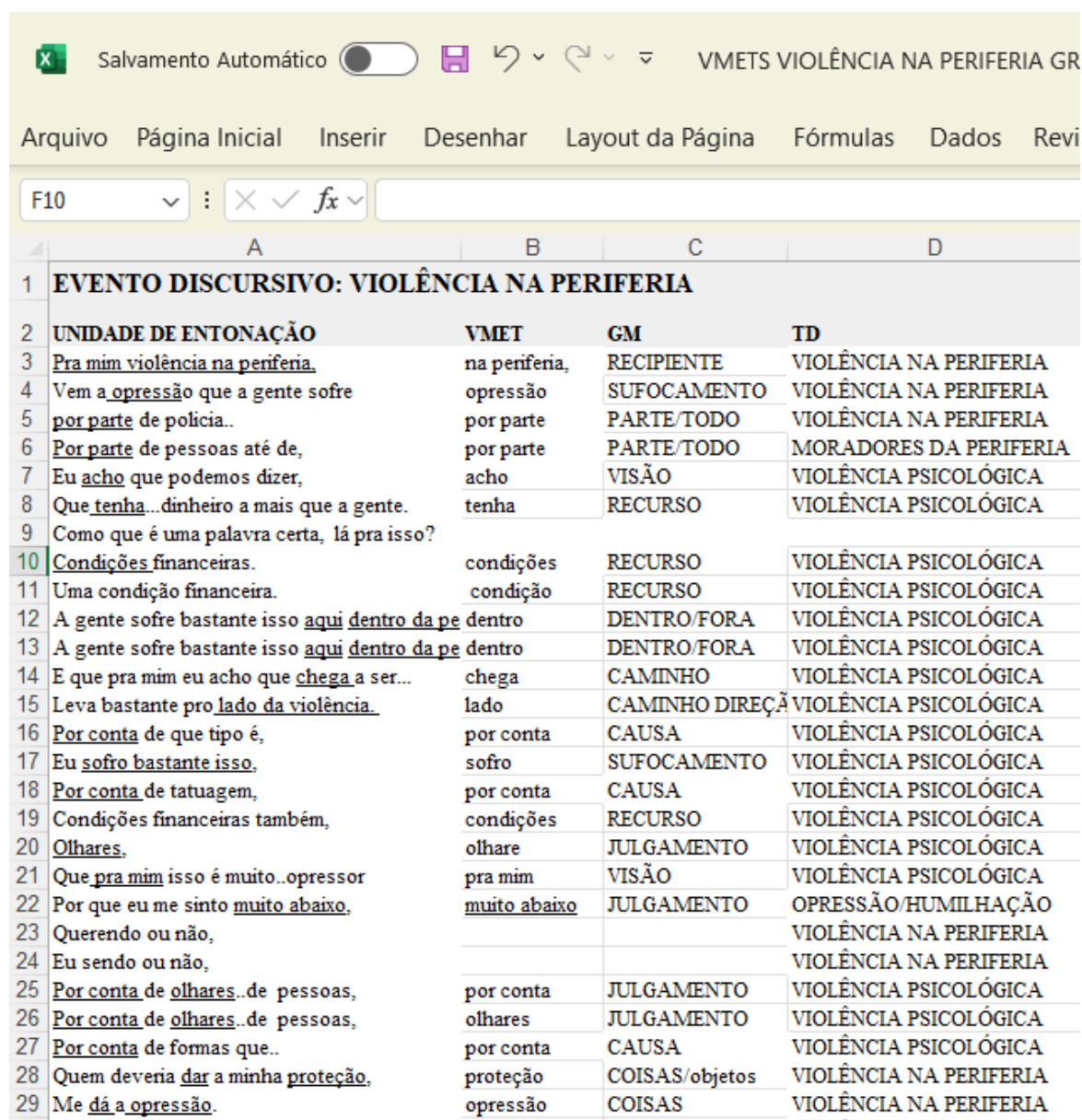
Os agrupamentos são como famílias, grupos potenciais para a emergência de metáfora sistemática, pois podem funcionar como um conceito mais experiencial e mais concreto, e assim, serem elementos essenciais para a compreensão dos sentidos que emergem durante a interação. Além disso, observamos a frequência desses veículos metafóricos, pois é exatamente a recorrência desses veículos que indicam a sistematicidade no seu uso. Assim, observamos se o VMet emergiu outras vezes por outros participantes, e se apareceu durante a discussão de um ou mais de um tópico discursivo. Ressaltamos, que é importante analisar o percurso dinâmico dos VMets pois indica que a metáfora sistemática é o resultado de um processo discursivo interativo.

---

<sup>20</sup> *Atlas.ti* 23 é um software usado para análise qualitativas, que oferece ferramentas capazes de otimizar o processos de codificação, consulta, recuperação e análise de vastos volumes de dados, sejam textuais, gráficos, auditivos ou visuais. Além disso, a utilização do *Atlas.ti* 23 é bastante vantajosa para o processo de investigação, contribuindo para os achados e conclusões do pesquisador (<https://atlasti.com/atlas-ti-ai-lab-accelerating-innovation-for-data-analysis>).



Figura 4 – Evento discursivo

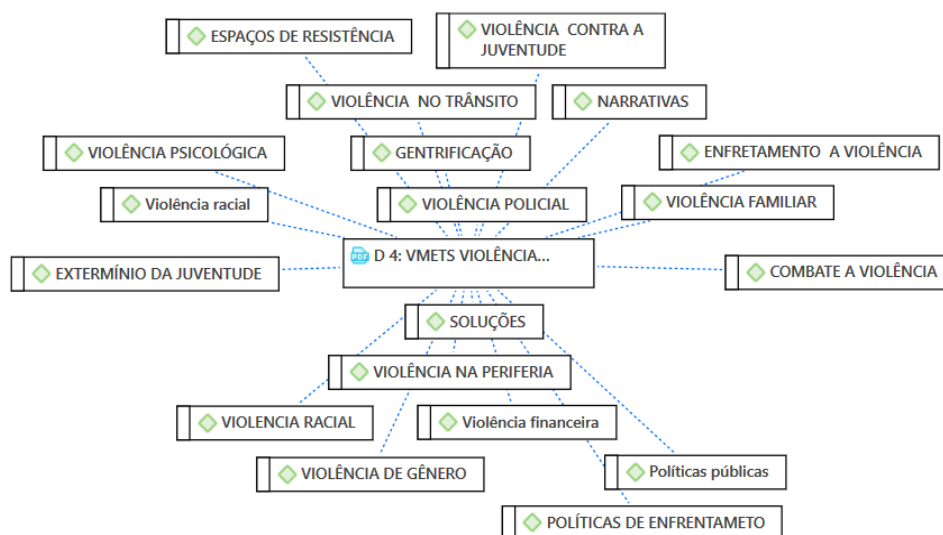


|    | A                                                           | B                   | C               | D                      |
|----|-------------------------------------------------------------|---------------------|-----------------|------------------------|
| 1  | <b>EVENTO DISCURSIVO: VIOLÊNCIA NA PERIFERIA</b>            |                     |                 |                        |
| 2  | <b>UNIDADE DE ENTONAÇÃO</b>                                 | <b>VMET</b>         | <b>GM</b>       | <b>TD</b>              |
| 3  | <u>Pra mim violência na periferia.</u>                      | na periferia,       | RECIPIENTE      | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |
| 4  | Vem a <u>opressão</u> que a gente sofre                     | opressão            | SUFOCAMENTO     | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |
| 5  | <u>por parte</u> de policia..                               | por parte           | PARTE/TODO      | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |
| 6  | <u>Por parte</u> de pessoas até de,                         | por parte           | PARTE/TODO      | MORADORES DA PERIFERIA |
| 7  | Eu <u>acho</u> que podemos dizer,                           | acho                | VISÃO           | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 8  | Que <u>tenha</u> ...dinheiro a mais que a gente.            | tenha               | RECURSO         | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 9  | Como que é uma palavra certa, lá pra isso?                  |                     |                 |                        |
| 10 | <u>Condições</u> financeiras.                               | condições           | RECURSO         | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 11 | Uma condição financeira.                                    | condição            | RECURSO         | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 12 | A gente sofre bastante isso <u>aqui dentro da pe</u> dentro | dentro              | DENTRO/FORA     | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 13 | A gente sofre bastante isso <u>aqui dentro da pe</u> dentro | dentro              | DENTRO/FORA     | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 14 | E que pra mim eu acho que <u>chega</u> a ser...             | chega               | CAMINHO         | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 15 | Leva bastante <u>pro lado da violência.</u>                 | lado                | CAMINHO DIREÇÃO | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 16 | <u>Por conta</u> de que tipo é,                             | por conta           | CAUSA           | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 17 | Eu <u>sofro</u> bastante isso.                              | sofro               | SUFOCAMENTO     | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 18 | <u>Por conta</u> de tatuagem,                               | por conta           | CAUSA           | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 19 | Condições financeiras também,                               | condições           | RECURSO         | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 20 | <u>Olhares.</u>                                             | olhare              | JULGAMENTO      | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 21 | Que <u>pra mim</u> isso é muito..opressor                   | pra mim             | VISÃO           | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 22 | Por que eu me sinto <u>muito abaixo.</u>                    | <u>muito abaixo</u> | JULGAMENTO      | OPRESSÃO/HUMILHAÇÃO    |
| 23 | Querendo ou não,                                            |                     |                 | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |
| 24 | Eu sendo ou não,                                            |                     |                 | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |
| 25 | <u>Por conta</u> de <u>olhares</u> ..de pessoas,            | por conta           | JULGAMENTO      | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 26 | <u>Por conta</u> de <u>olhares</u> ..de pessoas,            | olhares             | JULGAMENTO      | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 27 | <u>Por conta</u> de formas que..                            | por conta           | CAUSA           | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA  |
| 28 | Quem deveria <u>dar</u> a minha <u>proteção.</u>            | proteção            | COISAS/objetos  | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |
| 29 | Me <u>dá</u> a <u>opressão.</u>                             | opressão            | COISAS          | VIOLÊNCIA NA PERIFERIA |

Fonte: Elaborada pela autora.

No *Atlas.ti* 23, identificamos 18 tópicos discursivos. Ressaltamos que o *Atlas.ti* 23 permite que os dados possam ser visualizados de várias maneiras, como através da criação de nuvens de tópicos.

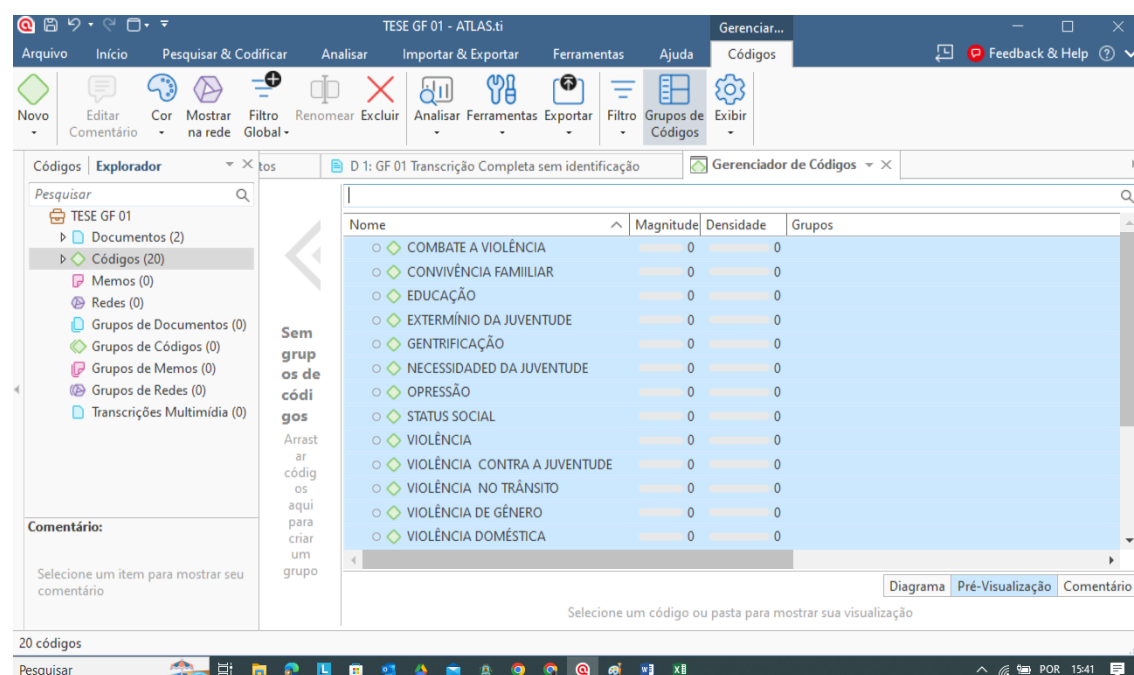
Figura 5 – tópicos discursivos 1



Fonte: Elaborada pela autora com o uso do *Atlas.ti* 23.

Ressaltamos que os tópicos discursivos na interação são os temas ou assuntos que organizam e estruturam a conversa entre interlocutores. Eles são pontos de referência que orientam o fluxo da comunicação, permitindo que os participantes desenvolvam ideias, façam perguntas, argumentem ou respondam, mantendo a coerência do diálogo. Após uma primeira identificação dos tópicos, não excluimos a possibilidade de acrescentar novos elementos de análise. Pois, observamos que a realização de uma interação espontânea e fluida pelo grupo focal facilitou e motivou o desenvolvimento de tópicos e subtópicos. Interessante notar que o desenvolvimento da interação em subtópicos, em um primeiro momento, pareceu provocar um certo distanciamento da temática, mas de fato, ao “afunilar o tópico”, forneceu ainda mais recursos para nossas análises. Ademais, identificamos que a ocorrência de tópicos discursivos relacionados ao tema principal - violência: violência doméstica, violência de gênero, violência familiar, ao longo da interação, se contrasta com outros tópicos como gentrificação e status social.

Figura 6 – Tópicos discursivos 2



Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre a metodologia e os procedimentos metodológicos descritos neste capítulo, enfatizamos que nos permitiram as análises fluidas e adaptáveis, principalmente porque ao atravessarem as fronteiras da cognição e do discurso, buscamos encontrar pressupostos que de forma efetiva contribuam com os estudos sobre as metáforas observadas. Partindo da identificação dos dados, compreendemos que os dados por si só nada dizem, como afirma Lakatos e Marconi (2001), mas são as análises e as interpretações que constituem o núcleo central dessa pesquisa. Assim, sob a premissa de que metáforas e metáforas sistemáticas podem revelar característica do discurso em comum que indicariam a presença de *frames* metafóricos, esses, por sua vez, são identificados, interpretados e analisados com o objetivo de compreender tanto a organização do sistema em que ocorrem, quanto a complexidade do significado que carregam ao se materializam no discurso. Além disso, permitindo que as análises fossem conduzidas com o objetivo de responder às questões de pesquisas levantadas inicialmente.

Em suma, as etapas das análises ocorrem em uma combinação de diferentes visualizações das metáforas durante a interação (veículos metafóricos, tópicos discursivos e *framings* metafóricos), mostrando como as abordagens cognitiva, discursiva e socioculturalmente situada, em ação epistêmica conjunta podem ser promissoras para a compreensão da emergência de sentidos e das conceptualizações no discurso.

## 5 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, fazemos nossas análises e interpretações do *corpus* discursivo, construído para esta tese, com o objetivo de investigar as representações cognitivas socioculturalmente situadas, a saber, as metáforas sistemáticas e *frames metafóricos* relativos à conceptualização da violência, que embasam ideias e atitudes de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza.

Como mencionamos nos capítulos anteriores, o referido *corpus* trata especificamente da interação verbal de jovens, moradores da periferia de Fortaleza. O nosso *corpus* foi coletado durante a realização de um grupo focal que teve o objetivo de discutir sobre o tema violência.

Para as análises, adotamos a proposta teórico-metodológica do Discurso à Luz da Metáfora (ADM<sup>21</sup>), utilizada por pesquisadores que investigam a linguagem figurada, metáforas, metonímias, bem como *frames* e narrativas. Aqui também, retomamos algumas teorias, seus conceitos e pressupostos mais pertinentes, como: a TMC, metáforas sistemáticas, *frames*, narrativas, com o intuito de embasar os nossos achados.

A primeira seção deste capítulo, para facilitar o percurso das análises, trata dos veículos metafóricos, dos tópicos discursivos e dos grupos metafóricos. As seções seguintes trazem as metáforas sistemáticas e os *frames*.

### 5.1 Os Veículos Metafóricos, Tópicos Discursivos e Grupos Metafóricos

A busca por padrões sistemáticos é um processo delicado e criterioso, requer a dedicação do pesquisador, o investimento de tempo, e um olhar acurado em suas várias etapas. Em um primeiro momento, a identificação dos veículos metafóricos e das metáforas linguísticas foram analisadas e separadas por grupos metafóricos, observando-se a conexão entre elas, e o pertencimento ao mesmo grupo. Dessa forma, constrói-se o traço semântico (Cameron; Maslen, 2010), que permite condensar os dados em categorias, e que por sua vez influenciam fortemente a identificação das metáforas sistemáticas.

Os tópicos discursivos na interação são os temas ou assuntos que também organizam e estruturam a conversa entre os interlocutores. Eles funcionam como pontos de referência que orientam tanto o início da interação, quanto a manutenção dela ao abrirem espaço para novos tópicos necessários naquele tempo e espaço, contribuindo para o fluxo da interação.

---

<sup>21</sup> como resenhada tanto no capítulo de fundamentação teórica quanto no capítulo de metodologia.

Nesse contexto, os participantes desenvolvem e expõem suas ideias, fazem perguntas, argumentam ou respondem, mantendo a coerência do diálogo.

Vale ressaltar, que a identificação dos tópicos discursivos é relevante para que se perceba a presença dos veículos metafóricos, uma vez que não podemos afirmar a figuratividade deles se não reconhecermos o contexto no qual eles estão inseridos. Assim, partimos da observação da interação em torno do tema geral – violência –, como tema macro, e prosseguimos, identificando a emergência de temas cada vez mais específicos ao longo da interação. Ao todo foram nesse primeiro momento 18 tópicos discursivos, categorizados e etiquetados no *Atlas.ti* 23.

Quadro 1 – Tópicos discursivos

| <b>TÓPICOS DISCURSIVOS</b> |                              |
|----------------------------|------------------------------|
| 01                         | Opressão                     |
| 02                         | Periferia                    |
| 03                         | Educação                     |
| 04                         | Extermínio da juventude      |
| 05                         | Gentrificação                |
| 06                         | Juventude                    |
| 07                         | Status social                |
| 08                         | Violência contra a juventude |
| 09                         | Violência racial             |
| 10                         | Violência no trânsito        |
| 11                         | Violência de gênero          |
| 12                         | Violência doméstica          |
| 13                         | Violência familiar           |
| 14                         | Violência física             |
| 15                         | Violência na periferia       |
| 16                         | Violência psicológica        |
| 17                         | Combate à violência          |
| 18                         | Espaços de resistência       |

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o estabelecimento do tópico macro, o desenvolvimento da interação em subtópicos, que especificam o tipo de violência, parece ser um tanto previsível, porém alguns outros não são tão previsíveis assim, como nos casos de *gentrificação* e *status social*. O primeiro tópico emergiu quando os participantes direcionaram a discussão para problemas mais específicos da comunidade da Serrinha, como as condições de moradia e os problemas decorrentes. Já o segundo não foi um assunto do qual os participantes trataram diretamente, mas foi percebido ao longo das construções discursivas.

Para ilustrar a emergência de um tópico discursivo, tomemos como exemplo o caso de *gentrificação*. A *gentrificação* urbana refere-se ao processo de transformação de um bairro, geralmente antigo e popular, com a valorização imobiliária e o aumento do custo de vida, o que leva à saída de moradores antigos e a substituição por pessoas de maior renda. Sobre esse assunto, os participantes revelaram consciência e preocupação com as questões de moradia, e a possibilidade de legalização de seus imóveis, e as consequências dessa ação.

Já o segundo tópico, *status social* - a posição de um indivíduo ou grupo dentro de uma sociedade, influenciando como são tratados e percebidos pelos outros, acaba sendo uma classificação que define o valor social atribuído a uma pessoa - considerando aspectos como respeito, honra, competência e deferência. Ele foi tratado como um problema mais abrangente e generalizado, concernente à sociedade em geral, o que não implica em menor ou maior preocupação.

Assim, ao longo do tempo, tanto o acréscimo de tópicos quanto a exclusão de outros marcaram esta análise. Partimos de um tema geral, macro violência, que ao longo da interação foi se tornando cada vez mais específico, salientamos que essa dinâmica de assuntos pode parecer como distanciamento da temática.

Para as categorias de análise, além dos tópicos discursivos, devemos identificar e classificar os veículos metafóricos (VMets) quanto ao grupo que eles pertencem. Segundo Cameron e Maslen (2010, p. 12), “o agrupamento de veículos metafóricos é um processo interpretativo que funciona recursivamente entre os dados e as categorias emergentes”. Os códigos criados são elementos usados para os agrupamentos e têm origem nas palavras dos participantes, partindo de um nível de generalidade suficiente o bastante para a inclusão dos veículos que foram identificados durante a análise. Esse agrupamento viabiliza a observação de padrões metafóricos em torno do tópico discursivo e determina o significado subjacente à linguagem. Além disso, formam um instrumento eficaz e essencial para construção da metáfora sistemática.

Para a separação dos grupos metafóricos, observamos a conexão existente entre os VMets, e à medida que outros VMets foram identificados, novas categorias também foram criadas, dado a necessidade de encaixá-los. Em terceiro lugar, partimos para o agrupamento dos VMets.

Diante disso, devemos ficar atentos aos veículos usados pelos dos participantes durante a interação, “pois podem ser verbalizações fluidas e experimentais de ideias, ou podem ser reiteraões de ideias que se tornaram fixas para a pessoa em questão, talvez até mesmo empregando as mesmas palavras usadas muitas vezes antes” (Cameron; Maslen, 2010, p. 86).

Em nossas análises identificamos 13 Grupos Metafóricos:

Quadro 2 – Grupos Metafóricos

| GRUPOS METAFÓRICOS |              |
|--------------------|--------------|
| 01                 | Caminho      |
| 02                 | Coisas       |
| 03                 | Dentro, fora |
| 04                 | Equilíbrio   |
| 05                 | Escala       |
| 06                 | Estado       |
| 07                 | Sufocamento  |
| 08                 | Visão        |
| 09                 | Guerra       |
| 10                 | Peso         |
| 11                 | Recipiente   |
| 12                 | Recurso      |
| 13                 | Narrativas   |

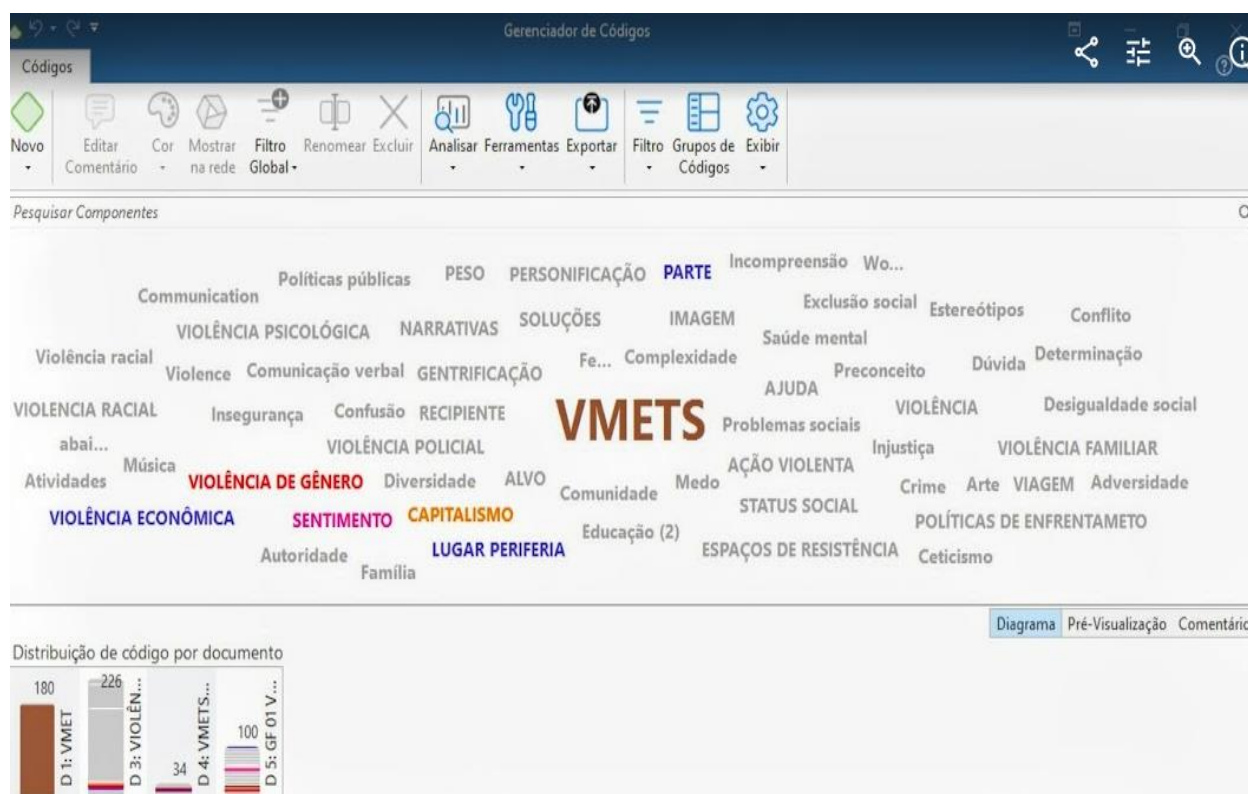
Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, os VMets foram organizados em categorias de análises, famílias de veículos, relacionadas semanticamente (Cameron, 2010), que por sua vez permitiu condensar os dados e identificar as metáforas sistemáticas. Segundo Bezerra (2020, p. 59), “a identificação dos veículos metafóricos e o subsequente agrupamento deles fazem parte de uma estratégia de organização de dados bastante profícua, pois, segundo ele, permite o acesso à frequência de utilização de veículos metafóricos e à sistematicidade com que surgiram em um tópico

discursivo”. Todas as metáforas identificadas, etiquetadas como VMets, foram então classificadas em grupos de veículos (etapa 2), conjuntos coerentes ligados através de ligações semânticas entre os significados básicos dos veículos das metáforas identificadas. Para Cameron e Maslen (2010, p. 124) “o rótulo deve abranger todos os veículos incluídos no conjunto e, tanto quanto possível, apenas esses”. Foram várias tentativas de rotular cada um desses grupos ao nível mais expressivo de generalização.

Durante essa busca, além dos VMets, fomos identificando a presença de diferentes formas de linguagem figurada, como metáforas, metonímias, frames, frames metafóricos, narrativas e narrativas metafóricas. Os VMets e os tópicos discursivos podem ser observados na nuvem de palavras gerado pelo *Atlas ti*:

Figura 6 – Tópicos discursivos 2



Fonte: Elaborada pela autora, gerado pelo Atlas ti

Além disso, buscamos observar outros aspectos presentes, tais como jogos de linguagem, humor e ironia, como parte da linguagem metafórica. O quadro abaixo traz alguns exemplos desses elementos retirados do *corpus*:



Quadro 3 – Veículos metafóricos e figuratividade

| VEÍCULO METAFÓRICO                                                                   | TIPOS DE FIGURATIVIDADE                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| Eu acho que esse tipo de..<br>atitude..<br><u>abala</u> o psicológico de uma pessoa, | Sentido metafórico: desequilibrar,<br>causar instabilidade |
| a gente sofre bastante <u>isso aqui dentro da periferia</u> ”.                       | Metáfora conceptual<br>PERIFERIA É UM RECIPIENTE           |
| Essa é a primeira <u>visão</u> que eu tenho                                          | Metáfora conceptual<br>COMPREENDER É VER                   |
| um parente – tem - se acha no direito de agredir,                                    | Narrativa: história genérica-                              |
| Um irmão se acha no direito de agredir outro irmão,                                  | Narrativa: história genérica                               |
| Sendo que eles estão aqui já para proteger a gente,                                  | Ironia                                                     |
| Um histórico, de conflito entre torcidas organizadas,                                | Narrativas: história genérica                              |
| Eu mesmo já sofri violência policial na praça. E fui,                                | História de vida                                           |
| A minha primeira <u>imagem que tenho</u>                                             | Metáfora conceptual<br>IDEIAS SÃO IMAGENS                  |

Fonte: Elaborada pela autora.

Em suma, partimos de um tema geral, macro violência, que ao longo da interação foi se desdobrando em outros temas mais específicos, resultando em 18 tópicos discursivos e 08 grupos metafóricos. As etapas de análises não ocorreram de forma linear, mas num continuum de ir e vir, permitindo que os dados falem a cada olhar, em cada momento, permitindo uma maior emergência de dados e informações, assim como sentidos. Portanto, com um olhar mais atento, percebemos que a dinamicidade dessa etapa permitiu trazer à tona

informações ainda mais precisas, que nos ajudaram com a identificação das MetSis e, posteriormente, com as reflexões e as considerações, imprescindíveis para os resultados obtidos.

Além disso, buscamos, dessa forma, alcançar os objetivos, gerais e específicos, que se apresentam em consonância com as nossas questões de pesquisa.

## 5.2 A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CAUSADA PELA VULNERABILIDADE SOCIAL DOS JOVENS

Dentre os vários tópicos discursivos, a questão psicológica foi a primeira a ser abordada. O primeiro participante fala de violência relacionada à opressão. Inusitadamente, entre um tópico e outro, esse tópico ressurgiu ao longo da interação e foi evidenciando questões psicológicas, e problemas relacionados ao bem-estar e à autoestima dos jovens moradores da periferia. Logo, percebemos que ao tratarem do tema violência, vários participantes em vários momentos acionaram VMets em torno das questões psicológicas. Percebemos que houve uma saliência de VMets em torno das questões psicológicas, das emoções e de seus sentimentos, potencialmente ligados a função afetiva (Cameron, 2003; Cameron; Maslen, 2010). Essa ideia foi se desenvolvendo continuamente à medida que os VMets foram agrupados em domínios maiores semanticamente conectados.

excerto 01

Participante 1 - (P1)

- 01    violência...
- 02    pra mim violência na periferia,
- 03    vem a opressão que a gente sofre
- 04    por parte da polícia.
- 05    Por parte de pessoas até de,
- 06    Eu acho que podemos dizer,
- 07    Que tenha...
- 08    dinheiro a mais que a gente.

Para ilustrar o significado metafórico em um veículo, podemos observar que o VMet – opressão – passa a ser considerado metafórico na construção do discurso: a opressão "vem", "chega", "se materializa" nas ações da polícia, nas atitudes de pessoas. Como apontam Cameron e Maslen (2010), para identificarmos um veículo metafórico, precisamos identificar uma mudança de significado de uma palavra ou grupo de palavras no contexto. No excerto 1, vemos a opressão como “algo que chega”, que chega de diferentes origens “da polícia, de pessoas, de gente”. Esses VMets se conectam um ao outro, em cadeia, e refletem o estado emocional de quem fala, e do outro sob a sua perspectiva, indicando o próprio sofrimento e o sofrimento de outros que estão dentro da periferia.

excerto 02

Participante1 - (P1)

- 01        A gente sofre bastante isso aqui dentro da periferia,
- 02        E que pra mim eu acho que chega a ser...
- 03        Leva bastante pro lado da violência.
- 08        Por conta de que tipo é,
- 09        Eu sofro bastante isso,
- 10        Por conta de tatuagem,
- 11        Condições financeiras também,
- 12        Olhares,
- 13        Que pra mim isso é muito...
- 14        Opressor.
- 15        Por que eu me sinto muito abaixo,
- 16        Querendo ou não,

Observamos que ao falarem sobre violência, o uso dos VMets (aqui, dentro, chega, lado, por conta, olhares,) conectam violência a dois tipos de metáfora. A primeira metáfora de RECIPIENTE, que será explorada em uma outra seção, e a metáfora de MOVIMENTO. Percebemos que há algo que se movimenta para dentro da periferia, algo ligado ao comportamento social de agentes externos que não fazem parte da periferia, e que funcionam como instrumentos de agressão.

Portanto, identificamos como MetSis:

## A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CAUSADA PELA VULNERABILIDADE SOCIAL DOS JOVENS

Frame Metafórico

*A VIOLÊNCIA É TRAUMA.*

O agrupamento dos VMets em torno do tópico VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA vai configurar o estado emocional e psicológico de moradores causado por atitudes de outros que não fazem parte da periferia. Como dito anteriormente, esse tópico discursivo se estende ao longo da discussão e é retomado pelos participantes em outros momentos, configurando a trajetória discursiva através dos veículos metafóricos. Esse efeito nos remete a considerar que esse tópico delineia a existência do *frame A VIOLÊNCIA É TRAUMA*, como um *frame* peculiar aos participantes.

Percebemos que a dinamicidade de alguns VMets, como “vem”, e “chega” que emergem durante a interação parece exacerbar a sensação de medo e sofrimento, com a iminência da violência, o que também implica na sensação de *ameaça*. Portanto, como podemos identificar no excerto 2, os VMets usados pelo primeiro participante (P1), contribuíram para a identificação das seguintes MetSis.

*A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É SOFRIMENTO PSICOLÓGICO;*

*A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É CAUSA DE TRAUMAS PSICOLÓGICOS;*

Ressaltamos que essas metáforas foram construídas ao longo da interação, à medida que o tópico foi retomado em vários outros momentos, por vários participantes. Assim, fortalecendo a sistematicidade metafórica do grupo, como podemos ver na fala de outros participantes (P2) e (P3) nos excertos 03 e 04

excerto 03

Participante 4 (P4)

01 Falar do que eu sinto?...

03 Como... É.

04 Como eu sinto...

05 Como eu sinto...vontade de às vezes tirar a própria vida

06 Ou tirar a vida de gente,

excerto 04

Participante 3 (P3)

01 De primeira mão,  
 02 Falar do que eu sinto?..  
 03 Quando o ... me..  
 04 Me fez o convite.  
 05 Eu achei que eu fosse..  
 06 Honestamente,  
 07 Eu achei que eu fosse me sentir oprimido.  
 08 por conta de..  
 09 do ar de superioridade que haveria de vocês.

A partir dessas MetSis, constatamos que para perceber o significado metafórico dos veículos devemos não apenas estar atentos ao tópico discursivo, e ao uso das palavras e expressões, examinando o significado desses em contexto. Mas, principalmente, quando o tópico de uma metáfora não está claro, não é transparente no discurso; ou seja, nos casos em que uma metáfora pode entrar no fluxo do discurso sem ser explicitamente atribuída a um tópico (Cameron; Maslen, 2010).

Outro aspecto importante observado em nossa análise, refere-se ao deslocamento de VMets, isto é, se os VMets já identificados tiveram seus significados deslocados para um outro campo semântico, reaparecendo através do mesmo VMet, ou modificado, ou através de um dêitico. Essa mudança pode acontecer, como afirma Cameron e Maslen (2010), com o uso contínuo de um mesmo veículo dentro do mesmo tópico metafórico (desenvolvimento de veículos) ou quando o veículo reaparece em outro tópico metafórico (redistribuição de veículo). Tomemos como exemplo o VMet “opressão” na linha 3 do excerto 1 que reaparece na linha 01 do excerto 2 “isso”, e, portanto, também foi considerado como um VMet. Note que no excerto 3, esse VMet reaparece como “oprimido”.

As análises visam demonstrar como os jovens da periferia de Fortaleza conceptualizam o fenômeno da violência. Como parte de um discurso construído de forma colaborativa por seis jovens moradores da periferia, cada metáfora foi construída observando a trajetória desenhada pela emergência dos veículos. Nesse sentido, o quadro 4 fornece

informações relevantes sobre a metáfora sistemática em termos de trechos, participantes, tópicos de discurso, veículos de metáfora e mudanças metafóricas que ela engloba.

Quadro 4 – MetSis 1

| MetSis                                                                                          |               |                       |                                                                       |                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|-----------------------|-----------------------------------------------------------------------|------------------|
| A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CAUSADA PELA VULNERABILIDADE SOCIAL DOS JOVENS |               |                       |                                                                       |                  |
| Excertos                                                                                        | Participantes | Tópico discursivo     | Veículo metafórico                                                    | Grupo Metafórico |
| 01                                                                                              | P1            | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA | opressão,<br>sofre,<br>por parte,<br>vem a opressão                   | SUFOCAMENTO      |
| 02                                                                                              | P2            | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA | sofro,<br>olhares,<br>opressor,<br>lado,<br>abaixo<br>aqui,<br>chega, | SUFOCAMENTO      |
| 03                                                                                              | P3            | VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA | Sinto,<br>Tirar a vida,<br>sentir,<br>oprimido                        | SUFOCAMENTO      |

Fonte: Elaborada pela autora.

Segundo Cameron e Maslen (2010), os veículos metafóricos estão sujeitos às seguintes mudanças metafóricas: repetição, relexicalização, explicação e contraste, durante o fluxo do discurso. Essas trajetórias, traços dos VMets, são fundamentais para a identificação das MetSists cujo objetivo reside em revelar como os participantes pensam e sentem sobre um determinado assunto. Outro ponto importante a ser considerado, parte da ideia de que os VMets

só podem ser identificados no uso, ou seja, uma palavra isolada não tem potencial metafórico se não fizer parte da interação, mesmo que pertença ao mesmo campo semântico. A esse respeito, destacamos os o VMet “inferior”, “me sinto muito abaixo”, e “eu sou ou não” que remetem ao esquema imagético VERTICALIDADE (UP-DOWN) e a Metáfora Conceptual STATUS SOCIAL É ALTURA. Esses VMets também aparecem nas falas de P2 e P3, nos excertos 2 e 3.

Contudo, para uma análise interacional, no uso, percebemos que o desenvolvimento desses VMets se conecta a trajetória discursiva VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA. Esse agrupamento desses VMets, que remetem as percepções corpóreas, e experiência de sentir-se para baixo, sentir-se inferior. Esse agrupamento, provavelmente, está ligado a questões de autoestima, e possíveis traumas psicológicos. Tais consequências podem ser reproduzidas e banalizadas por serem consideradas como algo comum ou aceitável pelos jovens que moram na periferia, como sugere sutilmente “a gente sofre muito isso aqui na periferia”. Há na fala desses jovens uma suposta normalidade para o fenômeno da violência que não deveria existir, e que nos chama a atenção para a questão de saúde pública, e o bem-estar da população.

### 5.3 A VIOLÊNCIA É UM MOVIMENTO, UM GESTO, OU UM OLHAR MOTIVADO POR UM JULGAMENTO NEGATIVO OU POR PRECONCEITO.

Identificamos alguns veículos que podem ser considerados como instrumentos de violência. OLHARES SÃO ARMAS, pois a vítima é atingida “pelos olhares das pessoas, pelo comportamento delas”. Outra forma de compreender o sentido subjacente desses VMets é dado pelo agrupamento em JULGAMENTOS, resultando em OLHARES SÃO JULGAMENTOS, REPROVAÇÕES. Os olhares são atitudes extremamente violentas e negativas. Não se trata da descrição de um movimento físico, de uma atitude vazia de significado, mas de uma atitude carregada de posicionamentos e preconceitos.

Dessa forma, inferimos:

GESTOS E MOVIMENTOS SÃO AGRESSÕES.

MetSist:

A VIOLÊNCIA É UM MOVIMENTO, UM GESTO, OU UM OLHAR MOTIVADO POR UM JULGAMENTO NEGATIVO OU POR UM PRECONCEITO.

### Frame Metafórico

#### A VIOLÊNCIA É PRECONCEITO.

Nesse percurso, percebemos que as questões em torno da sensação de inferioridade deixam de ser apenas ideias abstratas, mas conectam o estado emocional e o físico do próprio corpo. Essa questão pode ser bem mais explicada se considerarmos que movimentos corporais ou expressões corporais também podem ser percebidas como agressão. Ou seja, uma atitude generalizada da sociedade como “olhares” reflete um padrão preconceituoso, racista e violento, de julgamento social, assumindo a função de agressores que ameaçam quem vive na periferia.

Ressaltamos que ao conceptualizar a violência, os participantes vão construir uma ideia de periferia a partir de como eles se sentem retratados pela sociedade. Durante a interação, há um fluxo discursivo que surge com o tópico da violência, desencadeia a questão psicológica, e que passa a evocar conceptualizações incongruentes de PERIFERIA, como a metáfora de RECIPIENTE. Para esclarecimento, “o que está dentro”, “o que está fora”, “o que vem de fora”, “entrar”, etc. são VMets que ocorreram ao longo da interação foram agrupados em RECIPIENTE.

Tomemos como exemplo o excerto 02, “a gente sofre bastante isso aqui dentro da periferia”. Nesse trecho, percebemos a orientação espacial da essência física de um corpo em um universo. Essa consciência torna-se ponto de referência para o discurso. Pois, ao longo da interação, não é o bairro, nem o nome do bairro: Serrinha, que se destaca. Mas, estar DENTRO e FORA, que nos remete a PERIFERIA É UM RECIPIENTE.

Disso, consideramos que PERIFERIA é um RECIPIENTE que pode ser PERCEBIDO a partir de movimentos, de FORA para DENTRO, ou o inverso. Contudo, a incongruência de PERIFERIA não está no ponto de partida, está no frame metafórico do sujeito, digo, do participante da interação. Nesse sentido, o recipiente ativa percepções positivas ou negativas a partir da substância que o preenche.

De modo geral, ao longo da interação, construiu-se ideias antagônicas sobre a periferia. No excerto 03, vemos uma noção negativa e depreciativa como desabafo:

#### Excerto 05

##### Participante 2 - (P4)

- 01 Se eu entrar ali vão me assaltar,
- 02 Vão me matar,



- 03 Me matar.  
 04 Vão me sequestrar.  
 05 Porque eles pensam que ali todo mundo.  
 06 Ninguém presta,  
 07 Que é tudo igual.  
 08 a segurança que a gente tem aqui fora.  
 09 Mas no território que a gente vive,  
 10 Tem a questão da violência policial,  
 11 E tem a questão da violência das facções,  
 12 Isso é fato.

Retomando a ideia de RECIPIENTE, o participante P4 usa palavras que cooperam para as análises dos dados, permitindo inferir que os participantes consideram que DENTRO É RUIM, DENTRO É PERIGOSO. Mas, estar fora do recipiente (periferia), e dentro de outro recipiente (universidade) pode implicar em estar seguro. Contudo essa é uma percepção do participante em relação a outros que não fazem parte da periferia. Essa metáfora significa que a questão de se sentir inseguro, por adentrar a favela seria não do morador, mas, reflete sua concepção (o participante) sobre a ideia de perigo que muitos têm quanto a entrar numa favela.

A metáfora do RECIPIENTE continuou em evidência ao longo da interação, sendo reforçada por outros participantes que continuamente ativaram VMets pertencentes a esse tópico ou grupo metafórico.

MetSis

ENTRAR É SE COLOCAR EM PERIGO.

ESTAR FORA É ESTAR SEGURO,

Em face a discussão sobre violência, emerge a conceptualização da universidade, a partir da experiência que eles vivenciam dentro da universidade. Nesse caso identificamos SEGURANÇA É LUGAR, pois os lugares descritos, como a universidade, favorecem a sensação de proteção. Habita-se a segurança, abandona-se a segurança. Ao mesmo tempo, UNIVERSIDADE É UM RECURSO que se pode ter acesso.

## Excerto 06

## Participante 4 – (P4)

- 01            Tem espaços que você se sente mais seguro.  
02            Como por exemplo,  
03            Dentro da universidade,  
04            Há um tipo de segurança diferenciado.  
05            Né? Nessa instituição. ´

Ao observarmos o trecho acima, identificamos que os espaços físicos explícitos pelos participantes se relacionam com suas percepções e seus sentimentos: “*Tem espaços que você se sente mais seguro*”, “*dentro da universidade*”, “*há um tipo de segurança diferenciado*”, “*a segurança que a gente tem aqui fora*.” Além das emoções, percebemos que eles conhecem bem a realidade, uma realidade periférica, e assim, a expõem com propriedade. Porque ao construir o seu discurso, ao mesmo tempo, reconstroem suas vivências, e se posicionam criticamente, ao se colocarem metaforicamente em um espaço, recipiente. Percebemos a ligação entre a sensação de pertencimento dos participantes, e a percepção de espaço construída em suas falas, através da metáfora.

Em síntese, podemos observar que o fluxo da interação, apesar de ter se afunilado para outras questões, mantém alerta a subjetividade das questões psicológicas já evidenciadas anteriormente. Assim, reverberamos a ideia de que estar “dentro da periferia” pode ser visto, também como uma autoexplicação, uma possível justificativa inconsciente, para os seus próprios sofrimentos, traumas, e baixa estima. Isso parece, de certa forma, ofuscar as causas e as consequências da violência e do sofrimento sofrido, chamando a atenção para a normalidade do fato de que os “periféricos” são marginalizados. Por outro lado, percebemos que eles possuem uma consciência plena da dualidade imposta pela sociedade, que pode ser projetada para uma concepção revolucionária de periferia.

#### 5.4 A BRUTALIDADE POLICIAL DENTRO DA PERIFERIA É GRATUITA, INJUSTA E CRUEL

Enquanto as análises reforçam a violência psicológica, o fluxo da interação vai se conectando a outros tópicos discursivos. Assim, os participantes começam a expor suas preocupações em torno da brutalidade policial, como observamos no excerto a seguir:

Excerto 07

Participante 1 (P1)

- 01           Que quem deveria me dar minha proteção.
- 02           Me dá minha opressão.
- 03           Coisas que não deveriam acontecer, né?
- 04           Sendo que eles estão aqui
- 05           pra proteger a gente,

É nesse ponto que o participante expõe esse tipo de violência, VIOLÊNCIA POLICIAL, fazendo um trocadilho: “dar minha proteção”, “dá minha opressão”, e reforçando a denúncia da violência através da ironia: “sendo que eles estão aqui para proteger a gente”. Ressaltamos, que os VMets têm a sua figuratividade acentuada através da ironia, que é um recurso muito utilizado durante toda interação. Além disso, observamos que a opressão aparece como consequência da violência policial, inferindo sobre o impacto da violência na vida das pessoas que moram na periferia. Em vez de receberem proteção, como seria esperado dos agentes da lei, são subjugadas e violentadas. Essa opressão se manifesta na negação da cidadania e na violação dos direitos fundamentais.

Excerto 08

Participante 1 (P1)

- 01           Ou se
- 03           uma pessoa tem uma condição financeira,
- 03           Melhor que a minha,
- 04           Ela não poderia tá ...
- 05           passando isso na minha cara,
- 06           Poderia tá de alguma forma

07 me ajudando  
 08 não me dando a condição financeira dela,  
 09 mas me dando um apoio  
 10 ou uma conversa  
 11 como ela conseguiu chegar até aquele.  
 12 patamar,

Percebemos então que a BRUTALIDADE POLICIAL se desencadeia em várias narrativas. Contudo, há uma “quebra” no fluxo do discurso quando o participante retoma, abruptamente, o primeiro tópico discursivo (Violência Psicológica). Dessa forma, retoma essa questão, ao usar a expressão “*passando isso na minha cara*”, expressão que é usada comumente na forma de “esfregar isso na cara”. Esse VMet permite a conceptualização de HUMILHAR É ESFREGAR, e nos leva a entender a presença de narrativas subjacentes ao discurso. Dessa forma, percebemos que há nesse momento da interação uma história, ou até várias histórias, às quais os participantes não querem compartilhar, possivelmente por se tratar de situações de constrangimento, e de exposição de faces. Mesmo assim, percebemos a atmosfera amigável da interação, à medida que eles expõem seus pensamentos e opiniões.

Sobre o tópico discursivo da violência policial são as ações e atitudes descritas que nos chamam a atenção: “*coisas que não devem acontecer*”, mas acontecem. Importante mencionar, que esse VMet parece desencadear várias narrativas ao longo da interação, com a sequência de outros VMets: “*quem deveria me proteger*”, “*quem deveria me dar proteção, me dá a opressão*”. Observamos que o uso de ironia durante a interação passa a ser um instrumento de persuasão, influenciando o discurso dos outros participantes, provocando sensações, reações, percepções, que por sua vez influenciam o fluxo da interação. Além disso, a ironia provoca a possibilidade de um pensar crítico sobre as especificidades da violência na periferia.

Esses recursos ativam *frames* metafóricos que geram novos discursos, promovendo a consciência crítica sobre as particularidades das ações policiais, e a contradição entre o papel da polícia como entidade de proteção e a realidade da opressão vivenciada por algumas partes da população. Essa inversão de valores, onde a violência se torna o recurso prioritário, evidencia a falha do sistema em proteger os cidadãos e garantir seus direitos.

## Excerto 09

## Participante 5 (P5)

- 01 no nosso território
- 02 a violência está intimamente relacionada
- 03 com a violência policial,
- 04 Certo?
- 05 vítimas da polícia naquele espaço.

Observamos que nos excertos 09 e 10 “*vítimas da polícia naquele espaço*”, “*Eu mesmo já sofri violência policial*” aparecem como indexadores de narrativas, histórias construídas nesse momento da interação. Os VMets apontam sucintamente para acontecimentos que poderiam desencadear em narrativas, reforçando o tópico através da descrição de fatos. Mas, a percepção de que há mais histórias a serem compartilhadas, parte também do ponto de vista de todos que participam da interação, dos que observam, dos que conhecem os fatos, e daqueles que também sofreram algum tipo de agressão.

Observe que ao considerarmos “vítima” como pessoa ferida, violentada, torturada, assassinada ou executada por outra, temos a possibilidade de acionar histórias reais que poderão vir à tona no momento da interação. Parece óbvio, que não se trata de uma vítima apenas, não seria apenas mais um caso, ou mais uma história. Além disso, a ideia de vítima remete automaticamente a ideia de “culpa” ou “culpado”. Se há uma vítima, há um agressor. Nesse caso, a polícia aparece como agressor, ou como agressores. Logo, podemos ver que esse trecho, especificamente, reforça a discussão em torno da brutalidade policial. É então, que esse tipo de violência se torna ainda mais concreta, como podemos observar no excerto 09:

## Excerto 10

## Participante 6 (P6)

- 01 Eu mesmo já sofri violência policial
- 02 na praça...
- 03 e...
- 04 e fui algemado...
- 05 fui levado

01 fui levado dentro do veículo,  
 02 como um criminoso, para a delegacia”

E quando nos damos conta disso, percebemos que à medida que emerge mais uma história genérica, a coletividade toma o lugar da individualidade, pois se trata “*do nosso território*”. Porém, as percepções do grupo e de seus indivíduos não podem diferir completamente entre si, pois algumas metáforas e sentidos implicam em uma preocupação generalizada de como eles são vistos pela sociedade, uma vez que em seus discursos eles separam “o trigo do joio”, os que fazem e os que não fazem parte da periferia.

Excerto 11

Participante 4 (P4)

01 Estava indo ao aeroporto praticar esporte,  
 02 E na volta da minha casa,  
 03 Fui abordado...  
 04 É...  
 05 Por um policial de plantão,  
 06 E tinha uns policiais...  
 07 Da civil,  
 08 Minha mãe - me - se aproximou,  
 09 Ela foi recebida com fuzil no rosto,

Sobre esse excerto, em primeiro lugar, percebemos mais um *frame*<sup>22</sup>: a interação entre a polícia e um jovem cidadão. A situação descrita revela a iminência de atitudes hostis por parte da polícia. E os VMets remetem a uma percepção negativa, à projeção de um evento desagradável, e a uma sensação tensionada.

Em segundo lugar, encontramos “fuzil no rosto”, que *a priori* nos parece essencialmente literal, pois retrata um acontecimento que de fato aconteceu. Porém, ao considerarmos a metáfora primária INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA, percebemos que há uma incongruência de sentidos, pois nesse contexto, proximidade não é intimidade. Ao

---

<sup>22</sup> Segundo Duque (2015, p.33), “o *frame* interacional cobre a conceptualização de uma situação factual de comunicação entre o falante e o ouvite”.

contrário, PROXIMIDADE É INTIMIDAÇÃO, e a percepção que se evoca é de desrespeito, intimidação e desprezo pelo próximo.

#### Excerto 12

##### Participante 4 (P4)

- 01 E...
- 02 Eu falo mesmo.
- 03 Tem gente que eles não permitem falar,
- 04 Já chegam mesmo batendo,
- 05 Batendo,
- 06 Batendo,
- 07 E só depois percebem,
- 08 Que a pessoa realmente é um cidadão,
- 09 É trabalhador,
- 10 É outro cidadão comum,
- 11 Que eles deveriam tá dando a proteção,
- 12 E estão dando a opressão.

Ressaltamos que o cerne da questão é apontado pelas metonímias, que revelam formas inadequadas de abordagem policial aos cidadãos, abuso de poder, e julgamento pelas aparências. Assim, em nossas análises identificamos as seguintes Metonímias Sistemáticas<sup>23</sup>.

O FUZIL APONTADO PARA O ROSTO É INTIMIDAÇÃO;  
AGRESSÃO FÍSICA É ABORDAGEM.

Os excertos 09, 10, 11 e 12 são bastante representativos do frame VIOLÊNCIA POLICIAL. Os VMets “*recebida com fuzil apontado para o rosto*” e “*Eles chegaram batendo*” que se agrupam em ATITUDES, que foram identificados durante o fluxo interacional cujo tópico discursivo predominante era a brutalidade policial. Analisando o contexto, percebemos a presença de elementos que descrevem a violência física, implicando força e movimento; mas, sobretudo, os VMets sugerem um evento cuja violência psicológica pode ser muito mais

---

<sup>23</sup> Ressaltamos que a identificação de Metonímias Sistemáticas não estava em nossos objetivos, mas mesmo assim, foram evidenciadas durante as análises.

agressiva do que as próprias ações descritas, e, portanto, trazer consequências imensuráveis na vida das pessoas envolvidas.

Ainda sobre o excerto 12, tomamos como VMets, “cidadão” e “outro cidadão comum”, que carregam uma metaforicidade através da ironia. Pois compreendemos que cidadão é todo aquele que tem o direito legal de pertencer a um país. Contudo, quando o participante usa “a pessoa é um cidadão”, ele quer dizer que para alguém da periferia ser um cidadão tem que provar que para a polícia que não é bandido, que não está envolvido com crimes, ou drogas. Ser cidadão é ter provas, mostrar documentos, e se tiver oportunidade provar com argumentos que é um trabalhador. Sabemos que todos são iguais perante a lei. Mas o *corpus* analisado aponta para a ironia “*que a pessoa realmente é um cidadão*”. Assim, a ironia implica em um significado e um entendimento controverso do item lexical.

Além disso, quando o participante afirma que “*chegam batendo*” e só depois percebem “*que a pessoa realmente é um cidadão*”, ele parece trazer à tona uma possível justificativa para a violência que os jovens da periferia sofrem e estão expostos. Apesar de injustificável, a brutalidade policial traz consequências de vários tipos, mas principalmente se acentuam os efeitos psicológicos. Isso nos remete a intrínseca relação entre os dois tópicos VIOLÊNCIA POLICIAL E VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, e seus VMets, reforçando a MSist VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É SOFRIMENTO PSICOLÓGICO, já mencionada anteriormente, e trazendo evidências de discriminação e brutalidade policial na periferia, revelando que algumas pessoas são agredidas sem qualquer justificativa, apenas por serem consideradas suspeitas, por estarem naquele espaço, ou por fazerem parte desse espaço.

A partir das falas dos participantes, entendemos que a violência na periferia é perpetrada por aqueles que deveriam proteger os cidadãos, mas, em vez disso, os oprimem. O participante enfatiza que todos são cidadãos e trabalhadores, e, portanto, merecedores de respeito e proteção. Contudo, o que se vê é mais uma narrativa de violência reforçada através da repetição “batendo”, que enfatiza a agressividade e a intensidade da violência empregada, sem qualquer justificativa prévia.

Em seu discurso, a brutalidade policial é denunciada como um ato injusto e cruel, que viola os direitos fundamentais dos moradores da periferia e ao mesmo tempo é um instrumento responsável por danos psicológicos e morais. O excerto abaixo ratifica esse pensamento através dos VMets, dos grupos e das MSist que se constroem, como veremos a seguir.



Quadro 5 – MetSis 3

| MetSis                                                                 |               |                    |                                                                                                               |                                         |
|------------------------------------------------------------------------|---------------|--------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| A BRUTALIDADE POLICIAL DENTRO DA PERIFERIA É GRATUITA, INJUSTA E CRUEL |               |                    |                                                                                                               |                                         |
| Excertos                                                               | Participantes | Tópico discursivo  | Veículo metafórico                                                                                            | Grupo Metafórico                        |
| 01                                                                     | P1            | VIOLÊNCIA POLICIAL | <i>Dentro passando isso na minha cara me dando opressão, chegar</i>                                           | RECIPIENTE<br>ATITUDE<br>COMPORTAMENTO  |
| 10                                                                     | P6            | VIOLÊNCIA POLICIAL | Sofri,<br>Como um criminoso<br>Intimamente,                                                                   | SUFOCAMENTO<br>ATITUDE<br>COMPORTAMENTO |
| 11<br>12<br>13                                                         | P4            | VIOLÊNCIA POLICIAL | abordado,<br>Chegam, Batendo,<br>chegam batendo,<br>por causa das tatuagens, por causa da situação financeira | SUFOCAMENTO<br>ATITUDE<br>COMPORTAMENTO |

## Excerto 13

## Participante 01 (P1)

- 01        sofremos muito isso aqui na periferia.  
 02        por causa das tatuagens,  
 03        da situação financeira também.

Observa-se a partir do excerto 09, a acentuação da brutalidade policial e a discriminação sofrida pelos periféricos. Embora haja justificativas, percebemos que a disparidade delas indica que esses elementos são recursos de ironia. Já no excerto 12, a violência é atribuída à aparência (tatuagens) e a as condições sociais (situação financeira), o que pela lei não se justifica.

Nesse cenário identificamos que os VMets nos remetem aos seguintes significados metafóricos:

TATUAGENS SÃO AMEAÇAS.

MetSis:

A BRUTALIDADE POLICIAL É GRATUITA, INJUSTA E CRUEL.

Frame metafórico:

APARÊNCIA É IDENTIDADE.

Ou seja, os periféricos são agredidos sem qualquer justificativa, apenas por serem considerados suspeitos. Assim, essa violência é perpetrada por aqueles que deveriam proteger os cidadãos, pois todos são merecedores de respeito e proteção, mas, em vez disso, os oprimem. Há, portanto, uma inversão de valores, quando a violência precede o reconhecimento social do periférico, o que torna a ação policial arbitrária e preconceituosa. Além disso, observamos que a ação policial, em vez de ser motivada pela busca da justiça e da segurança, se baseia em preconceitos e na aplicação arbitrária da força.

Em resumo, nossas análises chamam a atenção para um cenário preocupante onde a violência policial se torna um ato impulsivo e desmedido, que antecede qualquer tentativa de reconhecimento da cidadania ou dos direitos da pessoa. Essa lógica perversa coloca em xeque a função da polícia e aprofunda o abismo entre as forças de segurança e a periferia, pois, revelam suas preocupações sobre a responsabilidade da segurança pública, e ativam o poder crítico sobre a temática. Como na indagação irônica “quem deveria dar minha proteção?”. Se a

segurança pública não está fazendo o seu trabalho, quem estaria fazendo isso dentro da periferia?

Esses entendimentos são conceptualizações que provavelmente podem ativar percepções individuais. Porém, as percepções do grupo e de seus indivíduos podem não diferir completamente entre si, pois algumas metáforas implicam em uma preocupação generalizada de como eles são vistos pela sociedade, pela aparência, pelas tatuagens. Ao mesmo tempo que eles exprimem suas percepções de como o outro os vê e ou julgam, também estão deixando marcas de como eles se percebem.

## 5.6 Violência econômica e gentrificação

A conceptualização de violência pelos jovens moradores da periferia de Fortaleza emerge como um emaranhado de metáforas, expandindo o significado para além de experiências, comportamentos, e atitudes violentas, como as descritas na seção anterior. Mais uma vez, muda-se o fluxo da interação.

Observamos que além dos problemas e dos tipos de violência já tratados, os participantes direcionaram o discurso para tratar de dificuldades e problemas enfrentados no dia a dia da periferia. Surpreendentemente, a interação verbal foi muito além dos aspectos relacionados à violência física e psicológica, e passou a incluir a questão econômica como um sofrimento coletivo, ao direcionar a fala para um tipo de VIOLÊNCIA ECONÔMICA.

Ressaltamos que nos primeiros momentos da interação, como já descrevemos em seções anteriores, os VMets já davam pistas de que muito da violência sofrida estava relacionada à questão econômica, como em, *“pra mim violência na periferia”*, *“vem”*, *“dinheiro a mais que a gente”*, embora nesse ponto tivéssemos dado mais atenção sobre a questão psicológica. Porém o fluxo da interação acabou por trazer à tona questões do cotidiano e precariedade sofrida.

Assim, a VIOLÊNCIA ECONÔMICA foi se delineando à medida que os participantes adicionavam detalhes sobre outros aspectos da vida na periferia, expandindo as suas preocupações para questões sociais e coletivas. Esse fluxo, permitiu compreender que um frame social pode emergir espontaneamente durante a interação, e consequentemente abrir espaço para metáforas que podem revelar sobre como os participantes lidam com diferentes esferas, sociais, econômicas e demográficas.

No excerto 14, podemos ver o uso literal de “violência financeira” que irá se estabilizar com o uso de VMets:

Excerto 14 –  
Participante 02

- 01 O que é realmente mais frequente na comunidade?
- 02 O principal, certo?
- 03 Violência financeira
- 04 Se você não tem...
- 05 Como sustentar,
- 06 E manter sua família
- 07 Você...
- 08 faz de tudo para fazer...
- 09 para conseguir dinheiro.

Observamos que os VMets, como “sustentar”, “manter”, “afetados”, entre outros, implicam na necessidade de FORÇA em busca de EQUILÍBRIO. Contudo, uma situação desigual. Esses VMets implicam em ações essenciais para a sobrevivência.

Mas ao examinarmos todo esse excerto, percebemos que em “faz de tudo...” há um significado que implica em meios ilícitos para conseguir dinheiro, que vai ser explícito em outro momento da interação. Assim, dizemos, quase por obviedade, que o sofrimento causado aos jovens da periferia está diretamente relacionado à falta de dinheiro, falta de oportunidades de trabalho e falta de oportunidades de melhorar de vida. Contudo, se não tratamos do óbvio, deixamos que a realidade seja banalizada enquanto os próprios sujeitos reclamam pela necessidade de transformação.

A violência emerge explicitamente relacionada a situação econômica dos participantes, como podemos observar:

Excerto 15 –  
Participante 2 (P2)

- 01 Precisamos focar na violência financeira.
- 02 Por que alguns lugares são afetados?
- 03 Por não ter...
- 04 alternativas?
- 05 ou não ter a política de distribuição de renda,

- 06            para este território?  
 07            ou violência política

Os lugares aparecem aqui como vítimas da violência, “*são afetados*”, “*não ter*”, “*não tem*”. Identificamos VIOLÊNCIA É ESCASSEZ. A periferia sofre agressão do estado, que agride quando não age politicamente em favor dos pobres. Dessa forma, a violência faz mais vítimas. Além disso, a VIOLÊNCIA ECONÔMICA aparece no discurso de jovens em relação à metáfora de GUERRA. E se relaciona com a GENTRIFICAÇÃO, como no excerto 15:

Excerto 15-

Participante 3 – (P3)

- 01            pessoas que vivem na periferia não podem consumir,  
 02            lugares sofisticados são para consumidores,

Em suas falas, os participantes mencionam desenvolvimentos que chegam na periferia, mas não compreendem esses desenvolvimentos como um benefício direto para a comunidade. Além disso, se mostram críticos e reflexivos diante dos “investimentos”, “da sofisticação”, que chegam na periferia. Se mostram descrentes e ansiosos diante do crescimento e desenvolvimento que chegam, e das consequências que chegam juntos.

Excerto 16 –

Participante 3 (P3)

- 01            As pessoas podem ser expulsas,  
 02            Hein? da sua casa.  
 03            um bairro ficando mais sofisticado,  
 04            Hein?  
 05            Isso...  
 06            Faz as pessoas serem... despejadas,

O fluxo da interação desencadeia no tópico GENTRIFICAÇÃO. A gentrificação da periferia é a realidade. Os participantes mencionam o crescimento econômico e demográfico

da periferia da Serrinha e a expansão do aeroporto de Fortaleza. Mas, demonstram as suas preocupações, e expõem o lado negativo desses investimentos:

Excerto 17

Participante 3 (P3)

- 01        01essa chegada de investimentos, né?
- 02        que também chega de uma forma que...
- 03        pode ser ruim para mais moradores da antiguidade, né?
- 04        Uma pessoa de uma comunidade
- 05        Correndo risco de ser removido,
- 06        Porque as casas não têm documentação,
- 07        Correndo risco de...
- 08        porque aqui o bairro da Serrinha é....
- 09        imenso, né?

A respeito da gentrificação, entendemos que em nenhum momento os participantes usaram o termo gentrificação, mas esse desenvolvimento e progresso que chega na Serrinha, e principalmente nos bairros vizinhos, evidenciam esse fenômeno em suas vidas. Além disso, eles expõem as suas preocupações diante desse fenômeno, expressam seus medos, e se mostram ansiosos ao tratarem da Serrinha e da questão da moradia. Tomemos como exemplo o seguinte VMet: *“a casa não tem documentação”*. Compreendemos que os moradores reconhecem que podem ter um teto, mas que não lhes é assegurado. Das suas falas, infere-se o medo imposto diante das questões legais, como escrituras, direito de posse, pagamentos de impostos etc.

## 5.7 A UNIVERSIDADE É UMA VIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA, UM CAMINHO PARA MUDANÇA NA VIDA DE JOVENS PERIFÉRICOS

A metáfora sistemática A UNIVERSIDADE É UMA VIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA, UM CAMINHO PARA MUDANÇA NA VIDA DE JOVENS PERIFÉRICOS surge a partir de dois tópicos discursivos: universidade e solução. Ao longo da interação os veículos metafóricos como *“via, saída, dentro, caminho, avançando”*

emergem ao passo que os participantes ao discutir sobre violência eles passam a descrever soluções.

#### Excerto 18

Participante 1 (P1)

- |    |                                              |
|----|----------------------------------------------|
| 01 | Nós temos bastante dificuldade em existir... |
| 02 | Em alguns espaços.                           |
| 03 | Porque eu como jovem favelado preto,         |
| 04 | Vejo a...                                    |
| 05 | Instituição UECE como uma via,               |
| 06 | Uma saída,                                   |
| 07 | Enfim.                                       |
| 08 | Mas,                                         |
| 09 | Até mesmo dentro da instituição,             |
| 10 | Mesmo.. é...                                 |
| 11 | Nesse espaço que vejo como via,              |
| 12 | Eu também sofri violência.                   |

No excerto 18, a universidade é representada como um *caminho* a seguir, típico da metáfora de A VIDA É UMA VIAGEM. Percebemos que os participantes conectam a metáfora CAMINHO através da ideia de soluções para o enfrentamento a violência. Nessa estrada que eles percorrem, há um movimento para frente, “a gente vai avançando” que pode ser traduzido como progresso. Além disso, consideramos que entre os espaços, e percorrendo as vias, os viajantes (periféricos) exploram esse caminho (a universidade) que também pode ser compreendido como destino para o acesso à universidade há uma distância a ser percorrida, metafórica e literal.

De qualquer forma, não há dúvidas, de que os participantes conceptualizam a universidade como um destino possível. Essa ideia pode ser vista em outros excertos, à medida que outros participantes foram acrescentando suas ideias e expandindo essa discussão.

Como no excerto 19, a seguir:

## Excerto 19

(Participante 6)

- 01           A gente vai avançando.
- 02           Mudar uma sociedade,
- 03           É algo bem mais...
- 04           Distante.
- 05           É a longo prazo,
- 06           Né?
- 07           Mas mudar nossa realidade,
- 08           É algo que está..
- 09           Mais próximo da gente.
- 10           Mudar a realidade da
- 11           a organização mesmo.
- 12           O básico.

Além da universidade, os participantes falam de outras vias, acrescentando outros espaços, enfatizando as organizações e os movimentos que chegam à periferia e que fazem a diferença na vida dos moradores. Tais vias se interseccionam em direção na busca por saídas e destinos. E nesse percurso, os participantes exploram as possibilidades.

Nesse momento da interação, percebe-se a consciência crítica dos jovens sobre os problemas sociais: "*Só se supera por meio da organização*", "*A organização comunitária torna essas coisas possíveis*", como no excerto a seguir:

## Excerto 19

Participante 5 (P5)

- 01           E aí o que.. ameniza, né?
- 02           Esse.. esse terror,
- 03           São as resistências.
- 04           São os movimentos,
- 05           São os espaços,
- 06           Como a AMORBASE,
- 07           Como a escola Giuliana Galli, Né?



08        Como as parcerias que estão sendo feitas,  
 09        Na universidade,  
 10        As resistências,  
 11        É... o ingresso, né?  
 12        E a gente,  
 13        Só consegue superar isso,  
 14        Através da organização, Né?  
 15        Eu não vejo...  
 16        Assim..  
 17        Outro..  
 18        Outro espaço, (inaudível) dos moradores,  
 19        Como a AMORBASE.  
 20        Que é um espaço...  
 21        Muito histórico,

Confrontando a maioria das emergências e conceptualizações cognitivas e discursivas expostas até aqui, podemos dizer que os participantes contribuem agora para dar sua feição ao que chamamos de interação. Digo isso porque o discurso que se delineia agora é bastante diferente daquele apresentado no início e no meio das nossas análises. Nessa perspectiva, acrescentamos que os participantes se expressam sobre a verdadeira relevância da PERIFERIA. Eles interagem a partir de então, da experiência vivida que se constitui como arsenal da paz: o serviço comunitário, os movimentos, os espaços públicos e as associações de moradores, as instituições educacionais, como a UECE.

A partir das análises até aqui expostas, podemos ver como as metáforas sistemáticas foram construídas durante o fluxo da interação, de forma parte forma colaborativa, à medida que percebemos a trajetória dos VMets. O quadro 6 fornece informações relevantes sobre a metáfora em termos de trechos, participantes, tópicos de discurso, veículos de metáfora e mudanças metafóricas que ela engloba.

Quadro 6 – MetSis 3

| MetSis                                                                                                                            |               |                                                  |                                                                                                                    |                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|--------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
| A UNIVERSIDADE É UMA VIA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA;<br>A UNIVERSIDADE É UM CAMINHO PARA MUDANÇA NA VIDA DE JOVENS PERIFÉRICOS |               |                                                  |                                                                                                                    |                      |
| Excertos                                                                                                                          | Participantes | Tópico discursivo                                | Veículo metafórico                                                                                                 | Grupo Metafórico     |
| 01                                                                                                                                | P1            | ENFRENTAMENTO<br>DA VIOLÊNCIA<br>RESISTÊNCIA     | Fortalecer,<br>Avançar,<br>Caminho<br>ir<br>Avançando,<br>chegando                                                 | CAMINHO<br>MOVIMENTO |
| 10                                                                                                                                | P5            | ENFRENTAMENTO<br>DA VIOLÊNCIA<br><br>RESISTÊNCIA | Ameniza,<br>Movimentos,<br>Espaços,<br>Resistências<br>Ingresso,<br>Organização,<br>Outro espaço                   | CAMINHO<br>MOVIMENTO |
| 11<br>12<br>13                                                                                                                    | P6            | ENFRENTAMENTO<br>DA VIOLÊNCIA<br><br>RESISTÊNCIA | vai avançando.<br>Mudar<br>uma sociedade,<br>Distante. longo<br>prazo, próximo<br>da gente.Mudar<br>a realidade da | CAMINHO<br>MOVIMENTO |

Nesse contexto, apontamos a seguinte MetSis:

A UNIVERSIDADE É UMA VIA DE ENFRETEAMENTO DA VIOLÊNCIA;  
A UNIVERSIDADE É UM CAMINHO PARA MUDANÇA NA VIDA DE  
JOVENS PERIFÉRICOS

Metáfora Conceptual:  
ORGANIZAÇÕES SÃO SOLUÇÕES.

Frame Metafórico:  
A UNIVERSIDADE É O CAMINHO

Apesar do potencial humano e das organizações que insistem em fazer o “inédito viável”, a violência econômica, a violência do abandono, a brutalidade policial, a violência das facções, a atratividade para o crime e para as drogas é um inimigo desigual, com fortes aliados: a violência econômica, a escassez, a gentrificação, as drogas. Contudo, durante a interação ocorre uma mudança de frame:

Excerto 20

Participante 6 (P6)

- |    |                                            |
|----|--------------------------------------------|
| 01 | Porque...                                  |
| 02 | Na favela,                                 |
| 03 | Na periferia,                              |
| 04 | <u>Há muitos.</u>                          |
| 05 | É.. Pessoas com dons, Né?                  |
| 06 | <u>Tem</u> a galera que canta rap,         |
| 07 | <u>Tem</u> a galera <u>que faz</u> poesia, |
| 08 | <u>Tem</u> a galera <u>que canta</u>       |

Retomando a metáfora de RECIPIENTE, as nossas análises identificaram as construções linguísticas dos periféricos como formas de apontar soluções para a violência que se insere na periferia. Tais construções são formas significantes e bem-sucedidas de explicar o que tem de bom dentro da periferia. Todavia, assumimos, de antemão, que a conceptualização

cognitiva de periferia como recipiente, mesmo que possamos ver que coisas boas estão dentro, não é o bastante para a motivação de novas narrativas e de nova História (frise-se o H).

Como se vê, a interação desses participantes vai aos poucos se conduzindo para uma outra perspectiva, permitindo a sobressalência de *frames* sociais, culturais, de pertencimento, como as concepções compartilhadas por um coletivo. Assim, no que diz respeito ao frame de PERIFERIA, acionam-se conceptualizações bem distintas das encontradas anteriormente: a periferia passa a ser vista como um lugar de gente criativa, de artistas, de pessoas que resistem e lutam.

Novamente, aparece a metáfora de GUERRA subjacente ao discurso durante a interação. Contudo os VMets “superar”. *avançando, fortalecer, “e com quem vai chegando*, etc nos permitem um entendimento de que a guerra passa a ser de enfrentamento contra a violência na periferia. E se constitui de pequenas e contínuas batalhas.

Excerto 21

Participante 4(P4)

- |    |                              |
|----|------------------------------|
| 01 | Né?                          |
| 02 | E a partir daí,              |
| 03 | É que a gente vai avançando, |
| 04 | Né?                          |
| 05 | O caminho é..                |
| 06 | É esse eu acho,              |
| 07 | Né?                          |
| 08 | Ir avançando,                |
| 09 | Sempre.                      |
| 10 | Fortalecer o que existe,     |
| 11 | E ir avançando com quem..    |
| 12 | Está,                        |
| 13 | E com quem vai chegando.     |

E nessa luta, o campo de batalha nos surpreende pela renovação dos espaços de resistência.

Excerto 22

Participante 4(P4)

- |    |                     |
|----|---------------------|
| 01 | a juventude..       |
| 02 | Possa tá..          |
| 03 | Exercendo ali a..   |
| 04 | A sua..             |
| 05 | A sua criatividade, |
| 06 | A sua.. arte        |
| 07 | O seu dom, Né?      |

Como podemos observar o tópico discursivo se aprofunda para uma outra conceptualização de periferia. Assim identificamos a seguinte MetSis:

**A ARTE É UM INSTRUMENTO DE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA.**

Assim, o que vale enfatizar é o fato de que há uma metáfora subjacente ao discurso que não está explícita nos veículos metafóricos, mas na complexidade dinâmica do discurso. Essa ideia nos parece um tanto original para a teoria das Metáforas Sistemáticas. Tanto é assim que os participantes se ressignificam em seu fazer periférico sem que tivéssemos agrupados veículos em torno do tópico PAZ.

É, todavia, impossível negar a mudança visível do fluxo da interação, que altera o curso e desafia os estereótipos marcados pelos próprios participantes e impostos pela sociedade. Assinalamos, portanto, que esgotando o que parecia ser uma intrínseca relação entre VIOLÊNCIA e PERIFERIA, e deixando emergir uma metáfora social e discursiva, os participantes reverberam mais um frame metafórico:

**PERIFERIA É PAZ E RESISTÊNCIA.**

Pois, como afirma Ritchie (2022, p. 148), “a relevância da interação pode incluir mudanças em vários contextos, desde o ambiente físico e o social, relacionamentos, caráter, personalidade e intenções da outra pessoa, até mesmo o próprio status social etc.”

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como inspiração a fala de jovens moradores da Serrinha, periferia de Fortaleza, que fazem ou fizeram parte do Viva Palavra, programa de extensão que dialoga com as classes populares e as comunidades das periferias, como já explicitamos.

Participar desse programa proporcionou uma experiência ímpar, me aproximando da juventude, e chamando atenção para a essência periférica que a torna singular, marcada pela linguagem que transforma. Com efeito, esta tese intitulada REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS SOCIOCULTURALMENTE SITUADAS DE VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE JOVENS BRASILEIROS QUE VIVEM NA PERIFERIA DE FORTALEZA se concentrou na análise da interação verbal entre jovens moradores de uma periferia de Fortaleza, e teve como objetivo geral investigar as representações cognitivas socioculturalmente situadas, a saber, as metáforas sistemáticas e frames metafóricos relativos à conceptualização da violência. Em síntese, esta pesquisa investigou como as pessoas em comunidades propensas à violência pensam e falam sobre violência. Tal investigação atingiu o objetivo geral e os objetivos específicos propostos e delimitados no capítulo da introdução, pois forneceu dados condizentes com outras pesquisas realizadas, ou seja, sob o viés da linguística cognitiva, investigando a linguagem figurada, metáforas e *frames*. Além disso, este estudo buscou aprofundar a nossa compreensão do discurso dos jovens moradores da periferia, a partir de diferentes perspectivas: linguística, linguística cognitiva, psicolinguística, estudos da Comunicação, pragmática e sociocultural, enveredando pelos pressupostos da Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980, 1999; Gibbs, 2006), *frames*, *framings* (Goffman, 1974; Lakoff; Johnson, 1980; Ritchie, 2006) e narrativas (Ritchie, 2010, 2017, 2019).

Nesta seção, trazemos uma reflexão sobre os objetivos desta pesquisa, retomando os dados encontrados no *corpus* discursivo, e as análises apontadas anteriormente. Para tanto, no que concerne às questões de pesquisas apontadas no primeiro capítulo, as respostas puderam ser construídas ao longo das análises, sem que ficássemos presos apenas às perguntas, permitindo outras indagações e ampliando o entendimento da fala dos jovens moradores da periferia.

Assim, apontamos aqui as respostas encontradas ao longo desta investigação. Com relação à primeira questão de pesquisa, *qual o papel das representações cognitivas socioculturalmente situadas, como metáforas sistemáticas e frames metafóricos no discurso de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza ao expressarem conceitos sobre a violência com a qual convivem no seu dia a dia?*, verificamos que o papel das representações

cognitivas socioculturalmente situadas está em revelar o pensamento, as concepções e as ideias sobre o fenômeno da violência na periferia, e ao mesmo tempo poder traduzir as emoções e os sentimentos que eles carregam ao lidar com temas sensíveis, como os que se relacionam com a violência e a periferia. Esse entendimento, que resultou das análises das falas dos participantes durante o grupo focal, corrobora a ideia de Cameron e Maslen (2010) de que as metáforas sistemáticas possibilitam a compreensão das ideias, atitudes e valores das pessoas.

Além disso, esse primeiro questionamento nos fez refletir sobre a importância de nossas observações, desde os padrões linguísticos que emergem na interação até as metáforas conceptuais subjacentes no discurso dos jovens moradores da periferia de Fortaleza. Incluindo o comportamento linguístico, o fluxo dos veículos metafóricos, e a sua evolução ao longo da interação, para que de fato, pudéssemos compreender o significado, o pensamento, a crença, e os sentimentos dos jovens periféricos.

Ademais, o fluxo dos tópicos discursivos contribuiu para as nossas análises e interpretações, fortalecendo as nossas conclusões. Desse modo, percebemos que a metodologia aplicada foi de fato importante para a interação. Ainda, os participantes puderam mostrar as suas ideias e conceptualizações possibilitando uma reflexão sobre a sua fala e a fala do outro, uma vez que a interação dinâmica entre eles permitiu a fluidez do discurso. Nesse percurso, compartilharam narrativas e trocas de saberes, ativadas por memórias e projeções.

Sobre a segunda questão de pesquisa, *qual a relevância das metáforas sistemáticas que emergem nos discursos de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza?*, identificamos que as metáforas sistemáticas que emergiram nos discursos de jovens brasileiros que vivem na periferia forneceram instrumentos capazes de revelar uma maior compreensão sobre as questões da violência na periferia de Fortaleza, explorando o ponto de vista dos participantes dessa pesquisa, e possibilitando compreender o contexto ao qual eles estão inseridos. Além disso, proporcionam um entendimento maior sobre os principais tópicos discursivos, revelando aspectos mais sensíveis, e mais humanizados sobre a juventude periférica. Dessa forma, a relevância dessas representações cognitivas está no papel que elas desempenham para os participantes e a pesquisadora. Pois sua relevância está além do fazer científico, mas da possibilidade de um fazer científico, e social do pesquisador, e do potencial retorno para a comunidade.

De forma sucinta, acreditamos, também, que as metáforas sistemáticas, e os *frames* metafóricos, foram ferramentas que nos conduziram a conhecer um pouco mais sobre os sujeitos. Pois consideramos que uma metáfora é um “fenômeno multifacetado, capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções, atitudes e valores” (Cameron; Maslen, 2010, p.

7), deixando de ser meramente uma “instanciação linguística de mapeamentos prontos” para ser considerada como “um processo dinâmico em constante mudança que emerge tanto de fatores cognitivos socioculturalmente situados como de fatores linguísticos [...]” (Pelosi; Lima; Sousa, 2019, p. 58).

Nesse viés, a metáfora como um sistema adaptativo complexo permitiu a compreensão, o raciocínio e a construção de significados durante a interação, conectando sistemas maiores e menores construídos por sujeitos que interagem de maneiras diferentes (Larsen-Freeman; Cameron, 2008). Para ilustrar essa relevância, tomemos as seguintes Metáforas Sistemáticas ativadas pelos participantes desta pesquisa: A VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É SOFRIMENTO PSICOLÓGICO; VIOLÊNCIA NA PERIFERIA É PRECONCEITO SOCIAL; AGRESSORES SÃO AGENTES EXTERNOS. Essas metáforas indicaram uma metáfora de violência, ampliaram a definição de violência, redirecionando o seu significado para o *frame* de saúde mental. Uma questão que precisa ser resolvida dentro dessa perspectiva, direcionando esse problema para ações de esfera governamental, como as secretarias de saúde, uma vez que a problemas psicológicos, e traumas reverberam diretamente na sociedade.

Além disso, apontamos através das MetSis encontradas a necessidade de tratar de questões diversas, como a brutalidade policial, o papel da universidade no enfrentamento à violência, a arte como instrumento contra a violência. Essas, e outras, questões podem ser consideradas como provas da necessidade urgente de que os jovens precisam de aliados nessa luta, de que a solução para o problema da violência vai além do enfrentamento da polícia, das drogas e facções, mas de uma violência estrutural que precisa ser desmascarada em vários setores e esferas. E que não é apenas uma luta interna, mas de toda uma sociedade.

A terceira questão de pesquisa, *como as metáforas sistemáticas que emergem da fala dos jovens participantes da pesquisa revelam crenças, atitudes e sentimentos em relação a situações de violência nas suas rotinas?* nos permitiu corroborar a ideia de que as metáforas sistemáticas funcionam como estabilidades empáticas discursivas, que resultam de vários fatores específicos ao contexto, e que podem ser observados no momento da interação. Nesse sentido, tanto as estruturas conceptuais subjacentes, quanto às variáveis culturais e sociais, bem como os aspectos linguísticos, como os veículos metafóricos, e outras formas de linguagem figurada, foram responsáveis pela engrenagem das metáforas sistemáticas, ou seja pelos sentidos que elas revelaram.

As metáforas sistemáticas revelaram que os participantes têm crenças diversas, moldadas por fatores cognitivos, psicológicos, sociais, culturais, econômicos e familiares.



Especificamente, citamos em primeiro lugar, que as MetSists revelaram uma baixa autoestima, sentimento de insegurança e abandono, medo dos julgamentos sociais baseados em estereótipos. Em segundo lugar, evidenciam as crenças de que eles sofrem injustiça, preconceito, humilhação e crueldade. Em terceiro lugar, a descrença nas instituições de segurança pública, principalmente por suas experiências ligadas à violência policial.

Por outro lado, as MetSists, também, revelaram um forte sentimento de pertencimento e orgulho da periferia. Exacerbaram, também, crença na educação, e na universidade, nos movimentos, e coletivos culturais, como formas de mudança, de enfrentamento a violência, e de resistência.

A quarta questão de pesquisa, como *frames metafóricos moldam e contextualizam as práticas ideológicas dos sujeitos/indivíduos e conduzem para formas de ação e mudança diante do fenômeno da violência?* nos conduziu a uma reflexão mais crítica dos dados. Sobre isso, os resultados revelaram que a ideia de violência dos jovens moradores da periferia de Fortaleza construída ao longo da interação, partiu da percepção e visão do mundo ao seu redor, de como eles se reconhecem no cotidiano e no espaço que vivem, mas principalmente de como eles se sentem percebidos, acolhidos, e julgados pelo outro, e pela sociedade em geral. Todo esse movimento foi percebido no *corpus* em estudo, na interação verbal que se conduziu durante o grupo focal. Em nossas análises, percebemos que há uma relação muito forte entre esses jovens, a periferia, e o estado de pertencimento.

Nessa perspectiva, os jovens periféricos se posicionaram em práticas ideológicas de sujeitos que não são sujeitos passíveis diante do fenômeno da violência, mas que anseiam por mudanças. Ao analisarmos o *corpus* percebemos que diferentes tipos de *frames* foram acionados ao longo da interação. Isso, ao mesmo tempo que instanciou vários *frames* de violência possibilitou o engajamento dos participantes na discussão. Ressaltamos que qualquer que seja o frame identificado eles de certa forma não moldam as práticas ideológicas, não engessam tais práticas, mas possibilitam uma transformação, novas formas que não são fixas, mas que podem exercer uma força dinâmica e transformadora do discurso. Em suma, a alternância de *frames*, *frames* metafóricos são indícios de que é possível transformar o pensamento humano, provocando novas ideias e ideologias, desativando *frames* colonizadores. Dito isso, é importante sublinhar que a linguagem é instrumento dessa transformação, pois, ressignifica nosso pensar e agir através da linguagem e de nossa capacidade cognitiva.

Posto isto, nossas observações se posicionam em que há uma motivação inextricável a cada *frame* que se evoca e emerge, exercendo um poder através da linguagem

metafórica. Dessa ideia, os participantes se mostraram motivados não apenas pela escolha imediata das palavras, mas pela eficiência cognitiva que os conduziu.

Diante dessas considerações, acrescentamos que além de respondermos as questões que propomos para esta pesquisa, também procuramos nos aprofundar e refletir sobre a fundamentação teórica que ancora as metáforas sistemáticas e os *frames* metafóricos.

Assim, em primeiro lugar, esta tese, embora, possa se apresentar como “um eterno inacabado”, possibilitou, mesmo que timidamente, enveredar por questões da análise do discurso, e questões pragmáticas. Em segundo lugar, permitiu ampliar o seu escopo para dar voz e legitimar as falas dos participantes, no nosso caso, direcionar para dar voz e legitimar o posicionamento metafórico dos jovens moradores da periferia de Fortaleza. Como mostramos no *frame* metafórico RESISTÊNCIAS, que envolve toda uma narrativa de luta contra as adversidades que eles mesmos relataram durante o encontro. Em terceiro lugar, permite observar como os participantes se retratam diante do fenômeno da violência, observando aspectos individuais e coletivos da periferia.

Em suma, acreditamos que a própria definição de metáfora adotada nesta tese, como um fenômeno multidimensional linguístico, cognitivo, corpóreo, afetivo e social, possibilita ao pesquisador uma busca atenta e cuidadosa de novos elementos que se revelem em cada interação e em cada discurso. E, defendemos a ideia de que a interação dos participantes possibilita significados para além das palavras e dos veículos metafóricos, como os sentidos construídos nas metáforas sistemáticas. Portanto, defendemos a metáfora como uma engenharia cognitiva tão bem articulada, cujo movimento e força se alimenta da energia fluida do que se diz, do que se escuta, e do que se compreende, e do que se reverbera linguisticamente e pragmaticamente. Ora, isso nos permite defender que um *frame* metafórico inclui camadas de *frames*, metáforas conceituais, metáforas linguísticas, metáforas de narrativas, narrativas e cenários. E dessa forma, chegamos à conclusão que *frames* metafóricos funcionam em consonância com as metáforas sistemáticas. Não sendo necessário determinar o que deve vir primeiro. Além disso, apontamos que a diferença entre um fenômeno e o outro pode estar no caráter temporário e interacional que rege a metáfora sistemática, e o caráter mais estável e discursivo de um *frame* metafórico. De maneira alguma, estamos defendendo um caráter universal. Mas o caráter peculiar e urgente posto em evidência em nossas análises pode surtir efeitos mais assertivos em um determinado grupo ou população.

Outro ponto relevante das nossas conclusões, é que as metáforas conciliam descrições e percepções dos participantes e do pesquisador. Assim propomos a existência de pelo menos três *frames* que constituem um *frame* metafórico: *frame* básico: a realidade descrita

pelos participantes; *frame* conceptual: a realidade subjacente; *frame* interacional: a realidade construída. Desses elementos, resultou o que chamamos nesta tese de *frame* metafórico, uma realidade perceptível.

Além disso, como apresentados no capítulo de análises, encontramos os seguintes *frames* metafóricos:

VIOLÊNCIA É TRAUMA; VIOLÊNCIA É ESCASSEZ; VIOLÊNCIA É PRECONCEITO; A UNIVERSIDADE É O CAMINHO; APARÊNCIA É IDENTIDADE; PERIFERIA É PAZ E RESISTÊNCIA.

Convém ressaltar que os *frames* metafóricos encontrados corroboram a noção de *frames* metafóricos como uma forma particular de pensar sobre um tópico, estão ancorados no discurso, e podem ser acionados por meio do léxico e por meio de projeções metafóricas, por meio de narrativas, e por meio das metáforas sistemáticas. Assim, ressaltamos que identificamos no *corpus* a predominância de narrativas, histórias contadas pelos participantes, incluindo, notavelmente, casos de violência literal e figurativa contra os jovens da periferia, indivíduos e a comunidade.

Por outro lado, identificamos que o sentimento que emerge dessas narrativas fora confrontado com o sentimento de orgulho pela comunidade. Nesse sentido, defendemos narrativas como elementos cognitivos, estruturas armazenadas na memória, que podem ser definidas como tipos especiais de *frames*, à medida que se constroem de diferentes formas, e se combinam formando narrativas maiores, mais complexas, à medida que o cérebro permite a emergência ou ativação de narrativas gerais.

Ampliando nossas reflexões, apontamos que uma investigação cognitiva socioculturalmente situada, como aqui defendemos nesta tese, poderia tomar as narrativas que emergem durante a interação como objeto de pesquisa, numa perspectiva cognitiva direcionada para a identificação de “*frames* de narrativas”. Ou ainda, o aprofundamento das narrativas, ou de metáforas de narrativas, poderiam ser recursos para o conhecimento de metáforas sistemáticas culturais, ampliando concepções metafóricas tanto ao nível da interação, no uso, quanto no nível do discurso, como práticas que precisam ser desconstruídas, e reconstruídas.

Pensamos que também seria interessante investigar outras periferias, buscando identificar *frames*, *frames* metafóricos, verificando se os resultados encontrados seriam congruentes com os resultados desta pesquisa. Essa colocação, também permite tecermos indagações sobre as dimensões temporais e dinâmicas do discurso, pois investigações longitudinais podem revelar evoluções metafóricas que incidem sobre pensamentos e posicionamentos, posturas e atitudes em resposta a eventos sociais e políticos. Assim, uma

investigação que aprofunde as concepções sobre violência e periferia a partir de outros jovens moradores da periferia podem contribuir para uma compreensão ainda mais rica dos mecanismos de construção dos sentidos e das práticas de resistência dos jovens.

Concluimos, portanto, que esta tese traz uma visão profícua sobre a conceptualização de violência e de periferia. Ambas refletem o resultado da interação, a partir de construções complexas e dinâmicas, envolvendo as representações linguísticas, cognitivas, sociais e pragmáticas, que podem ser vistas através das Metáforas Sistemáticas e *frames* metafóricos, como apontamos ao longo das discussões. Em síntese, os achados desta tese não apenas revelam percepção dos jovens a respeito da violência, mas também apontam para a necessidade de transformação de suas realidades, desafiando a naturalização dos atos violentos e fomentando práticas conscientes de luta e resistência. Assim, esta pesquisa reafirma a importância do compromisso acadêmico com o enfrentamento dos problemas sociais e destaca o potencial transformador do diálogo e da linguagem na reconstrução de ideologias, e na transformação que se faz urgente e necessária para a nossa sociedade, e em particular para a juventude periférica.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, H. P. **The Cambridge introduction to narrative**. 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge University Press, 2002.
- ALENCAR, C. N. **Programa Viva a Palavra**: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza. Fortaleza: Mimeo, 2014.
- ALENCAR, C. N. “Tudo aqui é poesia”: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 31, p. 237-256, jan./jun., 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, A. T.; PELOSI, A. C. A categorização como Sistema Adaptativo Complexo no processamento da leitura: fluxo dos atratores no mundo bíblico. **Antares Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 5-17, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18226/19844921.v10.n20.01>. Acesso em: 9 jul. 2020.
- ALMEIDA JÚNIOR, A.; PELOSI, A. Attractor`s Trajectories in the Discursive Emergence of Systematic Metaphor. **Entrepalavras**, v. 14, n. 1, p. 22-48, 2024.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: Palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. M. (org.). **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, p.71-210, 1988.
- BAKHTIN, M. [VOLOSHINOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BECKNER, C. *et al.* Language is a complex Adaptative System: position papper. **Language Learning**, n. 59, Suppl. 1, p. 1-26, Dec. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2009.00533.x>. Acesso em 03 de jan 2025.
- BEZERRA, V. A. **Adversidade e resiliência em metáforas sistemáticas na fala dos índios Pitaguary**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- BORODITSKY, L.; PRINZ, J. What thoughts are made of. In: SEMIN, G. R.; SMITH, E. R. (orgs.). **Embodied grounding**: Social, cognitive, affective, and neuroscientific approaches. Cambridge: Cambridge University Press, p. 98–115, 2008.

CAMERON, L. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. **Discourse and Society**, v. 18, n. 2, p. 197-222, 2007.

CAMERON, L. Using large and small corpora to investigate tuning devices around metaphors in spoken discourse. **Metaphor and Symbol**, n. 18, p. 149-160. 2003.

CAMERON, L. The discourse dynamics framework for metaphor *In*: CAMERON, L.; MASLEN, R. (org.). **Metaphor analysis**: research practice in Applied Linguistics, Social Sciences, and the Humanities. London: Equinox, 2010.

CAMERON, L. et al. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. *Metaphor and Symbol*, v. 24, n. 2, p. 63–89, 2009.

CAMERON, L.; MASLEN, R. **Metaphor analysis**: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities. Sheffield: Equinox, 2010.

CAMERON, L.; PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. M. Metaphorizing violence in the UK and Brazil: a contrastive discourse dynamics study. **Metaphor and Symbol**, Londres, v. 29, n. 1, p. 23-43, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/271939640\\_Metaphorizing\\_Violence\\_in\\_the\\_UK\\_and\\_Brazil\\_A\\_Contrastive\\_Discourse\\_Dynamics\\_Study](https://www.researchgate.net/publication/271939640_Metaphorizing_Violence_in_the_UK_and_Brazil_A_Contrastive_Discourse_Dynamics_Study). Acesso em: 6 jan. 2021.

CARNEIRO, M. F. **Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica**: uma análise cognitivo-discursiva. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8920/1/2014\\_tese\\_mf\\_carneiro.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8920/1/2014_tese_mf_carneiro.pdf). Acesso em: 8 dez. 2020.

CERQUEIRA, D. A. da V. **Daniel Cerqueira et al.** São Paulo: FBSP, 2021.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Trad: J. A. Meireles e E. P. Raposo. Coimbra: Armênio Amado Editora, 1975.

CROFT, W; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge University Press, 2004.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DAMASIO, A. **The strange order of things**: Life, Feeling, and the Making of Cultures. New York: Pantheon, 2018.

DUNBAR, R. I. M. **Grooming, gossip and the evolution of language**. London: Faber and Faber. 1996.

DUQUE, P. H. Discurso e Cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i39.902>. Acesso em: 12 jul. 2020.

DUQUE, P. H. A emergência do comportamento linguístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 14, n. 27, p. 121-172, 2016. Disponível em: <http://revel.inf.br/files/d7997737204fc17606236e3a7dd99081.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

DUQUE, P.H. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. **Scripta**. v. 21, n. 41, p. 21-45, 2017.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive linguistics: an introduction**. Abingdon: Routledge, 2006. 830 p.

FELTES, H. P. M.; PELOSI, A. C.; FERREIRA, L. C. Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros. In: MOURA, H.; GABRIEL, R. (orgs). **Cognição e Linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, A. M. A. Utopia e democracia: os inéditos-viáveis na educação cidadã. In: AZEVEDO, José Clovis *et al.* (org.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2014.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GALLESE, V.; LAKOFF, G. The Brain's Concepts: The Role of the Sensory-Motor System in Conceptual Knowledge. **Cognitive Neuropsychology**, n. 21, p. 1-26, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02643290442000310>. Acesso em: 20 ago 2022.

GARDNER, H. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. São Paulo: EDUSP, 1996.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press, 2010.

GIBBS, R. W. **Embodiment and cognitive science**. New York: Cambridge University Press, 2006.

GIBBS, R. W. **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 2008.

GIBBS, R. W.; CAMERON, L. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. **Cognitive Systems Research**, v. 8, n. 1-2, p. 1-12, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Nova York: Pantheon Books, 1967.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. Nova York: Harper & Row, 1974.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. Nova York: Harper & Row, 1986.

GRADY, J. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. Ph.D. Dissertation – University of California, Berkeley, 1997.

HANGAI, L. A. A framing analysis de goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, [S.l.], oct. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/28658>. Acesso em: 28 jan. 2021.

JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

KELLER, F. S.; SCHOENFELD, W. N. **Princípios de Psicologia**. São Paulo: Herder e EDUSP, 1970.

KERBRAT- ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Armand Colin, 1990.

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: A Practical Introduction. Oxford University Press, v. 3, f. 200, 2002.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge University press: Cambridge, 2005.

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. 2 ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Z. Metaphor universal in literature. **ANTARES**: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 154-168, mai./ago. 2018. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/6587/3423>. Acesso em: 20 out. 2020.

KÖVECSES, Z. **Extended Conceptual Metaphor Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. [org.]. **Metaphor and Thought**. Cambridge University Press, v. 1, f. 339, p. 202-251, 1993.

LAKOFF, G. **Don't think of an Elephant!** Know your values and frame the debate. The Essential Guide for Progressives. Vermont: Chelsea Green, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.



LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; NARAYANAN, S. Toward a Computational Model of Narrative. **AAAI Fall Symposium**. [S.l.], 2010. Technical Report.

LAKOFF, G.; WEHLING, E. **The Little Blue Book**: The Essential Guide to Thinking and Talking Democratic. Simon and Schuster, New York, 2012.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex Systems and Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex Systems and Applied Linguistics**. 4. ed. New York: Oxford, 2012.

LIMA, J. P. R. de. **A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana**: uma análise cognitivo-discursiva. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8282/1/2012\\_dis\\_jprlima.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8282/1/2012_dis_jprlima.pdf). Acesso em: 12 out. 2020.

LIMA, P. L. C. Metáfora e linguagem. In: FELTES, H. P. de M. (org.) **Produção de sentido**: estudos transdisciplinares. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LOPES, V. B. *et al.* Letramentos de reexistência no movimento ensaio rock: um estudo em pragmática cultural no programa Viva a Palavra. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 49-64, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/332001129\\_Letramentos\\_de\\_reexistencia\\_no\\_movimento\\_ensaio\\_rock\\_um\\_estudo\\_em\\_pragmatica\\_cultural\\_no\\_programa\\_Viva\\_a\\_Palavra](https://www.researchgate.net/publication/332001129_Letramentos_de_reexistencia_no_movimento_ensaio_rock_um_estudo_em_pragmatica_cultural_no_programa_Viva_a_Palavra). Acesso em: 18 dez. 2020.

MACEDO, W. K. L. de. **Metáforas sistemáticas no discurso de adultos em processo de aprendizagem de leitura**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2020.

MENDONÇA, R. F.; SIMOES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 187-201, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092012000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 jan. 2021.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13-44.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

NARAYANAN, S. **Embodiment in language understanding**: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions. Tese (Doutorado em Ciências da Computação) - University of California, Berkeley, 1997.

PELOSI, A. C. Social Cognitive Representations of Violence in Urban Brazil: Violence as an Uncontrolled Force. **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 273-296, 2014.

PELOSI, A. C.; ALMEIDA JÚNIOR, A. T. de. Discurso, metáfora e sistemas adaptativos complexos: reflexões a partir de uma prática de leitura com alunos do Ensino Médio. In: **IX Conferência linguística e cognição: diálogos imprescindíveis**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/clingcog/170895-discurso-metaphora-e-sistemas-adaptativos-complexos--reflexoes-a-partir-de-uma-pratica-de-leitura-com-alunos-do-e/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PELOSI, A. C.; CAMERON, L.; FELTES, H. P. M. Urban violence in Brazil and the role of the media: communicative effects of systematic metaphors in discourse. **Metaphor and the social world**, v. 4, p. 27-47, 2014. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19391/1/2014\\_art\\_apelosi.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19391/1/2014_art_apelosi.pdf). Acesso em: 22 jan. 2021.

PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M.; CAMERON, L. A influência da mídia no discurso de vítimas de violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 38-53, jul./dez. 2013.

PELOSI, A. C.; GABRIEL, R. Atitudes intolerantes erguem muros e impedem a construção de pontes: uma análise cognitivo-discursiva da emergência da metáfora sistemática no gênero artigo de opinião. **Signo** (UNISC), v. 1, p. 29-41, 2016.

PELOSI, A. C., LIMA, J. P. R. de; SOUSA, P. R. de. Metaphor as a dynamic complex emergence an analysis of the discourse of violence victims, **Cadernos CESPUC de Pesquisa**. Série Ensaio, Belo Horizonte, n. 35, p. 57-73, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/21156/16228>. Acesso em: 22 jan. 2021.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e representação**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2004.

RITCHIE, L. D. **Context and Connection in Metaphor**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2006.

RITCHIE, L. D. “The ivory tower” on an “unstable foundation”: Playful language, humor, and metaphor in the negotiation of scientists’ identities. **Metaphor and Symbol**, v. 24, p. 90 – 104, 2009.

RITCHIE, L. D. Everybody goes down: Metaphors, stories, and simulations in conversations. **Metaphor and Symbol**, v. 25, p. 123-143, 2010.

RITCHIE, L. D. “Justice is blind”: A model for analyzing metaphor transformations and narratives in actual discourse. **Metaphor and the Social World**, v. 1, p. 70-89, 2011.

RITCHIE, L. D. Metaphor and stories in discourse about personal and social change. In WAGONER, B., JENSEN, E., and OLDMEADOW, J. (eds.), **Culture and social change: Transforming society through the power of ideas**. London, UK: Information Age Publishing, 2012. RITCHIE, L. D. **Metaphor**. Cambridge University Press, 2013.

RITCHIE, L. D. **Metaphorical Stories in Discourse**. Cambridge University Press, 2017.

RITCHIE, L. D. Reclaiming a unified American Narrative: Lexical, grammatical, and story metaphors in a discussion of polarized identities. **Metaphor and the Social World**, v. 9, p. 242-262, 2019.

RITCHIE, L. D. **The “glass ceiling” of CMT: Homeostasis, codes, and metaphor**. Unpublished ms. submitted, 2021.

RITCHIE, L. D. **Thinking, and Talking: How the Embodied Brain Shapes Everyday Communication**. Basingstoke, UK: Cambridge University Press. 2022.

RITCHIE, L. D.; CAMERON, L. Open hearts or smoke and mirrors: metaphorical framing and frame conflicts in a public meeting. **Metaphor and Symbol**, v. 29, p. 204-223, 2014.

SCHANK, R. C.; ABELSON, R. P. Knowledge and memory: The real story. In: WYER, R. S. Jr. (ed.). Knowledge and memory: The real story. **Advances in Social Cognition**, Vol. VIII. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 1-86, 1995.

SCHANK, R. C.; BERMAN, T. R. The pervasive role of stories in knowledge and action. In GREEN, M. C.; STRANGE, J. J.; BROCK, T. C. (eds.), **Narrative impact: Social and cognitive foundations**, p. 287–314. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

SEMINO, E. **Metaphor in Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SEMINO, E.; DEMJEN, Z. The Cancer Card: metaphor, intimacy and humour in online interactions about the experience of cancer. IN: HAMPE, B. (ed.). **Metaphor: Embodied Cognition & Discourse**. Cambridge University Press, 2017.

SEMINO, E.; DEMJÉN, Z.; DEMMEN, J. ‘The Cancer Card: metaphor, intimacy and humour in online interactions about the experience of cancer,’ in B. Hampe (ed.): **Metaphor: Embodied Cognition & Discourse**. Cambridge University Press. 2016.

SEMINO, E. DEMJÉN, Z.; DEMMEN, J. The online use of Violence and Journey metaphors by patients with cancer, as compared with health professionals: A mixed methods study. **BMJ Supportive & Palliative Care**, 2017. Disponível em: <https://spcare.bmj.com/content/bmjspcare/7/1/60.full.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

SEMINO, E.; DEMJÉN, Z.; DEMMEN, J. An Integrated Approach to Metaphor and Framing in Cognition, Discourse, and Practice, with an Application to Metaphors for Cancer. **Applied Linguistics**, v. 39, i. 5, p. 625–645, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/amw028>. Acesso em 21 set 2021.

SHANNON, C. E. **A Mathematical Theory of Communications**. BSTJ, v. 27, p. 379-423 p. 623-56, 1948.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, 1997.

SILVA, A. S. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA A. S.; AMADEU T.; GONÇALVES, M. (orgs.), **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**. Vol. I. Coimbra: Almedina, pp. 1-18, 2004.

SILVA, T. R. da. **A reexistência da periferia em letramentos de jovens MCs: uma análise de signos ideológicos nos jogos de linguagem do rap**. - 2018. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018.

SINIGAGLIA, B. K. Ciência cognitiva: A importância da diversidade. **Intuitio**, v. 1, n. 15, 2022

SOUSA, A. O. de B. **Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra**. 2021. 337f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

TONNETTI, F.A. **A Especificidade da Ciência da Atenção** [da Filosofia da Mente à Neurociência Cognitiva]. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. 2008

VARELA, F. J.; THOMPSON; E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

VEREZA, S. Metáfora e Argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez, 2000.

VION, R. **La communication verbale: analyse des interactions**. Paris: Hachette Supérieur, 2000.

WATSON, J. B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, n. 20, p. 158-177, 1913. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1926-03227-001>. Acesso em: 24 mai 2022.

WIENER, N. **Cybernetics**. MIT Press. 1948.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, SP, Papirus, 1998.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.